



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES - CCHLA
DEPARTAMENTO DE ARTES - DEART
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROFARTES- UFRN

DIVA PERLA PEIXOTO DE MATTOS

TÁ NA AULA, TÁ NO FACE!
A UTILIZAÇÃO DO *FACEBOOK* COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO ENSINO
DE ARTES VISUAIS NA ESCOLA MUNICIPAL GREGÓRIO BEZERRA,
OLINDA, PE.

Natal, 2018

DIVA PERLA PEIXOTO DE MATTOS

TÁ NA AULA, TÁ NO FACE!

**A UTILIZAÇÃO DO *FACEBOOK* COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO ENSINO
DE ARTES VISUAIS NA ESCOLA MUNICIPAL GREGÓRIO BEZERRA,
OLINDA, PE.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito para a obtenção do título de Mestra em Artes.

Área de Concentração: Processo de Ensino, Aprendizagem e Criação em Artes.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Junior Correia Tavares.

Natal, 2018

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Departamento de Artes - DEART

Mattos, Diva Perla Peixoto de.

Tá na aula, tá no face! : a utilização do Facebook como recurso pedagógico no ensino de artes visuais na Escola Municipal Gregório Bezerra, Olinda, PE / Diva Perla Peixoto de Mattos. - 2018.

116 f.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Mestrado Profissional em Artes, Natal, 2018.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Junior Correia Tavares.

1. Redes sociais on-line. 2. Facebook (Rede social on-line). 3. Arte - Estudo e ensino. 4. Educação. 5. Novas mídias. I. Tavares, Rogério Junior Correia. II. Título.

RN/UF/BS-DEART

CDU 7


DIVA PERLA PEIXOTO DE MATOS

**TÁ NA AULA, TÁ NO FACE! A UTILIZAÇÃO DO FACEBOOK
COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO ENSINO DE ARTES VISUAIS
NA ESCOLA MUNICIPAL GREGÓRIO BEZERRA, OLINDA/PE**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Artes.

Aprovada em: 29/08/2018


BANCA EXAMINADORA




Prof. Dr. Rogério Júnior Correia Tavares
Orientador
Universidade Federal do Rio Grande do Norte



Prof. Dr. Marcos Alberto Andruchak
Examinador Interno
Universidade Federal do Rio Grande do Norte



Prof. Dr. Edson do Prado Pflutzenreuter
Examinador Externo à Instituição
Universidade Estadual de Campinas



Prof.ª Ma. Aline Corso
Examinadora Externa à Instituição
Centro Universitário da Serra Gaúcha

A Bernardo de Mattos Manguinho (*in
memorian*), pelo pouco que viveu e o muito
que me ensinou.

AGRADECIMENTOS

A família Mattos, a família Peixoto, a família TECM e a família Unique pelo apoio incondicional, a paciência, o entendimento e o carinho que recebi durante a construção desse trabalho. Que os nossos laços de amor sejam cada vez mais fortes.

Aos grandes professores que cruzaram o meu caminho, como filha, sobrinha, aluna e colega de trabalho, pelos ensinamentos e inspiração. Minha eterna admiração.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, que possibilitou o meu deslocamento entre Recife e Natal durante a realização do curso.

Aos queridos companheiros e companheiras da turma de mestrado pelos nossos encontros compartilhando experiências, angústias, desejos, alegrias e vitórias.

Ao sempre bem humorado prof. Roger Tavares, meu querido orientador, pela disponibilidade, paciência e tranquilidade. A cada conversa um novo desafio. Vencer as fases desse *game* foi enriquecedor.

Em especial aos meus Queridinh@s, pois sem a participação de vocês nada disso teria acontecido.

A inovação não destrói a tradição, ela se nutre dela e se enriquece com ela.

Michel Callon

RESUMO

As redes sociais estão presentes no dia a dia da população urbana mundial, conectando pessoas com interesses em comum de forma interativa, sendo um dos motivos que levou o *Facebook* a tornar-se a rede social digital mais utilizada da atualidade. Apresentando, em sua plataforma, recursos e ferramentas que, aliadas à prática educacional, possibilitam um ensino e uma aprendizagem interativa e colaborativa, o presente trabalho tem como objetivo identificar os potenciais pedagógicos da referida rede, utilizada como recurso metodológico na disciplina de Arte, com os alunos do 6º ao 9º da Escola Municipal Gregório Bezerra, situada na cidade de Olinda, em Pernambuco. Busca apresentar o conjunto de atividades realizadas a partir de conteúdos *online* no grupo fechado “*Tá na Aula, Tá no Face!*”, analisando suas contribuições para o desenvolvimento do pensamento artístico possibilitando a construção de conhecimento dos estudantes de forma não tradicional. Esta é uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, sob o viés da pesquisa-ação participante utilizando a Teoria Fundamentada para a análise dos dados coletados. A partir do relato sobre a criação da internet, do desenvolvimento da sociedade em rede, das comunidades virtuais e das redes sociais, construímos um percurso que nos leva às suas influências na educação. Considerando que essas redes de conexões transformaram o comportamento das pessoas em relação umas as outras, cabe a escola e ao professor acompanhar essas mudanças, pois faz parte do processo educativo de todo cidadão.

Palavras-chave: Redes Sociais. *Facebook*. Ensino de Arte. Educação. Novas Mídias.

ABSTRACT

Social networks are present in the daily lives of the world's urban population by connecting people with common interests in an interactive way, being one of the reasons that led Facebook to become the most used digital social network today. In its platform, resources and tools that, together with educational practice, make teaching and interactive and collaborative learning possible, the present work aims to identify the pedagogical potentials of said network, used as a methodological resource in the Arts discipline, with the students from the 6th to the 9th of the Municipal School Gregório Bezerra, at Olinda city, in Pernambuco. It seeks to present the set of activities carried out from online content in the closed group "Tá na Aula, Tá no Face!" (*It's in the classroom, it's in the Face, in brazilian portuguese language*), analyzing their contributions to the development of artistic thinking, enabling the construction of students' knowledge in a non-traditional way. This is a qualitative bibliographic research, under the bias of the participatory action research using the Grounded Theory for the analysis of the data collected. Starting from the subjects of internet origins, the development of networked society, virtual communities and social networks, we have built a path that leads us to its influences in education. Considering that these networks of connections have transformed the behavior of people in relation to each other, it is up to the school and the teacher to follow these changes, since it is part of the educational process of every citizen.

Keywords: Social Networks. Facebook. Arts Teaching. Education. New Media.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Infográfico sobre a evolução das redes sociais na internet.	35
FIGURA 2 – Quadro apresentando o uso das TIC nas escolas brasileiras em 2016 (Parte 1)	42
FIGURA 3 - Quadro apresentando o uso das TIC nas escolas brasileiras em 2016 (Parte 2)	43
FIGURA 4 – Uso da internet em atividades escolares por alunos.....	44
FIGURA 5 – Uso das redes sociais por alunos	44
FIGURA 6 – Redes sociais utilizadas para trabalhos escolares por alunos	44
FIGURA 7 – Descrição do grupo “ <i>Tá na Aula, Tá no Face!</i> ”	51
FIGURA 8 – Atividade realizada pelos alunos do 6º ano	52
FIGURA 9 – Concurso realizado a partir das atividades do 9º ano	53
FIGURA 10 – Primeira atividade realizada no “ <i>Tá na Aula, Tá no Face!</i> ”	54
FIGURA 11 – Primeira atividade: imagens da cidade de Olinda	58
FIGURA 12 – Segunda atividade: publicação de obras do artista Bajado	59
FIGURA 13 – Terceira atividade: frases com o nome da cidade de Olinda	60
FIGURA 14 – Atividade realizada após a visita ao centro histórico de Olinda	62
FIGURA 15 – Publicações individuais com a <i>#nasladeirasqueandei</i>	63
FIGURA 16 – Separação das fotos	64
FIGURA 17 – Imagens registradas pelos alunos do 8º ano	65
FIGURA 18 – Imagens registradas pelos alunos do 9º ano	66
FIGURA 19 – Primeira atividade: imagens de obras do artista Vincent Van Gogh ...	71
FIGURA 20 – Segunda atividade: comentários sobre o <i>trailer</i> do filme <i>Loving Vincent</i>	72
FIGURA 21 – Segundo vídeo com obras de Van Gogh em animação.....	74
FIGURA 22 – Terceira atividade: Antes e Depois – Desenhos (proposta)	75
FIGURA 23 – Comentários sobre a terceira atividade	76
FIGURA 24 – Álbum de atividades do 6º ano	77
FIGURA 25 – Autorretratos de Van Gogh	78
FIGURA 26 – <i>Selfie</i> com efeito pintura	79
FIGURA 27 – Atividade proposta pelo aluno (parte 1)	80
FIGURA 28 – Atividade proposta pelo aluno (parte 2)	81

FIGURA 29 – Enquete sobre as obras de Van Gogh.....	82
FIGURA 30 – <i>Selfie</i> do artista	83
FIGURA 31 – Tipificação das atividades.....	88
FIGURA 32 – Atividade sobre o vídeo <i>flash mob</i> Beethoven.....	93
FIGURA 33 – Atividade sobre tipografia	93
FIGURA 34 – Atividade sobre o vídeo Pablo Picasso.....	95
FIGURA 35 – Atividade sobre o vídeo origami.....	95
FIGURA 36 – Tipificação das atividades.....	97
FIGURA 37 – Análise das imagens do 8º ano.....	99
FIGURA 38 – Análise das imagens do 9º ano.....	100
FIGURA 39 – Publicação sobre as atividades realizadas no “ <i>Tá na Aula, Tá no Face!</i> ” (parte 1).....	103
FIGURA 40 – Publicação sobre as atividades realizadas no “ <i>Tá na Aula, Tá no Face!</i> ” (parte 2).....	104
FIGURA 41 – “ <i>Tá na Aula, Tá no Face!</i> – EMTI Sagrado Coração de Jesus”	107

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Publicações realizadas entre os anos de 2013 e 2017.

Gráfico 2: Publicações realizadas pela professora.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: As primeiras redes sociais na internet.

Quadro 2: Classificação das publicações.

Quadro 3: Recorrência das publicações.

Quadro 4: Atividades realizadas em 2016.

Quadro 5: Atividades realizadas em 2017.

Quadro 6: Frequência de registros nas imagens do 8º e 9º anos.

LISTA DE ABREVIATURAS

ARPA – Agência de Projetos de Pesquisa Avançada

AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem

CMC – Comunicação mediada por computadores

Darpa – Agência de Projetos de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa dos Estados Unidos

EaD – Ensino a Distância

EJA – Educação de Jovens e Adultos

IFPE – Instituto Federal de Educação de Pernambuco

Inep - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

Moodle - Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment

OCBC – Organização Capital Brasileira da Cultura

ONG – Organização Não Governamental

PC – Computador Pessoal

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

TF – Teoria Fundamentada

TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. CONHECENDO, TECENDO, DESEMBARAÇANDO OS NÓS, NAVEGANDO NA REDE	24
1.1. Caminhos que nos levam à Rede	24
1.2. Os nós e os laços tecendo a Rede.....	29
1.3. A Educação cai na Rede	37
1.4. No mar azul do <i>Facebook</i>	43
2. NO MEIO DO JARDIM ATLÂNTICO ESTÁ A ILHA DE SANTANA ONDE O MAR AZUL DO <i>FACEBOOK</i> INVADIU A ESCOLA.....	48
2.1. A ilha, o mar e os peixes	48
2.2. A rede e a pescaria digital	49
2.3. Tecendo a rede pelas ladeiras de Olinda	53
2.3.1. Imagens que entrelaçam lugares e pessoas	55
2.4. Tecendo a rede com as obras de Vincent Van Gogh	66
2.4.1. Os antigos e os novos laços que estabelecemos entre Van Gogh e o <i>Facebook</i>	67
3. AS TRAMAS DA CONSTRUÇÃO DE UMA REDE EDUCATIVA NAS AULAS DE ARTE A PARTIR DE UMA REDE SOCIAL DIGITAL	83
3.1. A aproximação do campo e a escolha do período estudado.....	83
3.2. Coleta de dados e codificação	85
3.3. Discussão dos resultados.....	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS.....	106
APÊNDICES	111

INTRODUÇÃO

Experiências sobre o uso da tecnologia no ensino são relatadas a todo o momento em vários meios de comunicação, como livros, jornais, revistas, *sites* especializados e televisão, confirmando que a tecnologia faz parte do dia a dia de professores e alunos na escola. Apesar dos avanços tecnológicos que abriram novas possibilidades de ensino e aprendizagem, ainda assim, em muitas unidades de ensino, encontramos professores apropriando-se das tecnologias e usando-as de forma tradicional, sem se aprofundarem nos recursos por elas oferecidos. Pimentel (2011, p. 117) afirma que muitas vezes são por conta da resistência e da discriminação pelo professor e que “conhecer o instrumento de trabalho e as possibilidades que ele oferece é essencial, mas ir além da mera aplicação dessas possibilidades é fundamental”.

Durante as aulas no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), *Moodle* (*Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*), que fizeram parte do primeiro semestre do Programa de Mestrado Profissional em Artes, ProfArtes¹, os relatos dos professores participantes do curso, sobre a sua prática de ensino, mostraram que nem todas as escolas e seus professores receberam capacitação adequada para o uso de tecnologias e muitas escolas apresentam problemas estruturais como: a falta de espaços para computadores, impressoras, televisores e *datashows*; a falta de acesso à internet; a rede elétrica comprometida, entre outros.

Em sala de aula, muitas vezes observamos estudantes com seus aparelhos de telefonia móvel (celular ou *smartphone*) ligados, estejam eles em escolas da rede pública ou privada, com ou sem laboratório de informática. Atualmente a forma de utilização do telefone móvel perdeu a sua característica principal: a de realizar uma comunicação oral. Nesses aparelhos, agora conectados à internet, a conversa é *online*, por meio de mensagens de texto nas redes sociais digitais, pelas quais os alunos ainda podem baixar músicas, publicar fotos, fazer vídeos e enviá-los para os amigos. Para muitos desses alunos, principalmente os da rede pública, a telefonia

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oBD5vg0eMCY> (4:25-7:02 / 9:20-11:55 / 11:56-15:18); <https://www.youtube.com/watch?v=uGiA1KEsJoM&t=1327s> (7:19-21:43) e; <https://www.youtube.com/watch?v=iHm7fy3b3ao> (1:05:16-1:09:59), neste último, um dos trabalhos realizados no “*Tá na Aula, Tá no Face!*”, é apresentado como exemplo do uso das TIC numa escola sem os recursos de tecnologias digitais. Acesso em 17/10/2017.

móvel é mais acessível que os computadores ou *tablets*. Alunos e professores com seus aparelhos de telefonia móvel podem suprir a falta de outros equipamentos. As dificuldades existem e também diferentes formas de lidar com elas. Vivemos em uma sociedade em rede, interativa e multimídia, como bem nos diz Castells (2016). A comunicação é cada vez mais rápida entre as pessoas e, dessa forma, aumenta a quantidade de informações que podemos receber.

Os alunos da Escola Municipal Gregório Bezerra, situada no bairro de Jardim Atlântico no município de Olinda, em Pernambuco, atualmente, utilizam seus aparelhos com acesso à internet e às redes sociais digitais, sendo as mais conhecidas: *Instagram*, *Snapchat*, *WhatsApp*, *Messenger*, *Twitter*, *YouTube* e, a mais utilizada por eles, o *Facebook*.

Fazendo parte dessa rede social digital, não foi difícil aceitar as solicitações de amizade e *seguir* os *Perfis Pessoais* dos alunos. Após certo período, observei que havia um grande número de estudantes seguindo o meu perfil e curtindo as minhas publicações. Dessa observação, surge a iniciativa de criar um grupo fechado e realizar publicações direcionadas a eles. Segundo Pimentel (2011, p. 114), “O uso de tecnologia em Arte não acontece somente em nossos dias. A arte, em todos os tempos, sempre se valeu das inovações tecnológicas para seus propósitos”. Diante dos recursos disponibilizados pelo *Facebook*, vi a oportunidade de utilizá-los como um benefício para tornar as aulas de Arte mais atrativas e interativas. Nasce, assim, o “*Tá na Aula, Tá no Face!*”, objeto de estudo da presente dissertação.

Criado em outubro de 2013, tinha como objetivo aproximar ainda mais os estudantes e, ao mesmo tempo, ser uma fonte de informações e contribuições com a utilização de imagens, vídeos, notícias, textos, *links* úteis para visitas virtuais ou presenciais a museus, *links* de sites sobre arte e artistas das diversas linguagens da arte. Além disso, é mais um espaço para exposição das atividades produzidas em sala, abrindo um leque de opções para enriquecimento do conhecimento em Arte.

Os caminhos trilhados para chegar ao “*Tá na Aula, Tá no Face!*” começam no ano de 2002 quando inicio as minhas atividades como professora de Arte em escolas da rede privada de ensino em Recife, Pernambuco. Na época, as dificuldades estavam relacionadas a sair de uma metodologia de ensino que valorizava as datas comemorativas e, apesar da disciplina Arte ser componente curricular obrigatório, ser a primeira vez que as escolas recebiam uma professora habilitada ao ensino de arte.

Saindo da rede privada e partindo para a rede pública, as dificuldades em relação à metodologia ainda permaneceram. Mais duas unidades de ensino, a Escola Estadual Professor Trajano de Mendonça, em Recife, e a Escola Municipal Gregório Bezerra, em Olinda, anteriormente citada, receberam uma professora de Arte que alterou a forma de ensino e aprendizagem. Saiu-se de um modelo de cópias e reproduções para um baseado na Abordagem Triangular que se utiliza da contextualização, da leitura de imagens e da produção visual, que leva os estudantes a refletirem sobre a criação das obras de arte, bem como os materiais utilizados e sua importância histórica e social (BARBOSA, 2011). Apesar de serem de rede pública, as duas escolas apresentavam realidades diferentes. Na escola estadual, havia mais duas professoras habilitadas em Artes Visuais, recursos físicos e materiais didáticos disponíveis, o que possibilitou o desenvolvimento de atividades que mudaram a rotina das aulas. A municipal era menor, com poucos recursos, sem material didático adequado, inserida numa comunidade de baixa renda e com grande índice de violência.

No ano de 2008, a internet já fazia parte do dia a dia de professores e estudantes. Muitos alunos da escola estadual já tinham acesso às redes sociais digitais. A mais utilizada por eles era o *Orkut*. Nela desenvolvemos algumas atividades, uma vez que muitas informações estavam disponíveis para compartilhamento. As atividades realizadas na escola eram devidamente registradas por fotografias e publicadas nos perfis pessoais dos alunos e no meu. Já na escola municipal, ainda não havia a possibilidade de utilizar essa tecnologia como recurso.

*Pela Internet*², música de Gilberto Gil, é representativa dessa utilização:

Criar meu *website*/ Fazer minha *home-page*/ Com quantos *gigabytes*/ Se faz uma jangada/ Um barco que veleje/ Que veleje nesse *infomar*/ Que aproveite a vazante da *infomará*/ Que leve um *oriki* do meu velho orixá/ Ao porto de um disquete de um micro em Taipé/ [...] Eu quero entrar na rede/ Promover um debate/ Juntar via internet/ Um grupo de tietes de *Connecticut* (...). (GIL, 1997)

Deixar de citá-la é retirar uma parte do processo de construção do presente trabalho. O *Orkut* tornou-se meu primeiro espaço de compartilhamento de informações digitais com os alunos. Essa música, assim como outras, foi utilizada

²

Gravada pela primeira vez em 1997 no CD Quanta, Warner Music.

em alguns momentos durante a realização de atividades. Em pesquisas sobre a referida música, descubro que foi a primeira música lançada e transmitida ao vivo via internet quando não havia *wi-fi*, entre outras curiosidades que envolveram o projeto³.

Em 2009, entro no *Facebook*, sem saber muito bem como utilizar esse site de relacionamentos. Poucos amigos conheciam essa rede social digital e faziam parte dela, porém ela cresce rapidamente durante o período em que saio da escola estadual e permaneço na escola municipal. Com a disponibilidade de horário, passo a fazer parte de outras redes de ensino público, o Instituto Federal de Educação de Pernambuco (IFPE) e a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), nos departamentos de EaD, entrando em contato com o *Moodle*. Conhecer as possibilidades de ensinar e aprender através de um ambiente virtual preparado para receber aluno e professor desperta o interesse de continuar a trabalhar dessa forma na educação básica.

O *Facebook* cresceu como rede social *online*, deixando o *Orkut* para trás e colocando as pessoas cada vez mais conectadas umas com as outras. Suas configurações permitem que sejam criados *Grupos* e *Páginas* onde os participantes podem falar de assuntos de interesse em comum. O acesso à internet aumenta entre os alunos da escola municipal, onde permaneço e atuo como professora de Arte após ter passado pelas demais unidades de ensino. É com os alunos do ensino fundamental, do 6º ao 9º ano, dessa escola que se desenvolve o presente trabalho realizado durante o período em que participei do ProfArtes, nos anos de 2016 e 2017.

Outra música significativa dentro do processo de construção desse trabalho é *A Rede*, de Lenine:

(...) Nenhuma taça me mata a sede/ Mas o sarrabulho me embriaga/
Mergulho na onda vaga/ Eu caio na rede/ Não tem quem não caia. [...] Nenhuma rede é maior do que o mar/ Nem quando ultrapassa o tamanho da Terra/ Nem quando ela acerta, nem quando ela erra/ Nem quando ela envolve todo planeta (...). (LENINE, 1999)

Lenine (2010) explica que a criação dessa música se deu depois de ouvir o som do balanço de uma rede. Isso o fez lembrar “da rede da internet, mais a rede de

³ Mauro Segura, que participou do projeto, conta detalhes dessa história em seu *site*: <http://www.maurosegura.com.br/pela-internet-gilberto-gil/>, acesso em 25/07/2017.

se balançar, a rede de fomentação, a rede estratégia, tantas redes⁴”, o que lhe despertou o interesse por escrever algo sobre esse tema. Em vídeos disponíveis no *YouTube* das referidas músicas, ambos começam com os sons relativos às suas *redes*: a de Gil⁵, com o som de chamada do aparelho de telefone celular; a de Lenine⁶, com o som do balanço da rede.

Foi com essa visão romântica da Rede, representadas através das músicas *Pela Internet* e *A Rede*, que iniciei essa pesquisa buscando respostas para alguns questionamentos: o que é a Rede? Como surgiu? Como alcançou tanto espaço? Como transformou uma sociedade e fez tantas pessoas a ela se renderem? Como ampliou as formas de comunicação? Como as comunidades virtuais surgiram? O que são as redes sociais digitais? Porque temos tantas? O que elas têm de tão atrativo que tantas pessoas querem fazer parte delas? O que têm de tão repulsivo que alguns não fazem parte e, se fizeram, não querem mais? Por que o *Facebook* alcançou tanta popularidade? De que forma ele pode ser utilizado na educação se não é uma rede social digital educativa? Quais as contribuições para o ensino de Arte?

A utilização do *Moodle* através de conhecimentos adquiridos durante capacitação para os trabalhos desenvolvidos nos departamentos de EaD do IFPE e da UFRPE, abriram caminho para uma associação do *Facebook* a um AVA. No *Moodle* as aulas ocorrem de maneira *online* em salas específicas para turmas e disciplinas. Os professores postam vídeos, textos, áudios, imagens e desenvolvem atividades com os estudantes. A informação circula entre os alunos que podem acessá-la através de um computador, *smartphone* ou *tablet*, conectado a internet a qualquer hora e em qualquer lugar. Tudo o que for anexado permanece nesse espaço e pode ser consultado por docentes e discentes sempre que desejarem enquanto a disciplina e sala estiverem ativas. Funciona de forma síncrona (em tempo real) ou assíncrona (em tempo adiantado ou adiado).

Diante do exposto, a presente pesquisa justifica-se destacando que o *Facebook* é uma rede social que possui um intenso volume de informações de

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sRCxB2nI2PQ> (0:52 – 1:10), acesso em 28/09/2017.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7ysEoKtfU2I>, acesso em 25/07/2017.

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aEz7EylZrk0>, acesso em 25/07/2017.

conteúdo digital. Apresenta um modelo de comunicação síncrona e assíncrona - o que parcialmente conceitua um AVA - e permite aos estudantes receberem e repassarem informações, tornando-se, dessa forma, transmissores de conhecimento.

Percebendo que as mudanças geralmente fazem parte do processo criativo que podem ser adotadas na metodologia de ensino quando necessárias, o “*Tá na Aula, Tá no Face!*” ganha uma nova configuração tornando-se, também, um espaço para a realização de atividades da disciplina, pois:

Desconstruir para reconstruir, selecionar, reelaborar, partir do conhecido e modifica-lo de acordo com o contexto e a necessidade são processos criadores desenvolvidos pelo fazer e ver arte, e decodificadores fundamentais para a sobrevivência no mundo cotidiano. (BARBOSA, 2010, p. 100)

Segundo Castells (2016), a interação a partir de pontos múltiplos em uma rede global muda o caráter da comunicação uma vez que integra o texto, as imagens e os sons no mesmo sistema. Torna-se interessante compreender como se configura o auxílio da referida rede social digital nas atividades desenvolvidas com os estudantes, tendo em vista que há uma mudança no comportamento e na forma de se comunicar provocadas pelo acesso à internet.

Sendo o “*Tá na Aula, Tá no Face!*” o objeto de pesquisa do presente trabalho, quais os potenciais pedagógicos oferecidos pela rede social digital *Facebook*? Elaborar atividades dentro de um grupo no *Facebook*, pensadas para melhorar o desempenho dos alunos, transformou-se num desafio.

Diante disso, o presente trabalho teve como objetivo geral a necessidade de pesquisar e identificar os potenciais pedagógicos oferecidos pelo *Facebook* nas aulas de Arte, buscando, junto com os autores e através da análise das atividades realizadas e desenvolvidas no Grupo Fechado “*Tá na Aula, Tá no Face!*”, responder às questões de estudo relativas à pesquisa que são: como a utilização das redes sociais digitais pode contribuir com o desenvolvimento do pensamento artístico? Como elaborar atividades atrativas utilizando as redes sociais digitais? Como incentivar o desenvolvimento e a realização de atividades interdisciplinares, a partir das aulas de Arte, usando as redes sociais digitais?

Portanto, os objetivos específicos desdobraram-se em:

- Apresentar atividades desenvolvidas no *Facebook* a partir de conteúdos disponíveis *online*;
- Analisar as contribuições das atividades para o desenvolvimento do pensamento artístico dos estudantes e;
- Estimular a realização de atividades através das redes sociais digitais que possibilitem a construção de conhecimento dos estudantes de forma não tradicional.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, sob o viés da pesquisa-ação participante utilizando a Teoria Fundamentada (TF) para a análise dos dados coletados. A pesquisa qualitativa, segundo Martins (2004), privilegia uma análise através do estudo das ações individuais e coletivas, atenta aos aspectos da realidade que não podem ser quantificados. A pesquisa bibliográfica, segundo Gerhardt e Silveira (2009), é feita a partir do levantamento de referenciais teóricos com o objetivo de recolher informações para obter respostas ao problema levantado.

A pesquisa-ação, segundo Thiollent e Colette (2014, p. 212) “deve contribuir para transformar processos, mentalidades, habilidades e promover situações de interação entre professores, alunos e membros do meio social circundante”, sendo a mais adequada para pesquisas na área de educação. Ela apresenta o acesso a inovações educacionais como um dos aspectos dessa ação.

A Teoria Fundamentada mostra-se mais adequada para a análise dos dados coletados no meio digital, pois permite ao pesquisador experimentar o campo empírico. Segundo Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p. 84) “o objetivo da teoria fundamentada é gerar uma teoria conceitual que reporte um padrão de comportamento que seja relevante e problemático para aqueles envolvidos”, a partir da observação, coleta, comparação e análise sistemática dos dados.

A pesquisa está estruturada em três capítulos, antecédidos dessa introdução e sucedidos pelas considerações finais. No primeiro capítulo, apresentaremos a base conceitual, tendo como referenciais bibliográficos o pensamento teórico de Castells (2016), Lévy (1999) e Musso (2010), sobre o conceito de Rede; Santaella (2010) e suas contribuições sobre as transformações culturais das sociedades ocidentais no fim do século XX; Arriaga (2009), Bauman (2011), Couto (2015), Recuero (2009) e Santos (1989) sobre os *nós* e os laços formados nas redes sociais; Amante (2014), Moreira e Januário (2014), Phillips, Baird e Fogg (2011) e Santi e Garattoni (2015) sobre a rede social *Facebook*.

O segundo capítulo apresentará o ambiente escolar, o Grupo “*Tá na Aula, Tá no Face!*” e o conjunto de atividades realizadas nos anos de 2016 e 2017, juntamente com as contribuições de Barbosa (2010) e Pimentel (2011), sobre o ensino de arte e a Abordagem Triangular; Ferraz e Fusari (2009), sobre a metodologia do ensino de Arte; Parsons (2010), sobre arte e currículo; Barthes (1984) e Flusser (2011), sobre a fotografia; Salles (2006), sobre os processos de criação; e Moreira e Januário (2014), sobre os recursos metodológicos do *Facebook*.

No terceiro capítulo, apresentaremos a análise dos dados coletados durante as atividades realizadas pelos estudantes no “*Tá na Aula, Tá no Face!*” com as contribuições de Fragoso, Recuero e Amaral (2011), sobre a TF e Loizos (2002) sobre a fotografia como documento de pesquisa, dialogando com os autores anteriormente citados.

Dentro das considerações finais destacamos que os avanços tecnológicos contribuem para as mudanças que ocorrem na sociedade. Essas redes de conexões transformaram o comportamento das pessoas em relação umas as outras. Laços são criados e desfeitos num piscar de olhos. Acompanhar essas mudanças faz parte do processo educativo de todo cidadão. A escola e o professor devem acompanhá-la.

“Por volta do ano 700 a.C. ocorreu um importante invento na Grécia: o alfabeto.”

(Manuel Castells)

1. CONHECENDO, TECENDO, DESEMBARAÇANDO OS NÓS, NAVEGANDO NA REDE.

A criação e o desenvolvimento da internet, integrando vários modos de comunicação em uma rede interativa, alcançou uma dimensão histórica similar à invenção do alfabeto na Grécia. Criada a partir de uma estratégia militar, a internet tinha por objetivo ser um “sistema de comunicação invulnerável a ataques nucleares” (CASTELLS, 2016, p.101), fruto do trabalho da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA) do Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Quando aliada à tecnologia digital, aumentou sua capacidade de envio de mensagem textual, sonora e de imagens. Dessa forma, a internet favoreceu a ampliação das comunidades virtuais, ou seja, redes de relacionamentos que podem ser um reflexo dos relacionamentos existentes ou de novos relacionamentos a partir das afinidades encontradas *online*, cujo significado é conectado à internet. Não são comunidades presenciais, porém são atuais do ponto de vista da comunicação e interação.

1.1. Caminhos que nos levam à Rede

Neste trabalho, trataremos das comunidades virtuais, especificamente dos potenciais pedagógicos da rede social digital *Facebook* no ensino de Arte. A arte e a tecnologia caminham juntas desde que o homem passou a utilizar instrumentos para se expressar. Dessa forma, faz-se necessário acompanhar, em linhas gerais, o desenvolvimento da transformação tecnológica que, juntamente com as transformações econômicas, sociais e culturais, fundamenta a sociedade em rede prenunciada por Castells (2016). Observando tendências que já estavam presentes nas décadas finais do século XX, o autor vê a formação de uma nova estrutura social “constituída por redes em todas as dimensões fundamentais da organização e da prática social” (*Ibid.*, p. 12).

Ao longo de sua evolução, o ser humano desenvolveu diferentes formas de comunicação: através da imagem, com as pinturas rupestres registradas em cavernas de diversos continentes; através da linguagem oral, que permitia o recebimento da mensagem em seu contexto real; e através da escrita, que alterou a maneira de receber a mensagem, tornando-a passível de interpretações diversas e

abrindo, assim, “um espaço de comunicação desconhecido pelas sociedades orais” (LÉVY, 1999, p. 15). As mudanças na forma do ser humano comunicar-se alteram também os sistemas de códigos e crenças produzidos historicamente, ou seja, sua cultura (CASTELLS, 2016, 414). Uma das definições de cultura apresentada por Santaella (2010) é que “a cultura é a parte do ambiente que é feita pelo homem”. Ela afirma que as definições são numerosas, mas que há um consenso:

(...) sobre o fato de que a cultura é aprendida, que ela permite adaptação humana ao seu ambiente natural, que ela é grandemente variável e que se manifesta em instituições, padrões de pensamento e objetos materiais. Um sinônimo de cultura é tradição, o outro é civilização, mas seus usos se diferenciam ao longo da história. (*Ibid.*, p. 31)

Do ponto de vista da antropologia cultural, duas áreas ou temas de estudos apontados por Santaella (2010, p. 46), a aculturação e a continuidade da cultura, reforçam esse consenso. A aculturação é o processo de transferência de elementos culturais entre grupos que são postos em contato. A continuidade da cultura é o compartilhamento de elementos culturais de uma geração à outra por meio do aprendizado. Algo pode ser acrescentado ou perdido e isso potencializa uma mudança contínua na cultura. As transformações culturais que ocorreram nas sociedades ocidentais nas décadas finais do século XX causaram um impacto na divisão que existia entre a cultura erudita e a cultura popular. Ainda, segundo Santaella (2010, p. 52), os meios de comunicação de massa, tais como jornais, cinema, fotografia, rádio e televisão, abrem espaço para a chamada *cultura de massas*.

A televisão foi o meio de comunicação em massa, ou grande mídia, que mais se destacou nesse período. Apresenta-se um novo sistema de comunicação pelo qual as mensagens visual e sonora eram enviadas por alguns aparelhos e, simultaneamente, recebidas por milhões de telespectadores em aparelhos e lugares diferentes. Esse momento representou o fim de “um sistema de comunicação essencialmente dominado pela mente tipográfica e pela ordem do alfabeto fonético.” (CASTELLS, 2016, p. 416). A televisão seduziu os espectadores, estimulando o

entretenimento, associado à *síndrome do mínimo esforço*⁷, padrão comum da sociedade vigente, o que pode explicar a rapidez com que fez parte do dia a dia das pessoas.

A televisão, com seu apetite voraz, devoradora de quaisquer formas e gêneros de cultura, tende a diluir e neutralizar todas as distinções geográficas e históricas adaptando-as a padrões médios de compreensão e absorção. Além disso, graças aos satélites, desde a memorável descida do homem na lua, milhões de telespectadores, em qualquer parte do globo, podem estar unidos em qualquer ponto do olhar. (SANTAELLA, 2010, p. 56)

Os meios de comunicação em massa alcançaram todas as classes sociais, sem distinção, por estarem ligados ao consumo, deixando esta marca no século XX: a transição de uma sociedade de produção para uma sociedade de consumo (BAUMAN, 2011⁸). Os produtos culturais fornecidos pelos meios de massa mudaram o cenário da cultura erudita e da cultura popular. A *cultura de massas* tendeu “a dissolver a polaridade entre o popular e o erudito, anulando suas fronteiras” (SANTAELLA, 2010, p. 52). Cumulativa, a cultura humana permite a “interação incessante de tradição e mudança, persistência e transformação” (*Ibid.*, p. 57).

Com o termo *cultura das mídias*, Santaella (2010, p. 53) aponta para uma dinâmica cultural que diverge da dinâmica da *cultura de massas* pelo trânsito de informações através dos meios de comunicação. As mídias se interligam. A mesma mensagem pode ser transmitida através de meios diferentes: rádio, jornais, revistas, livros, televisão, cinema, dentro das especificidades de cada um. E, assim, aumentam a distribuição, difusão e o consumo dos produtos culturais. Na definição de Lévy (1999, p. 61), “a mídia é o suporte ou o veículo da mensagem”. Novas tecnologias transformaram o mundo da mídia a partir dos anos 1980, fazendo com que qualquer meio de comunicação passasse a ser chamado de *mídia*.

O rádio e a televisão são aparelhos que apresentam uma tecnologia avançada em relação aos outros meios de comunicação como jornais, livros e revistas. Apresentando um avanço tecnológico diferenciado e ainda maior em relação a estes, o computador torna-se o principal marco da revolução tecnológica do século XX. Criado com objetivos bélicos durante a Segunda Guerra Mundial, sua

⁷ Associada “as condições de vida em casa após longos dias de árduo trabalho e na falta de alternativas para o envolvimento pessoal/cultural” de espectadores preguiçosos que preferem o caminho de menor resistência. (CASTELLS, 2016, p. 416).

⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=POZcBN0-D4A> (1:10 – 1:23). Acesso em 30/08/2017.

primeira versão comercial foi desenvolvida em 1951 e deixou para trás 30 toneladas de peso e um tamanho que ocupava a área total de um ginásio esportivo. Apenas na década de 1970, a microeletrônica muda tudo através do microprocessador, que consegue colocar um computador dentro de um *chip*, promovendo a comercialização dos microcomputadores chamados de Computador Pessoal (PC). Durante as duas últimas décadas o século XX, o aumento da capacidade dos *chips* resulta no aumento da capacidade dos microcomputadores. Os novos computadores da década de 1990 são portáteis, versáteis, possuem uma maior capacidade de memória e seus recursos de processamento transformam a maneira de compartilhar a informação. Uma rede que conectava computadores já estava em funcionamento de forma interativa e isso abre espaço para a expansão da internet (CASTELLS, 2016, p 97-99). A internet transforma a comunicação humana e é a *espinha dorsal* da comunicação mediada por computadores (CMC), pois ela “é a rede que liga a maior parte das redes” (*Ibid.*, p. 430).

A expansão da comunicação sem fio através, principalmente, dos telefones celulares, que aumentaram a capacidade de conectividade com a internet, provoca uma nova revolução na comunicação. O uso da internet em dispositivos sem fio transforma o celular no meio de comunicação de massas que teve a maior difusão da história. No início dos anos 2000, o número de usuários de telefones celulares ultrapassa o número de usuários de telefones fixos no mundo (CASTELLS, 2016, p. 19). Nesse mesmo período, só nos Estados Unidos, a internet alcançou sessenta milhões de pessoas em três anos, enquanto a televisão e o rádio levaram quinze e trinta anos, respectivamente, para conseguir o mesmo feito. Na recente pesquisa *Digital in 2017* sobre o alcance das mídias sociais no mundo, realizada pela agência *We Are Social*⁹ juntamente com *HootSuite*¹⁰, a internet já alcança 3.773 bilhões de pessoas no mundo (DIGITAL IN 2017a). Dessa forma, podemos dizer que:

A passagem dos meios de comunicação de massa tradicionais para um sistema de redes horizontais de comunicação organizadas em torno da internet e da comunicação sem fio introduziu uma multiplicidade de padrões

⁹ Maior agência de publicidade do mundo, com alcance global e especializada em mídias sociais. Foi fundada em 2008 por Robin Grant e Nathan McDonald como resposta às mudanças que vinham acontecendo no mercado de comunicação. Disponível em: <https://wearesocial.com/>. Acesso em 20/08/2017.

¹⁰ Plataforma segura de gerenciamento de mídias sociais; fundada em 2008 por Ryan Holmes. Disponível em: <https://hootsuite.com/pt/>. Acesso em 20/08/2017.

de comunicação na base de uma transformação cultural fundamental à medida que a virtualidade se torna uma dimensão essencial da nossa realidade. (CASTELLS, 2016, p. 11)

Essas transformações culturais foram denominadas por Lévy (1999) de *cibercultura* e por Castells (2016), de *cultura da virtualidade real*. As duas afirmam a sua ligação com o virtual¹¹ por conta das redes digitais interativas. Porém, a definição de Castells (2016, p. 24) para essa denominação é a mais significativa quando diz que as “redes digitalizadas de comunicação multimodal passaram a incluir de tal maneira todas as expressões culturais e pessoais a ponto de terem transformado a virtualidade em uma dimensão fundamental da nossa realidade”.

Dentro desse novo sistema de comunicação, agora digital e com potencial interativo, que integra diferentes veículos de comunicação, o termo *multimídia* se fortalece. A multimídia não diverge das culturas tradicionais e, sim, incorpora-as em toda sua diversidade. Se a cultura das mídias já havia rompido a barreira entre a cultura popular e a erudita, na multimídia, todas as expressões culturais “vêm juntas nesse universo digital que liga, em um supertexto histórico gigantesco, as manifestações passadas, presentes e futuras da mente comunicativa” (CASTELLS, 2016, p. 454-455), construindo um ambiente simbólico e tornando a virtualidade nossa realidade.

O desenvolvimento das tecnologias digitais com a criação e expansão da internet mostra que a grande responsável por essas mudanças foi a relação com o usuário. O avanço apresentado pela *Web 2.0*, “com vários programas e funções compartilhadas em um mesmo ambiente, aproveitando os efeitos de rede para se tornarem melhores e mais interativos à medida que são usados por mais pessoas” (LOYOLA, 2009, p. 62), contribuiu de forma significativa para o avanço das redes sociais e, conseqüentemente, das comunidades virtuais. O ser humano sempre teve a tendência de viver em grupo ou em comunidade. Porém, o que vemos na sociedade atual, denominada por Castells (2016) de *sociedade em rede*, é que a identidade coletiva ou individual torna-se a fonte básica de significado social em um mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens.

¹¹ Virtual é o que existe na prática, embora não estrita ou nominalmente, e real é o que existe de fato. (CASTELLS, 2016, p. 455). Segundo o Dicionário Online de Português, virtual significa não real, simulado eletronicamente; possível, que pode ser colocado em prática. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/virtual/>. Acesso em 25/09/2017.

Cada vez mais, as pessoas organizam seu significado não em torno do que fazem, mas com base no que elas são ou acreditam que são. Enquanto isso, as redes globais de intercâmbios instrumentais conectam e desconectam indivíduos, grupos, regiões e até países, de acordo com sua pertinência na realização dos objetivos processados na rede, em um fluxo contínuo de decisões estratégicas (*Ibid.*, p. 65).

Dessa forma, apresentados os caminhos percorridos pelos meios de comunicação até o advento da internet, é importante entender como a sociedade em rede se desenvolve.

1.2. Os nós e os laços tecendo a Rede

Não há um conceito ou definição única de *Rede*. Para Musso (2010, p. 22), a ideia de rede como o *mito do vínculo* existe desde a Antiguidade e, tomando por empréstimo diversas contribuições, ele afirma que “a rede é uma estrutura de interconexão instável, composta de elementos em interação, e cuja variabilidade obedece a alguma regra de funcionamento” (*Ibid.*, p. 31). Para Lévy (1999, p. 17), “o ciberespaço (que também chamarei de ‘rede’) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores” e envolve a comunicação digital, o universo de informações disponibilizadas e os seres humanos que o alimentam e nele navegam de forma interativa, apesar da distribuição geográfica, ocorrendo em tempo real ou não.

É através da criação da internet que Castells (2016) elabora o seu conceito de rede que denomina essa sociedade. Os chamados *guerreiros tecnológicos* da Darpa (Agência de Projetos de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa dos Estados Unidos), deveriam construir um sistema de comunicação imune ao ataque soviético durante a Guerra Fria. Eles conseguiram realizar uma arquitetura em rede que não podia “ser controlada a partir de nenhum centro e é composta por milhares de redes de computadores autônomas com inúmeras maneiras de conexão, contornando barreiras eletrônicas” (*Ibid.*, p. 65). O que entendemos por rede é que ela é um conjunto de pontos ou nós que se comunicam entre si. Esses *nós* podem ser os fios de um tecido, estradas, tubos, vasos sanguíneos, pessoas, organizações, emissoras de TV, computadores etc. Kastrup (2010) esclarece a relevância do nó para a rede desta forma:

O que aparece nela como único elemento constitutivo é o nó. Pouco importam suas dimensões. Pode-se aumentá-la ou diminuí-la sem que

perca suas características de rede, pois ela não é definida por sua forma, por seus limites extremos, mas por suas conexões, por seus pontos de convergência e de bifurcação. Por isso a rede deve ser entendida como base numa lógica de conexões, e não numa lógica das superfícies. (*Ibid.*, p. 80)

Tanto Castells (2016) quanto Lévy (1999) acreditam que a rede contribui para a construção de comunidades virtuais. Os milhões de usuários espalhados pelo mundo fornecem conteúdo e dão forma à teia da rede por serem consumidores e também produtores da internet. A origem desse alcance vem do primeiro nó estabelecido por sua base comum: o mundo universitário. Os primeiros internautas foram os universitários que ajudaram a desenvolver e difundir a comunicação eletrônica pelo mundo (CASTELLS, 2016, p. 438). De certa forma, “a explosão da rede se explica porque ela nunca serviu apenas a fins militares. Ao contrário, ela sempre serviu a redes científicas, institucionais e pessoais” (SANTAELLA, 2010, p. 87).

Tendo a internet como meio de comunicação interativa, as comunidades virtuais se desenvolveram de acordo com interesses ou fins em comum, provocando debates quanto aos laços criados ou desfeitos socialmente. Citando artigos escritos por Barry Wellman entre 1996 e 1999, Castells (2016, p. 441-443) aponta as considerações desse autor quanto às comunidades virtuais. Para Wellman, as *comunidades virtuais* e as *comunidades reais* são formas diferentes de comunidades e não estão em lados opostos. Quanto às comunidades virtuais, o autor afirma que “São comunidades, porém não são comunidades físicas e não seguem os mesmos modelos de comunicação e interação das comunidades físicas. Porém, não são ‘irreais’, funcionam em outro plano da realidade” (*Ibid.*, p.443). São interpessoais, pois os usuários ingressam nessas comunidades pelos mesmos interesses. Funcionando tanto de forma *online* quanto *off-line*, elas oportunizam novos vínculos sociais entre pessoas de características sociais diversas para além dos limites socialmente definidos. Os laços estabelecidos entre os participantes dessas comunidades ora são fortes ora são fracos, porém úteis, e a rede é o ambiente propício para que a ligação entre as pessoas aconteça. Para Recuero (2009, p. 41), os laços são construídos através das relações sociais constituídas no tempo através das interações sociais, dessa forma, os laços fortes reforçam a conexão entre duas pessoas que já se conhecem ou que possuem intimidade; já os laços fracos são as relações sem intimidade ou proximidade e que ocorrem esporadicamente.

Em uma visão sociológica, desde que nascem, os indivíduos fazem parte de uma rede social baseada em múltiplas e diferentes relações. A posição que um indivíduo ocupa dentro da estrutura de uma rede deve ser levada em consideração, pois cada um tem seu papel e valoriza certos vínculos que são particulares ou universais (SANTOS, 1989). A tecnologia digital dá um novo sentido às redes sociais por conta do poder de comunicação estabelecido pela internet. As ferramentas da *Web 2.0* contribuem para a criação e desenvolvimento de sites de redes sociais interativas que apresentam a possibilidade do compartilhamento de arquivos de conteúdo digital.

Para Recuero (2009, p. 24), “uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: *atores* (pessoas, instituições ou grupos; os *nós* da rede) e suas *conexões* (interações ou laços sociais)”. Utilizando as ferramentas da CMC, as redes sociais encontraram o espaço adequado para sua construção e socialização. Estabelecidas em plataformas tecnológicas amigáveis e fáceis de utilizar, permitem que vários usuários interajam entre si sem a necessidade de estarem conectados durante as 24h do dia. Para ter acesso a elas, é preciso ter um perfil social com informações básicas, como nome, idade e *e-mail*. Funcionam como um repositório de informações que são geradas em qualquer ponto do planeta. Isso quer dizer que, mesmo que o usuário esteja desconectado, as informações são recebidas e podem ser verificadas quando houver um novo acesso. Cada rede social possui características diferentes: as mais comuns são usadas para entretenimento e lazer, mas há especializadas em perfis profissionais e personalizadas. Estas últimas estão em crescimento no momento. Em cada uma delas, os usuários interagem de diferentes maneiras de acordo com as características da rede a que estão ligados (COURSERA, 2017). As primeiras redes sociais na internet surgem no final da década de 1990, como vemos no *Quadro 1*.

Quadro 1: As primeiras redes sociais na internet.

REDES SOCIAIS NA INTERNET		
Ano	Nome	Descrição
1996	6 Degrees	A primeira rede social recebe o nome da teoria dos seis graus de separação. Segundo essa teoria, seriam necessários apenas seis laços de amizades para chegar a pessoas importantes.
1999	Napster	Rede de compartilhamento de músicas que gerou polêmica durante um tempo por conta dos direitos autorais; muito utilizada por jovens.
2001	Wikipédia	Seu conteúdo de informações é produzido pelos participantes, o que caracteriza o êxito desta rede.
2003	MySpace	Sua finalidade é o contato com outros usuários através de interesses comuns. Uma rede para fazer amigos, focada nos jovens que compartilhavam suas músicas ou de suas bandas favoritas.
2003	LinkedIn	Rede social sobre informações profissionais, para conhecer pessoas de seu próprio ambiente de trabalho ou para novos contratos.
2004	Orkut	Filiada ao <i>Google</i> . Criou uma ferramenta que permitia aos usuários saberem quem visitou o seu perfil. Em 2006, outra ferramenta permitia incluir vídeos do <i>YouTube</i> .
2005	YouTube	Constrói seu conteúdo de armazenamento de vídeos através dos usuários
2006	Facebook	Tornar-se-ia a rede social mais popular do mundo.

2009	WhatsApp	Permite a troca de mensagens instantâneas entre os usuários. Atualmente realiza chamada de vídeo. Comprado pelo <i>Facebook</i> em 2014.
2010	Instagram	Apresenta a utilização de filtros digitais para a publicação de fotos e vídeos. Em 2012 é comprado pelo <i>Facebook</i> .
2013	Snapchat	Possibilita aos seus usuários a utilização de desenhos e textos em fotos e vídeos que ficam <i>online</i> por um curto período de tempo.

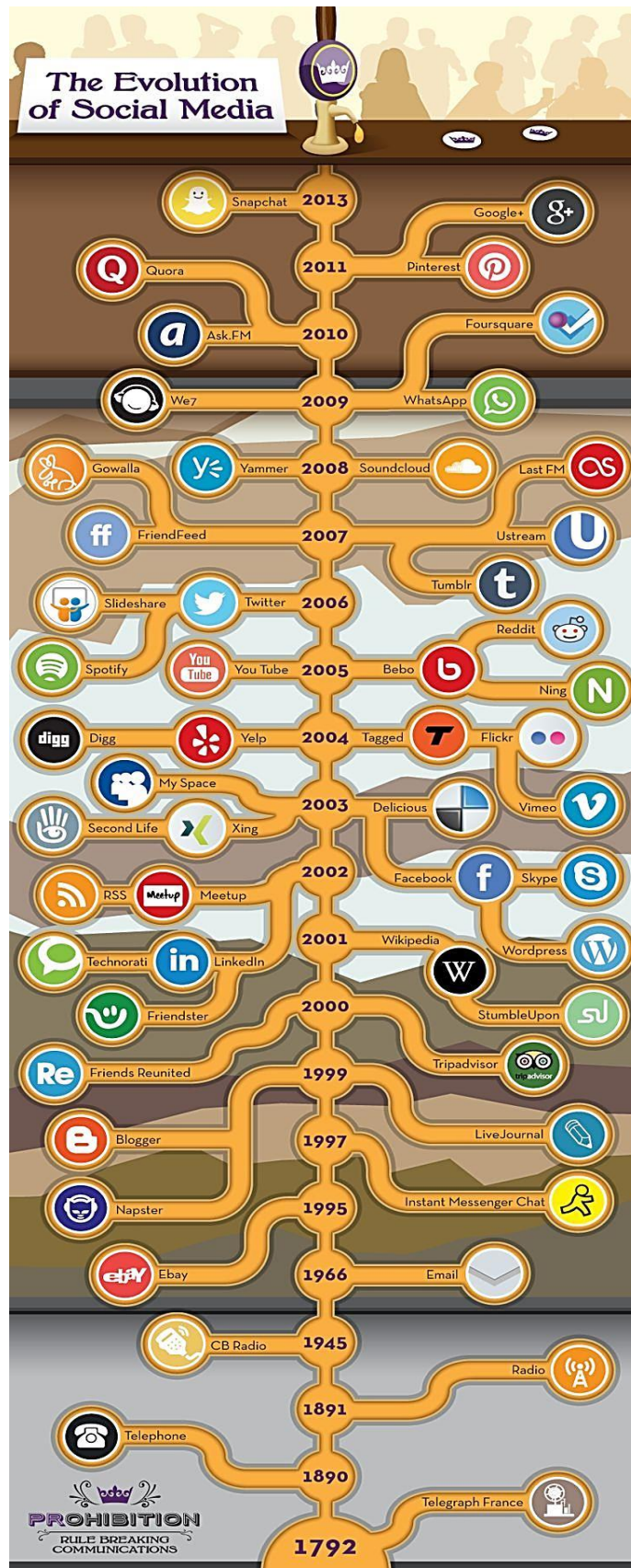
Fonte: Da autora (2017), adaptado de COURSERA. (COURSERA, 2017a).

O alcance das redes sociais na internet só aumentou com o passar do tempo. A estatística *Digital in 2017* (DIGITAL IN 2017) nos informa que o número de usuários com acesso às redes sociais chegou a 2.789 bilhões no mundo inteiro. Em dados da mesma pesquisa realizada na América do Sul, o Brasil apresenta 139.1 milhões de usuários conectados à internet e 122 milhões com acesso às redes sociais (DIGITAL IN 2017a). Na *Figura 1*, vemos um infográfico produzido por uma empresa britânica¹³. Nele, é possível observar o grande número de redes sociais que foram criadas. Apesar de incompleto, pois nem todas as redes sociais *online* conhecidas estão presentes, percebemos que, em pouco tempo, muitas surgiram à medida que a internet também foi evoluindo.

¹³

Elaborada por <http://prohibitionpr.co.uk>. Acesso em 01/08/2017.

Figura 1 - Infográfico que mostra o surgimento de algumas redes sociais na internet.



Fonte: <http://www.frikipandi.com/public/post/infografia-con-la-evolucion-del-social-media/> Acesso em 01/08/2017.

Hoje em dia, está cada vez mais difícil não fazer parte de uma rede social *online*. Para muitas pessoas, estar fora dessas redes sociais é estar fora de um universo de informações que circulam de forma muito rápida. A necessidade de manter-se atualizado e de apresentar-se socialmente é cada vez mais comum. A identidade dos atores, tão significativa na sociedade em rede, está sempre em construção. Fazem parte desse processo o “ver e o ser visto”, pois é dessa forma que se realizam as conexões com os nós da rede. O ciberespaço funciona, ao mesmo tempo, como um espaço privado e público. Privado, a partir do momento em que cada perfil construído é pessoal. Público, a partir do momento em que todos esses perfis estão juntos e disponíveis para interação dos atores da rede (RECUERO, 2009, p. 25-27).

Quanto mais conectados aos nós da rede, mais suas redes funcionam. Alguns aspectos e valores são importantes para que a rede se mantenha ativa. São eles: a *visibilidade*, ou seja, a sua presença na rede; a *reputação*, que é a impressão que o ator causa no outro a cada publicação; a *popularidade*, associada à quantidade e não à qualidade dos nós e; a *autoridade* ou o poder de influência de um ator. Esses aspectos e valores são interligados e ocorrem ao mesmo tempo, muitas vezes um depende do outro, como no caso da autoridade, que está relacionada à reputação (RECUERO, 2009, p. 108-115).

Se, por um lado, as redes sociais na internet abriram espaço para fortalecer e criar laços, por outro, a forma como elas vêm sendo utilizadas provoca discussão quanto a sua positividade e negatividade. Entre os pontos positivos ressaltados por Arriaga (2009), estão o reencontro com pessoas conhecidas que estão afastadas há tempos; os contatos afetivos; a solidariedade diante de situações de crise; o compartilhamento de momentos especiais com quem faz parte de sua rede ou não; e as informações atualizadas sobre diversos temas. Bauman¹⁴ (2011) acredita que as chamadas por ele de “amizades de *Facebook*” não são construídas através de laços humanos, sendo essa a diferença entre a comunidade e a rede. Para ele, todo indivíduo nasce em uma comunidade, já a rede é feita e mantida viva pelo ato de “conectar e desconectar”. Na comunidade, relações são construídas por laços

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=POZcBNo-D4A> (17:23 – 22:07). Acesso em 30/08/2017.

humanos, nas redes, por laços sociais. Romper os laços humanos é mais difícil, doloroso, porém sadio e necessário, ou seja, uma “benção e uma maldição”. Já os laços sociais são tão fáceis de serem feitos quanto desfeitos, o que se transformou no maior atrativo das redes sociais *online*.

Arriaga (2009) ressalta como pontos negativos o fato de que, sem uma configuração de privacidade adequada, o risco é expor-se demais; falsas identidades podem ser criadas na inscrição dos perfis, causando o risco de serem utilizadas por pessoas capazes de praticar crimes virtuais ou físicos. Além disso, elas podem tomar muito tempo dos usuários quando não se tem o controle adequado do horário, causando distrações em momentos importantes.

Vimos anteriormente com Recuero (2009) que a visibilidade é um dos valores necessários para a manutenção das redes sociais *online*. A ambivalência entre o público e o privado constitui um dos aspectos negativos ressaltados por Couto (2015). Em um momento em que as redes sociais digitais mais utilizadas valorizam a exposição dos atores através de suas narrativas pessoais, existe uma preocupação com a invasão de privacidade. Dessa forma, Couto usa o argumento de que “a privacidade é um valor atrofiado da modernidade que só sobrevive como fantasma na cultura digital. Nossa época valoriza a exibição de si, e as intimidades reais ou inventadas invadem e dominam nas redes sociais.” (*Ibid.*, 51).

Conectados a diversos aparelhos eletrônicos, principalmente aos de tecnologia móvel, que colocam o mundo na palma da mão e tornam as pessoas acessíveis e disponíveis, Couto (2015) afirma que a conectividade torna-se uma obrigação, um modo de existir, “tornamo-nos ávidos produtores e consumidores de subjetividades borbulhantes que circulam e não cessam de aparecer em nossos ‘eus’ que circulam em telas.” (*Ibid.*, p. 55). Gerenciar a ambivalência entre o público e o privado é como gerenciar a ambivalência entre a segurança e a liberdade. Para Bauman¹⁵ (2011), “Segurança sem liberdade é escravidão. Liberdade sem segurança é um completo caos”. Não é possível viver sem os dois, porém ainda não foi possível encontrar a “mistura perfeita” entre os dois. É um perde e ganha. Mais segurança, menos liberdade; mais liberdade, menos segurança. Entre tantos laços e

¹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=POZcBNo-D4A> (22:08 – 23:34). Acesso em 30/08/2017.

nós, a rede é tecida; sem forma definida, mesmo quando ultrapassa o tamanho da Terra. Caímos na rede, estamos na rede. Dessa forma, “aprender a conviver e educar onde tudo tem que ser compulsoriamente veloz, fluido, volátil e deslizando tornou-se o maior desafio da nossa época.” (COUTO, 2015, p. 55).

1.3. A Educação cai na Rede

As mudanças dos meios de comunicação também influenciaram a educação. De certa forma, ensinar e aprender, hoje em dia, sem a utilização dos recursos tecnológicos disponíveis, é estar um passo atrás em relação ao que ocorre com a sociedade. Para Nunes (2008, *apud* GARCIA, 2013) “A educação, sozinha, não tem condições de atender a demanda da sociedade atual sem se aliar às tecnologias”. A internet é um local que possui muita informação disponível para quem tem acesso a ela. Atualmente metade da população urbana mundial a possui, sendo 46% usuários ativos de internet móvel. No Brasil, já somos 66% da população urbana acessando a internet e, destes, 52% são usuários ativos de internet móvel (DIGITAL IN 2017a). A escola, como um todo, tem a necessidade de estar preparada para o ensino e a aprendizagem dos indivíduos situados dentro das estatísticas da inclusão digital, bem como dos excluídos digitais, uma vez que, para muitos desses, a escola passa a ser o local onde ocorre o primeiro acesso às tecnologias (GARCIA, 2013).

Em 2008, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) desenvolveu um projeto de melhoria da prática docente aliada ao uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Os chamados *Padrões de Competência em TIC para Professores* são diretrizes para o planejamento de programas educacionais e treinamento de professores pensando no desenvolvimento profissional destes “que utilizarão as habilidades e recursos de TIC para aprimorar o ensino, cooperar com os colegas e, talvez, se transformarem em líderes em suas instituições” (UNESCO, 2009, p. 5). No primeiro parágrafo do documento, afirma-se que:

Para viver, aprender e trabalhar bem em uma sociedade cada vez mais complexa, rica em informação e baseada em conhecimento, os alunos e professores devem usar a tecnologia de forma efetiva, pois em um ambiente educacional qualificado, a tecnologia pode permitir que os alunos se tornem: usuários qualificados das tecnologias da informação; pessoas que buscam, analisam e avaliam informação; solucionadores de problemas e tomadores

de decisões; usuários efetivos e criativos de ferramentas de produtividade; comunicadores, colaboradores, editores e produtores; cidadãos informados, responsáveis e que oferecem contribuições. (*Ibid.*, 2009, p. 1).

O projeto ainda reforça a pretensão da criação de um:

(...) vínculo entre a reforma do ensino e o crescimento econômico e desenvolvimento social, capaz de melhorar a qualidade da educação, reduzir a pobreza e a desigualdade, aumentar o padrão de vida e preparar os cidadãos de um país para os desafios do século XXI. (*Ibid.*, 2009, p.6).

Elaborados em 1998, pelo Ministério da Educação do Brasil, com a participação de diversos educadores durante seu processo de construção, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), documento de apoio para os professores do Ensino Fundamental e Médio, já demonstravam a preocupação quanto ao uso da tecnologia nas escolas e têm como um de seus objetivos que o aluno seja capaz de “saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimento” (BRASIL, 1998). Em sua apresentação, o documento afirma a necessidade da revisão dos currículos de forma a atender a nova demanda social, respeitando tanto a diversidade como os referenciais comuns do país:

O papel fundamental da educação no desenvolvimento das pessoas e das sociedades amplia-se ainda mais no despertar do novo milênio e aponta para a necessidade de se construir uma escola voltada para a formação de cidadãos. Vivemos numa era marcada pela competição e pela excelência, onde progressos científicos e avanços tecnológicos definem exigências novas para os jovens que ingressarão no mundo do trabalho. (*Ibid.*, 1998)

Os dois discursos abordam questões de políticas curriculares que enfatizam a importância da introdução das TIC no processo de ensino e aprendizagem, de forma que, utilizando-as, torna-se possível alcançar as transformações sociais almejadas, reforçando a sintonia entre a escola, a sociedade e o mercado de trabalho. Outros documentos foram produzidos com a mesma intenção, são eles: o Relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, em 2001, também pela UNESCO, e o documento Metas Educativas 2021, em 2010, pela Organização dos Estados Ibero-Americanos. Neles há uma universalização dos discursos relacionados ao uso das TIC nas escolas e o papel do professor nesse processo. Porém, seria a educação básica, oferecida pelas escolas, a mais adequada na formação de cidadãos aptos para o mercado de trabalho? Esses documentos demonstram preocupação com um ensino de qualidade pela construção do

conhecimento ou com o crescimento econômico do país? Segundo Farias e Dias (2013), apenas o uso das TIC nas escolas não é garantia de uma educação de qualidade:

O que é possível deduzir dos discursos presentes nos textos analisados é que, mesmo reconhecendo transformações na sociedade relacionadas ao conhecimento, os documentos limitam a relação do conhecimento produzido na escola ao mercado atual de trabalho, sem aprofundamento dos vínculos com o cotidiano da aprendizagem escolar. [...] É importante lembrar que pensar uma educação de qualidade passa necessariamente pela questão do conhecimento: possibilitar ao estudante ir além do seu mundo cotidiano, entendendo-o e ampliando-o. (*Ibid.*, p. 100-101).

A sociedade muda e a educação necessita acompanhar essas mudanças. O papel do professor é fundamental para que os alunos tenham a oportunidade de aprenderem com o apoio da tecnologia. Para que isso ocorra, a escola e as salas de aula precisam estar equipadas, e os professores, habilitados. O intuito deste trabalho não é saber até que ponto as escolas e os professores estão capacitados para o uso das TIC, porém algumas informações podem ser consideradas uma vez que uma rede social digital é o seu objeto de estudo.

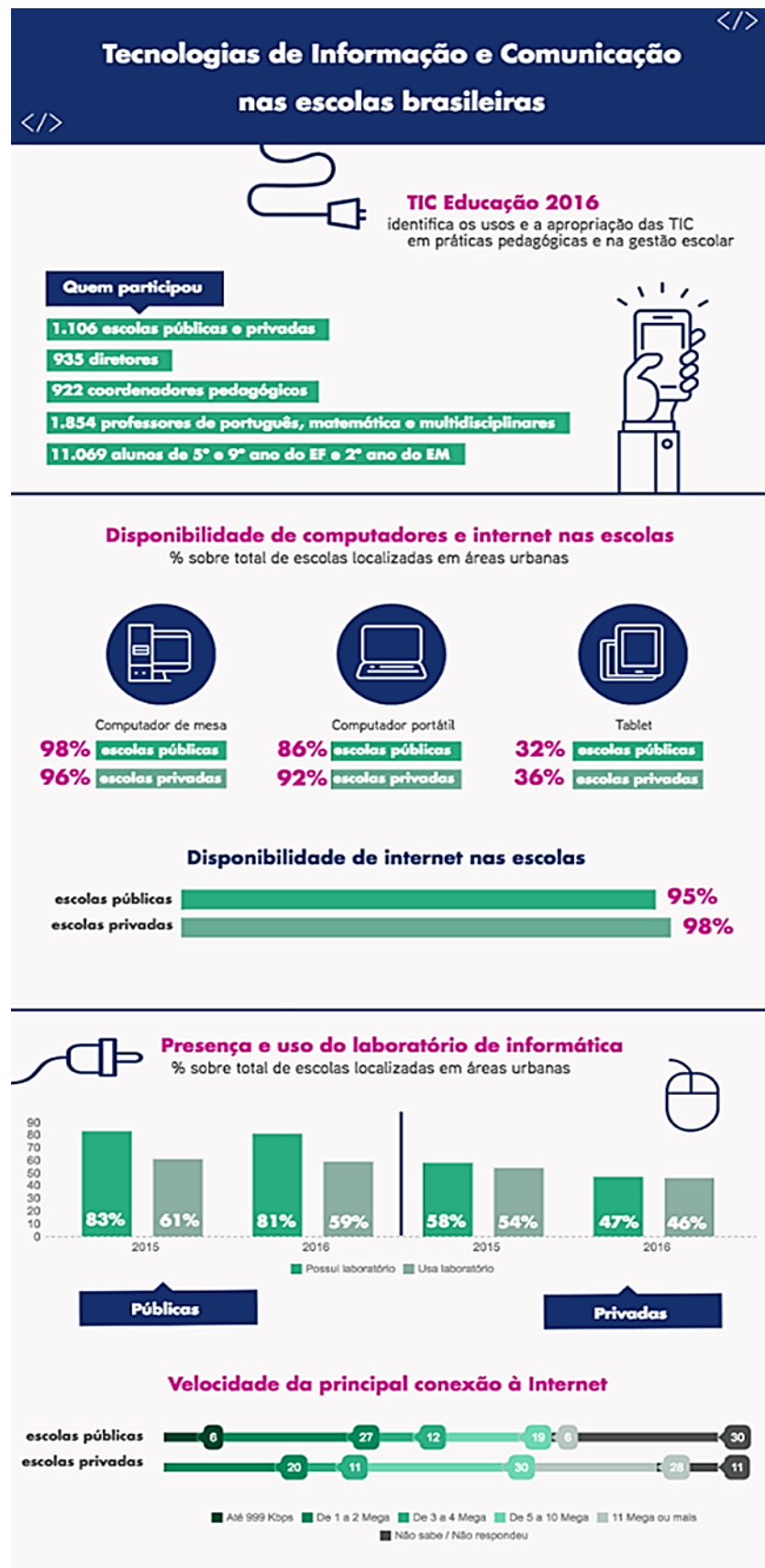
Em recente pesquisa realizada pela Cetir.br¹⁶ sobre o uso das TIC nas escolas brasileiras, os dados nos mostram que a disponibilidade do uso da internet na escola é de quase 100%; que o celular é o principal equipamento utilizado por alunos e professores para esse acesso e que o uso das tecnologias em atividades pedagógicas pelos professores alcançou um número considerável. Essa pesquisa é realizada desde 2010, através da seleção de escolas cadastradas no Censo Escolar, e é conduzida pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), com alunos do Ensino Fundamental e Médio, gestores, coordenadores e os professores das disciplinas de Português e Matemática, buscando “avaliar a infraestrutura das TIC em escolas públicas e privadas de áreas urbanas e a apropriação dessas nos processos educacionais” (CETIR.BR, 2017). Para a realização das pesquisas, são usados os instrumentos de coleta de dados referenciados pela:

¹⁶ Criado em 2005 o Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação tem a missão de monitorar a adoção das tecnologias de informação e comunicação (TIC) – em particular, o acesso e uso de computador, Internet e dispositivos móveis. Disponível em: <http://www.cetic.br/pesquisa/educacao/>. Acesso em 15/08/2017.

(...) *International Association for the Evaluation of Educational Achievement* (IEA), divulgado em duas publicações: *Sites 2006 (Technical Report – Second Information Technology in Education Study)* e *Sites 2006 (User Guide for the International Database)*. Utilizou-se também como referência o guia para medição das TIC na educação (*Guide to measuring information and communication technologies in Education*) do Instituto de Estatística da UNESCO. Partindo das referências internacionais disponíveis, a metodologia e os questionários foram construídos com o objetivo de atender às especificidades do universo escolar do Brasil. (*Ibid.*, 2016).

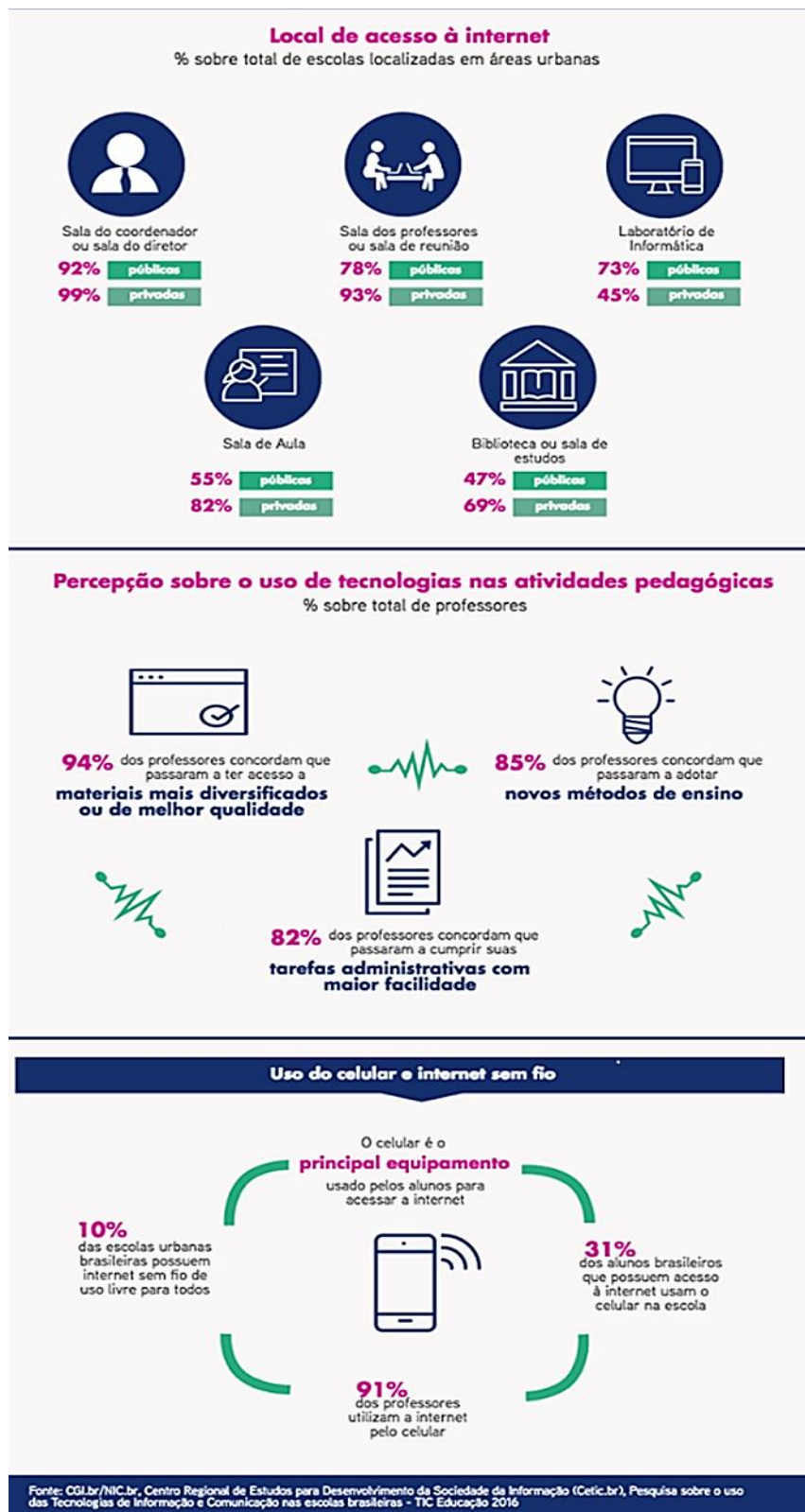
Na *Figura 2* e na *Figura 3*, apresentamos um quadro com as informações da pesquisa em linhas gerais. Existe um detalhamento quanto ao uso da internet por alunos em atividades escolares na *Figura 4*; por redes sociais digitais utilizadas na *Figura 5*; e por redes sociais digitais utilizadas em atividades escolares na *Figura 6*, apresentadas, neste trabalho, pelo percentual total dos estudantes pesquisados sem distinção de gênero, região e série (CETIR.BR, 2017).

Figura 2 - Quadro apresentando o uso das TICs nas escolas brasileiras em 2016 (Parte 1).



Fonte: <http://porvir.org/celular-avanca-nas-escolas-mas-conectividade-ainda-limita-novas-praticas/>. Acesso em 18/08/2017.

Figura 3 - Quadro apresentando o uso das TICs nas escolas brasileiras em 2016 (Parte 2).



Fonte: <http://porvir.org/celular-avanca-nas-escolas-mas-conectividade-ainda-limita-novas-praticas/>. Acesso em 18/08/2017.

Figura 4 - Uso da internet em atividades escolares por alunos.

E1 - ALUNOS, POR USO DA INTERNET EM ATIVIDADES ESCOLARES
Total de alunos usuários de Internet

Percentual (%)	Fazer pesquisa para a escola	Fazer trabalhos sobre um tema	Realizar trabalhos em grupo	Fazer lição ou exercícios que o professor passa	Fazer trabalhos escolares com colegas a distância	Fazer apresentações para colegas de classe	Jogar jogos educativos	Falar com o(a) professor(a)	Participar de cursos on-line	Outra tarefa
TOTAL	93	90	85	82	74	59	58	38	24	6

Fonte: Cetir.br. <http://www.cetic.br/pesquisa/educacao/>. Acesso em 15/08/2017.

Figura 5 - Uso das redes sociais digitais por alunos.

E6 - ALUNOS, POR REDES SOCIAIS UTILIZADAS
Total de alunos usuários de Internet

Percentual (%)	Facebook	WhatsApp	Instagram	Snapchat	Twitter	Outra
TOTAL	82	80	47	38	26	5

Fonte: Cetir.br. <http://www.cetic.br/pesquisa/educacao/>. Acesso em 15/08/2017.

Figura 6 - Redes sociais digitais utilizadas para trabalhos escolares por alunos.

E8 - ALUNOS, POR REDES SOCIAIS UTILIZADAS PARA TRABALHOS ESCOLARES
Total de alunos usuários de Internet

Percentual (%)	WhatsApp			Facebook			Instagram			Snapchat			Twitter			Outra	
	Sim	Não	Não possui perfil nesta rede social	Sim	Não	Não possui perfil nesta rede social	Sim	Não	Não possui perfil nesta rede social	Sim	Não	Não possui perfil nesta rede social	Sim	Não	Não possui perfil nesta rede social	Sim	Não
TOTAL	55	25	20	34	47	18	5	42	53	4	34	62	4	23	74	2	3

Fonte: Cetir.br. <http://www.cetic.br/pesquisa/educacao/>. Acesso em 15/08/2017.

Podemos verificar que, apesar do alto número de alunos utilizando as redes sociais digitais, poucos as utilizam em trabalhos escolares. Essa não é a real função das redes sociais digitais, porém algumas, como o *Facebook*, permitem que os educadores apropriem-se de suas ferramentas para utilizarem-nas como recurso em suas aulas.

1.4. No mar azul do *Facebook*

O *Facebook* surge no ano de 2004 a partir da ideia de quatro amigos (Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Eduardo Saverin e Chris Hughes), estudantes universitários, que criam uma rede de comunicação para compartilhar opiniões e fotos, num primeiro momento, apenas para os alunos da Universidade de *Harvard* nos Estados Unidos. Os estudantes interagiam através do conjunto de redes de interesses em comum. As trocas de informações eram sobre filmes, músicas, livros favoritos e também sobre cursos e eventos realizados nas universidades. No mesmo ano de fundação, o *Facebook* alcança as universidades de *Stanford*, *Columbia* e

Yale. Entre os meses de maio e outubro de 2005, essa rede social digital atingiu mais de 800 instituições de ensino superior, abriu espaço para estudantes do ensino médio, passou a incluir faculdades internacionais e, no fim desse ano, chegou a 6 milhões de usuários. Em setembro de 2006, abriu-se o cadastro para qualquer pessoa que quisesse fazer parte da rede, o que a levou a ter 12 milhões de usuários no final desse mesmo ano. Em junho de 2017, atingiu a marca de 2 bilhões de pessoas conectadas (FACEBOOK, 2017a).

O *Facebook* é uma rede social digital de acesso gratuito, o que a torna acessível a um grande número de pessoas, sendo, dessa forma, considerada a maior do mundo. As informações básicas necessárias para fazer o cadastro são: nome, data de nascimento, gênero, *e-mail* ou número de telefone e senha. É exigida a idade mínima de 13 anos para o cadastro de novos perfis, o que obedece à Lei de Privacidade dos Estados Unidos e aconselha, em seu documento para educadores, que o usuário se informe sobre a legislação aplicada em cada país em relação ao uso da internet pelas crianças. Segurança e privacidade dos menores de idade são pontos importantes, pois o referido documento afirma que é preciso estar atento a essas configurações, pois elas são mais rígidas para quem tem menos de 18 anos e só funcionam se as informações do cadastro estiverem corretas (PHILLIPS; BAIRD; FOGG, 2011).

Após a criação do perfil, é possível iniciar a rede de amigos enviando uma *Solicitação de Amizade*. A interação acontece no *Feed*¹⁷ *de Notícias*, espaço onde são visualizadas as atualizações publicadas pelo grupo de amigos. Essas atualizações aparecem de acordo com as conexões e atividades realizadas por cada usuário, ou seja, o *Facebook* considera mais interessantes as histórias dos perfis ou páginas com as quais existe uma maior interação. Porém, é possível alterar o que cada usuário quer ver, ajustando as configurações de sua conta (FACEBOOK, 2017). O fato de *escolher* as histórias que farão parte do *Feed de Notícias* foi objeto de alguns estudos realizados por universidades americanas e pesquisadores do *Facebook* para saber até que ponto as atualizações influenciam no comportamento e nas emoções dos usuários. Um dos estudos, o *Experimental evidence of massive-*

¹⁷ Feed, em língua inglesa, significa alimentação. Neste caso é o espaço de “alimentação de notícias” da sua rede. Disponível em: <https://www.linguee.com.br/ingles-portugues/traducao/feed.html>. Acesso em: 22/07/2017.

scale emotional contagion through social networks (Evidência experimental de contágio emocional em massa via redes sociais), publicado na revista científica *The Proceedings Of The National Academy Of Sciences* (PNAS), em 2014¹⁸, mostrou que é possível alterar o humor dos usuários já que o *Facebook* manipula

(...) o que você vê na sua *timeline*. Isso é definido por um algoritmo que se chamava *EdgeRank*, foi criado pelo próprio *Face* e originalmente seguia três critérios: afinidade (o quanto você interage com o autor daquele *post*), engajamento (número de *likes*, comentários e compartilhamentos que o *post* teve) e tempo (notícia velha não tem vez). Hoje, o algoritmo é muito mais complexo – segundo o *Facebook*, calcula mais de 100 mil variáveis, ajustadas de acordo com cada usuário. (SANTI; GARATTONI. 2015).

Ainda segundo Santi e Garattoni (2015), as redes sociais digitais mexem com o núcleo *accumbens*, uma região que fica no meio do cérebro e regula o chamado *sistema de recompensa*, ou seja, cada *curtida* que recebemos no *Facebook* ativa-o e provoca a liberação da dopamina, que é um neurotransmissor que nos dá prazer. Isso provoca uma mudança no comportamento dos usuários, tornando difícil desconectar-se ou manter-se longe do celular.

Com a disponibilização de acesso para todos, inclusive marcas, empresas, organizações e celebridades, o *Facebook* criou a função *Páginas* com recursos que podem ser mais bem utilizados por esses usuários, diferenciando-os dos *Perfis Pessoais*. Já a função *Grupos* foi criada para as pessoas conversarem sobre assuntos de interesse em comum. Os Grupos podem ser abertos, fechados ou secretos, de acordo com as configurações de segurança, sendo os *Grupos Fechados* os aconselhados para o trabalho com os estudantes. Muitas vezes cada usuário escolhe fazer parte de um grupo, outras vezes somos adicionados e permanecemos se desejarmos. Atualmente é possível criar até três *Perguntas de Segurança* para os participantes responderem quando solicitarem a entrada no grupo, dificultando o acesso de pessoas desconhecidas (FACEBOOK, 2017), uma vez que alguns estudantes utilizam nomes e imagens fictícias em seus *Perfis Pessoais*, esse é um recurso que ajuda a identificá-los.

¹⁸ O estudo é assinado por Adam Kramer, cientista de dados do *Facebook*; Jamie Guillory, do *Tobacco Control Research and Education* da Universidade da Califórnia; e Jeffrey Hancock, do Departamento de Comunicação e Ciência da Informação da Universidade de *Cornell*. Disponível em: <http://www.pnas.org/content/111/29/10779.2> . Acesso em: 27/07/2017.

Desde sua criação, muitas mudanças foram feitas no *site*. Hoje, podemos acessar o *Facebook* tanto por computadores, como através de aparelhos de telefone celular, *smartphones* e *tablets* desde que estejam conectados à internet. “O *Facebook* oferece uma longa e crescente lista de recursos, bem como ferramentas para amarrar as funções do *site* em outros aplicativos baseados na *Web*.”¹⁹ (EDUCAUSE, 2007).

Os laços humanos formados entre professor e aluno na escola transformam-se em laços sociais através de redes sociais digitais como o *Facebook*. Estender o que acontece em sala de aula para uma rede social digital e interativa é consequência das mudanças vivenciadas na sociedade. Saímos dos espaços e meios de transmissão de conhecimentos tradicionais, sem nos esquecermos deles, apropriando-nos do ambiente virtual e de seus recursos, buscando novas metodologias de ensino e aprendizagem.

Dentre as razões que levam os adolescentes a terem acesso a redes sociais digitais como o *Facebook*, está o fato de continuarem em contato com os amigos e manterem contato - que se perderia com o passar do tempo - com outros e, assim, reforçando amizades dentro desse espaço social. Assim, o *Facebook* dá lugar a:

(...) processos de construção de identidade dos jovens. Atualmente, estar nas redes sociais constitui uma forma de gerir a própria identidade, estilo de vida e relações sociais. Quando um jovem faz comentários positivos sobre os seus amigos, está a favorecer a possibilidade de também os seus amigos fazerem comentários positivos sobre si próprio (AMANTE, 2014, p. 35).

Além disso, Amante (2014) afirma que, para muitos jovens e adolescentes, o *Facebook* funciona como uma continuação da vida *off-line*. Eles cometem erros, testam os limites sociais, procuram aprovação e fazem novas amizades. Sem conseguirem estabelecer limites, acabam expondo-se em demasia, tornando-se vulneráveis a ponto de correrem riscos desnecessários.

Trabalhar pedagogicamente com o *Facebook* requer do professor entendimento sobre o uso dessa plataforma e alguns cuidados para que o ensino e a aprendizagem sejam proveitosos. Familiarizados, é possível envolver os alunos

¹⁹ Tradução livre para “*Facebook offers a long and growing list of features, as well as tools to tie the site’s functions into other Web-based applications*”.

em sua disciplina de forma colaborativa e integrada. Criando Páginas ou Grupos, os professores precisam estabelecer algumas regras de comportamento, da mesma forma que acontece nas salas de aula presenciais.

Uma rede social *online* criada por estudantes, sem o objetivo de ser educativa, que oferece ferramentas e aplicativos fáceis de serem utilizados por todos e, em que a maioria dos usuários são adolescentes e jovens em idade escolar, possibilita que o professor reinterprete “a forma de ensinar e de aprender num contexto mais interativo e participativo” (MOREIRA; JANUÁRIO, 2014, p. 78). E assim, navegando nesse mar de cor azul chamado *Facebook*, surge o Grupo Fechado “*Tá na Aula, Tá no Face!*”, buscando reinterpretar a forma de ensinar e aprender Arte.

2. NO MEIO DO JARDIM ATLÂNTICO ESTÁ A ILHA DE SANTANA ONDE O MAR AZUL DO *FACEBOOK* INVADE A ESCOLA.

Neste capítulo apresentaremos o ambiente escolar e as turmas participantes, juntamente com as mudanças que ocorreram na pesquisa para chegarmos ao presente trabalho. Apresentaremos, com mais detalhes, o processo de construção do grupo “*Tá na Aula, Tá no Face!*”, suas primeiras publicações, seu desenvolvimento desde sua criação em 2013 e algumas atividades realizadas nesse período.

2.1. A ilha, o mar e os peixes

A Escola Gregório Bezerra está situada na comunidade da Ilha de Santana no bairro de Jardim Atlântico, em Olinda. Os nomes da comunidade e do bairro contribuem positivamente com as palavras *rede* e *mar*, que fazem parte dessa pesquisa. Construída em 1989, a escola recebe estudantes nas modalidades da Educação Infantil, do Ensino Fundamental I e II, e da EJA (Educação de Jovens e Adultos), nos turnos da manhã, tarde e noite. A Ilha de Santana é uma comunidade que possui difícil acesso, tem alto índice de violência e baixo índice econômico. A escola é a única pública municipal do bairro que recebe estudantes do Ensino Fundamental II. Parte dos estudantes mora na comunidade onde a escola está inserida, porém outros precisam deslocar-se de onde moram, pois, em sua comunidade, não há escola que os recebam.

Fazendo parte da comunidade escolar desde o ano de 2008, vivenciei algumas mudanças que provocaram evasões de alunos e mudanças nas turmas da escola. Durante 7 anos, a escola funcionou em um prédio alugado pela prefeitura, pois o atual estava correndo risco de desabamento. As dificuldades que o novo prédio apresentava muitas vezes não permitia que o horário de aulas fosse cumprido. As salas não comportavam a quantidade de alunos à qual a escola estava habituada. Após a reforma, voltando-se ao prédio-sede, o número de alunos continuou o mesmo.

Faz-se necessário ressaltar que esse dado pode estar relacionado ao fato de, na rede pública de ensino, apenas as escolas da rede estadual de Pernambuco oferecem a modalidade de Ensino Médio. Por conta disso, a partir do ano de 2008, o

governo do estado passa a integralizar o ensino nessas escolas, o que atrai muitos estudantes das escolas municipais. Ao se encontrarem nos anos finais do Ensino Fundamental, alguns alunos tentam garantir suas vagas entrando nas escolas públicas estaduais que ainda possuem essa modalidade de ensino (PERNAMBUCO, 2017).

O presente trabalho passou por mudanças durante o seu processo de pesquisa por essa razão. No início, seriam analisadas as atividades realizadas pelos estudantes do 8º ano, pois eles ainda estariam na escola no ano seguinte, o que proporcionaria tempo suficiente para desenvolver as atividades que seriam acompanhadas e observadas. Porém, com o baixo número de alunos matriculados no 9º ano, a turma foi extinta. Abriu-se uma nova turma de 7º ano para cobrir a que fechou.

Para Salles (2006, p. 15), o processo de criação do artista é “sustentado pela lógica da incerteza, englobando a intervenção do acaso e abrindo espaço para a introdução de ideias novas”. A saída dos alunos da turma estudada da escola e a necessidade de dar continuidade ao trabalho desenvolvido provocam um redirecionamento das ações propostas. Dessa forma, no presente trabalho, apresentamos atividades que foram desenvolvidas especificamente para os alunos do 8º e 9º anos e outras que foram elaboradas para que os alunos das turmas do 6º ao 8º pudessem participar em conjunto.

2.2. A rede e a pescaria digital

O *Facebook* está no dia a dia dos estudantes de forma particular e, ao mesmo tempo, pública. O que é divulgado por eles é de livre escolha, porém pensado de maneira a ser aceito por sua rede de amigos virtuais. Os primeiros participantes do “*Tá na Aula, Tá no Face!*” foram adicionados na criação do grupo no *site*, pois os laços no *Facebook* já estavam estabelecidos. Com o tempo, os que ainda não estavam no grupo passaram a enviar as *solicitações de participação*. A *Figura 7* apresenta a descrição do grupo para os participantes. O grupo é aberto a toda a comunidade escolar não se restringindo apenas aos alunos e à realização de atividades, o que possibilita aos participantes acompanharem o que é publicado.

De acordo com Ferraz e Fusari (2009, p. 17), devemos organizar nossas propostas metodológicas de modo que a arte se mostre significativa na vida dos

estudantes, melhorando a qualidade da educação escolar artística e estética, contribuindo, dessa forma, para a formação de cidadãos conhecedores da área de arte.

Figura 7 – Descrição do grupo “*Tá na Aula, Tá no Face!*”

Querid@s Alun@s,

Este Grupo foi criado para dar uma incrementada em nossas aulas de Artes. Algumas de nossas atividades feitas em sala aqui serão publicadas para que vocês possam curtir e comentar. Também poderemos dar dicas sobre tudo que envolver Cultura, Artes, Ética, Direitos Humanos entre outros assuntos relacionados as nossas disciplinas, a nossa escola e a nosso dia a dia. Qualquer Alun@ ou ex-alun@, Professor e Funcionário da Escola Gregório Bezerra poderá participar, desde que respeite as regras de boa convivência. Conto com a contribuição de Tod@s!!!! :) :*

🔒 Grupo fechado

Qualquer pessoa pode encontrar o grupo e

Fonte: Dados da autora (2017).

Como a estrutura física das salas de aula não possibilitava a divulgação e apreciação das atividades realizadas pelos alunos com frequência, o grupo transforma-se nesse espaço. As produções visuais dos alunos eram fotografadas e depois publicadas para que pudessem ser apreciadas. As *Figuras 8 e 9* ilustram as publicações iniciais do “*Tá na Aula, Tá no Face!*”. As atividades publicadas foram realizadas em sala de aula e seguiram a Abordagem Triangular elaborada por Barbosa (2011). Nessa abordagem, não existe uma regra que deva ser seguida.

Podemos começar por um dos três eixos (contextualização, leitura de imagens e fazer artístico) e retornar a um deles se e quando, necessário.

Para Machado (2010, p. 65-66), na *contextualização* apresenta ações com foco nos “diferentes contextos da arte: a história, a cultura, as circunstâncias, histórias de vida, estilos e movimentos artísticos”, a *leitura de imagens* “é a aprendizagem da experiência estética, que envolve também nosso contato com formas da natureza” e o *fazer artístico*, que ela chama de “produção”, são “ações que se referem a capacidade de produzir obras artísticas, mas também à capacidade de produzir leituras e relações conceituais, tão importantes para a experiência da Arte.” Dessa forma, a Abordagem Triangular funciona como um mapa, um guia, que orienta os educadores a construírem o seu processo de ensino e aprendizagem em arte.

Figura 8 – Atividade realizada pelos alunos do 6º ano.



Fonte: Da autora (2017).

Figura 9 – Concurso realizado a partir das atividades do 9º ano.



Fonte: Da autora (2017).

As primeiras atividades realizadas diretamente no “*Tá na Aula, Tá no Face!*” aconteceram em 2015. A proposta para os alunos do 7º ano, que estavam conhecendo a linguagem das Histórias em Quadrinhos em sala, foi a de publicar uma tirinha da Mafalda²⁰, personagem carismática que, com seu laço vermelho no cabelo e sua linguagem irônica, apesar dos seus 6 anos de idade, torna-se porta-voz de seu criador durante a Ditadura Militar Argentina (PEREZ, 2014).

²⁰ Personagem argentina criada pelo humorista gráfico Quino (Joaquín Salvador Lavado), em 1964. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/redacao/cinquenta-anos-mafalda.htm> . Acesso em: 18/06/2018.

Figura 10 – Primeira atividade realizada no “Tá na Aula, Tá no Face!”.



Fonte: Da autora (2017).

Durante todo o processo de ensino e aprendizagem desenvolvido com os estudantes, acredita-se que:

Ao conhecer a arte produzida em diversos locais, por diferentes pessoas, classes sociais e períodos históricos e as outras produções do campo artístico (artesanato, objeto, *design*, audiovisual etc.), o educando amplia a sua concepção da própria arte e aprende dar sentido a ela. Desse convívio decorrem, portanto, conhecimentos que desenvolvem seu repertório cultural, mas, acima de tudo, possibilitam-lhes a apropriação crítica da arte, aprender a identificar, respeitar e valorizar as produções artísticas, e compreender que existe uma poética individual dos autores e diferentes modalidades de arte, tanto eruditas como populares. (FERRAZ e FUSARI, 2009, p. 19).

É nesse momento que acontece a mudança na utilização do “Tá na Aula, Tá no Face!”, através de uma reconstrução, seleção e reelaboração da proposta de trabalho vivenciada em sala de aula e fora dela, enunciadas por Barbosa (2010), e, dessa forma, desaparece a subutilização do recurso tecnológico sem o aproveitamento de suas possibilidades, às quais Pimentel (2011) faz referência.

No início do semestre letivo de 2016, os alunos do 6º ao 9º ano são informados de que os assuntos abordados nas aulas teriam atividades realizadas *online* e de que cada participação deles valeria pontos que seriam somados às feitas em sala. A participação dos alunos nas publicações feitas no *feed* de notícias passa a valer uma pontuação que varia de acordo com o que é solicitado, pontuação essa,

escolhida para não prejudicar os alunos fora do grupo que, de alguma forma, não tenham acesso ao *Facebook*. Duas experiências de atividades realizadas no “*Tá na Aula, Tá no Face!*” serão apresentadas exemplificando a nova abordagem do grupo.

2.3. Tecendo a rede pelas ladeiras de Olinda

A atividade relatada a seguir foi desenvolvida dentro do projeto **#nasladeirasqueandei** em parceria com os professores das disciplinas de Português, Inglês, História e Geografia, e com a Organização Não Governamental (ONG) Coletivo Mulher Vida, parceira da escola. O nome do projeto surge por conta de uma música composta por Alceu Valença, cantor e compositor pernambucano, nascido e criado em Olinda; durante boa parte do ano, principalmente durante o carnaval, morador da cidade. A música, *Pelas ruas que andei*²¹, ao contrário do que se pode pensar, não fala de Olinda e, sim, das ruas de Recife. Cidades irmãs, próximas uma da outra, mas com a diferença que o centro histórico de uma é plano e da outra não. Todo o centro histórico da cidade de Olinda está inserido em uma colina e, para ser percorrido, é necessário subir e descer ladeiras, dessa forma, o nome do projeto foi adequado à proposta das atividades.

O projeto foi desenvolvido com alunos do 8º e 9º anos e teve como objetivo a valorização da identidade cultural dos alunos a partir das atividades desenvolvidas em sala de aula, no grupo “*Tá na Aula, Tá no Face!*” e com a visita monitorada ao centro histórico de Olinda. Mesmo morando numa cidade que tem o seu sítio histórico reconhecido desde 1982 pela UNESCO como **Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade**, observamos que grande parte dos alunos não se reconhece como participantes desse contexto. Muitos não conhecem o centro histórico e nem todos reconhecem o valor desse título.

A construção da identidade é um processo contínuo, sujeito a mudanças que se relacionam com a maneira de cada indivíduo ver o mundo e posicionar-se perante ele. A Organização Capital Brasileira da Cultura (OCBC)²² ressalta que questões sobre a valorização da identidade cultural e de patrimônio são importantes

²¹ Gravada pelo compositor no disco *Cavalo de Pau* em 1982. Disponível em: <http://alceuvalenca.com.br/obra/cavalo-de-pau/>. Acesso em 04/07/2017.

²² Entidade que conta com apoio institucional do Ministério da Cultura.

para a valorização do ser humano. Quando defendeu a escolha da cidade para receber o título de *Capital Brasileira da Cultura*, a OCBC afirma que sua riqueza, seu potencial e a sua diversidade cultural são aspectos que promovem a inclusão social e adotam “a cultura como ferramenta de desenvolvimento social e econômico” (BRASIL, 2005). Dessa forma, numa cidade como Olinda, onde a cultura é fator gerador de recursos, um dos aspectos que a fez receber o título de **1ª Capital Brasileira da Cultura** em 2006, fez-se necessário trabalhar essas questões.

Nesta experiência, tivemos a integração de outras disciplinas, pois, nesse contexto, para alcançar o resultado esperado, a disciplina de Arte não poderia caminhar sozinha. “A integração ocorre quando a aprendizagem faz sentido para os estudantes, especialmente quando a conectam com os próprios interesses, experiência de mundo e vida.” (PARSONS, 2010, p. 295-317). Estabelecidas as conexões, fez-se o levantamento quanto ao repertório dos estudantes sobre a história e geografia da cidade, manifestações artísticas e sua relação com patrimônio e de como a cidade é mundialmente apresentada. Assim, no dia da visita ao centro histórico da cidade, os professores direcionaram suas atividades dentro dos seus temas, ficando a disciplina de Arte com o registro e edição das imagens que seriam apresentadas na escola e publicadas no *Facebook*.

2.3.1. Imagens que entrelaçam lugares e pessoas

Escolhemos a fotografia, ou seja, o registro de imagens estáticas, pois essa linguagem permite guardar o momento, a companhia e o local onde eles estiveram. Através do estudo sobre a linguagem fotográfica, as imagens que registraram a visita ao centro histórico ganharam um *olhar* poético. A fotografia é um testemunho fugaz, mas seguro e um certificado de presença, como diria Barthes (1984), principalmente quando os nossos alunos utilizam as redes sociais digitais, como o *Facebook*, para dizer onde, como e com quem estão.

Observando as fotografias nos perfis dos estudantes no *Facebook*, percebemos que as câmeras fotográficas dos *smartphones* funcionam como aparelhos para funcionários. Ou seja, ao invés de transformar o mundo com suas imagens, passam a viver em função delas (FLUSSER, 2011). As imagens são registradas sem uma preocupação com a luminosidade, foco, composição ou poética visual.

Ao utilizarem as câmeras dos *smartphones* e as câmeras digitais, que trazem consigo as possibilidades de modificação das imagens, através de filtros que modificam a fotografia, este registro visou valorizar a própria identidade cultural do estudante. Há uma ressignificação não só da imagem, mas do local visitado, colocando na fotografia algo que irá sensibilizar quem observá-la.

Não tendo a possibilidade de usar *softwares high-end* que modificam as imagens em nível profissional, como o *Adobe Photoshop*, *software* de escolha da maioria das editorias de imagem, porém pouco acessíveis à realidade da maioria das escolas, optamos por usar aplicativos gratuitos que rodassem nos *smartphones* dos próprios estudantes. Diante disso, fez-se necessário trabalhar todas as potencialidades desses aparelhos.

Durante as aulas, em sala e no *Facebook*, utilizamos a Abordagem Triangular (BARBOSA, 2014). As noções de fotografia e de edição de imagens aconteceram na sala de aula, bem como as aulas sobre os monumentos e manifestações artísticas da cidade. Utilizamos o “*Tá na Aula, Tá no Face!*” para a contextualização, apresentação de imagens e produção artística.

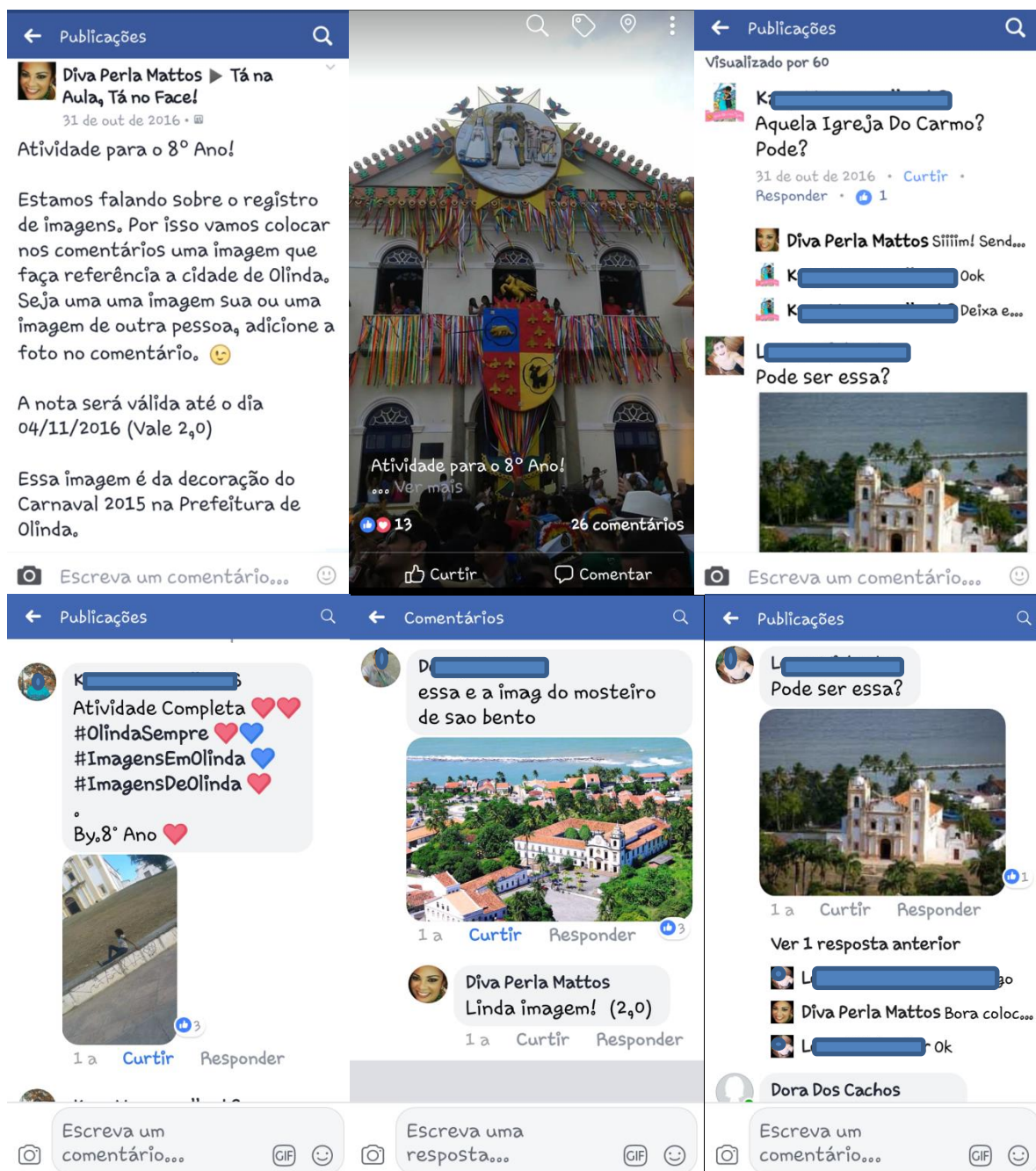
Durante as aulas de Arte, percebemos que a utilização do *Facebook* como recurso metodológico contribuiu durante todo o processo de ensino e aprendizagem. As interações, trocas e partilha da rede, a construção coletiva de saberes realizada pelos estudantes demonstram que eles funcionam como agentes do conhecimento adquirido junto aos demais participantes do “*Tá na Aula, Tá no Face!*”. Para Moreira e Januário:

O *Facebook* agrega uma significativa quantidade de recursos, funcionalidades e aplicativos que permitem ações interativas na *web*, tendo-se tornado, hoje em dia, um espaço inovador no qual se criam e desenvolvem interações sociabilidades e aprendizagens, estas colaborativas em rede, por meio do diálogo e da construção coletiva de saberes. (2014, p. 67-84).

Os estudantes realizaram três atividades no *Facebook* antes da visita ao centro histórico. Na primeira atividade, *Figura 11*, eles foram orientados a publicar, nos comentários, uma imagem que representasse a cidade. Na segunda atividade, *Figura 12*, após conhecer um pouco da história do artista plástico Euclides Francisco Amâncio, mais conhecido como *Bajado*, significativo para a história de Olinda, a orientação foi de publicar a imagem de uma de suas obras com seu respectivo título. Para essas duas atividades, eles precisariam fazer uma busca de

imagens na internet antes de publicá-las. Na terceira atividade, *Figura 14*, aproveitando a frase dita por Duarte Coelho, donatário da capitania de Pernambuco, quando chegou à cidade: “Oh, linda situação para se construir uma vila!”²³, a orientação foi a de criar uma frase com o nome da cidade.

Figura 11 – Primeira atividade: imagens da cidade de Olinda.



Fonte: Da autora (2017 – 2018).

Figura 12 – Segunda atividade: publicação de obras do artista Bajado.

Publicações

Diva Perla Mattos ▶ Tá na Aula, Tá no Face!
8 de nov de 2016 • 📷

Euclides Francisco Amâncio, artista plástico, chargista, pintor de quadros e murais, conhecido mundialmente como "Bajado", nasceu no dia 9 de dezembro de 1912, no município de Maraial, no Estado de Pernambuco. Tempos depois muda-se para Recife e começa a trabalhar no Cine Olinda. Apaixonado pela cidade, fez vários registros em obras que retratam Olinda como se estivesse acompanhando tudo pela janela de sua casa, na rua do Amparo.

Com seu desenho de cores e linhas simples, Bajado tornou-se conhecido no mundo inteiro! ❤️ E você, já conhecia as obras de Bajado???

Encontre uma imagem desse artista e publique no seu comentário lembrando de colocar o nome da obra (quando houver). 😊 Valendo mais 1,0 (ponto), para quem publicar as imagens até o dia 10/11!!! 😊




Publicações

T... e outras 12 pessoas
Visualizado por 53

V...
Não tinha o nome da obra mas esta aqui 😊



1 a Curtir Responder 2

Diva Perla Mattos Beleza!...

L...
O boi da vila, óleo sobre madeira

Escreva um comentário...

Publicações

L...
O boi da vila, óleo sobre madeira



1 a Curtir Responder 1

Diva Perla Mattos Gostei! 😊...

G...
Viva o homem da meia noite, Óleo sobre madeira



Escreva um comentário...

Publicações

G...
Viva o homem da meia noite, Óleo sobre madeira

Diva Perla Mattos
Vamos tentar não repetir as imagens, assim veremos sempre uma obra diferente deste artista. 😊

Escreva um comentário...

Publicações

L...
O nosso Pastoril, óleo sobre madeira



1 a Curtir Responder 2

Diva Perla Mattos Gostei! 😊...

R...
maracatu no carnaval, óleo sobre madeira



Escreva um comentário...

Fonte: Da autora (2017 – 2018).

Figura 13 – Terceira atividade: frases com o nome da cidade de Olinda.

← Pesquisar em Tá na Aula...

Diva Perla Mattos
4 de nov de 2016 • Recife •

Você sabia que o nome da cidade de Olinda veio de uma frase dita por Duarte Coelho, donatário da capitania de Pernambuco, quando chegou ao local?
O lugar era tão bonito que ele disse:
"Oh, linda situação pra se construir uma vila!". 😊
Quem quiser ganhar 1,0 (ponto) é só escrever uma frase com o nome da cidade: OLINDA.
Seja criativo! 😊
Vale para todas as turmas até o dia 06/11 (domingo)!!!

14 29 comentários

Curtir Comentar

F [redacted] e outras 13 pessoas

V [redacted]
Quando eu nasci todos os médicos presente falaram "Olinda".
huashuas mereço 2,0
4 de nov de 2016 • Curtir • Responder • 1

Diva Perla Mattos Hahaha ...

V [redacted] Aaaaaah kkk

A [redacted]
a minha frase e simples mas mesmo assim vou colocar ele

"Olinda ciadade formosa e linda"

-A [redacted]-

Escreva um comentário...

F [redacted] e outras 13 pessoas

A [redacted]
Olinda onde eu nasci tantas pra eu nascer nasci na Cidade maravilhosa #amoOLINDA
4 de nov de 2016 • Curtir • Responder • 1

Diva Perla Mattos Muito bem!...

L [redacted]
Olinda que cidade mais bonita onde eu moro ♥ não esqueceu as paisagens bonitas dessa cidade

E agora ficou bom?

5 de nov de 2016 • Editado • Curtir • Responder • 1

Escreva um comentário...

F [redacted] e outras 12 pessoas

G [redacted]
Não sou Duarte Coelho, mas quando eu ti vi eu gritei Ooolinda
1 a Curtir Responder

Ver 1 resposta anterior

G [redacted] kkkkkkk...

Diva Perla Mattos Boooa! H...

E [redacted] BERRO KKK...

R [redacted]
Nos morros de olinda Não vou me perder jamais É o paraíso
1 a Curtir Responder

Escreva um comentário...

F [redacted] e outras 12 pessoas

V [redacted]
Olinda como es tao lindahh
1 a Curtir Responder

K [redacted] Já fo...

J [redacted]
Eita que o mundo tem tantas cidades lindas,mais a mais bela de todas o nome dela é Olinda.
1 a Curtir Responder

A [redacted]
não sou linda, mas moro em olinda, olinda é muito linda
1

Escreva um comentário...

F [redacted] e outras 13 pessoas

K [redacted]
Não Nasci Tão Linda Mas Moro Em Olinda ♥♥
Olinda Tem O e Também Seu Linda Olinda Ó Olinda pra Sempre Será Linda ♥♥
Demooooorou Mas Chegou ♥
7 de nov de 2016 • Curtir • Responder • 1

Diva Perla Mattos Mais uma i...

Diva Perla Mattos
Atividade encerrada!!!
Parabéns aos que participaram! 😊

Escreva um comentário...

Fonte: Da autora (2017 – 2018).

Com atividades sobre a cidade realizadas em sala e no *Facebook* e o registro de imagens, os estudantes estavam preparados para a visita ao centro histórico de Olinda. Durante o trajeto da escola até o centro histórico, a expectativa foi registrada através de vídeos feitos pelos próprios alunos com perguntas a respeito do que iriam encontrar quando chegassem e o que mais eles gostariam de ver de tudo o que já havia sido apresentado. A visita teve a duração de 4 horas e contou com a presença dos professores participantes do projeto e de uma das monitoras da ONG Coletivo Mulher Vida. Algumas câmeras fotográficas digitais fornecidas pela ONG foram utilizadas pelos estudantes que não possuíam câmeras nem *smartphones*. Dessa forma, todos faziam seus registros para posterior exposição. A utilização dessas câmeras resultou num total de 13 vídeos e 303 fotografias.

Geograficamente, através de mapas, os estudantes reconheceram o centro histórico da cidade. Durante todo o trajeto percorrido, no sobe e desce das ladeiras, conheceram um pouco mais sobre a história da construção das principais igrejas, do casario e das ruas, os pontos turísticos visitados por pessoas de todos os cantos do planeta, os ateliês de vários artistas moradores da cidade, sendo tudo devidamente registrado pelas lentes das câmeras dos alunos.

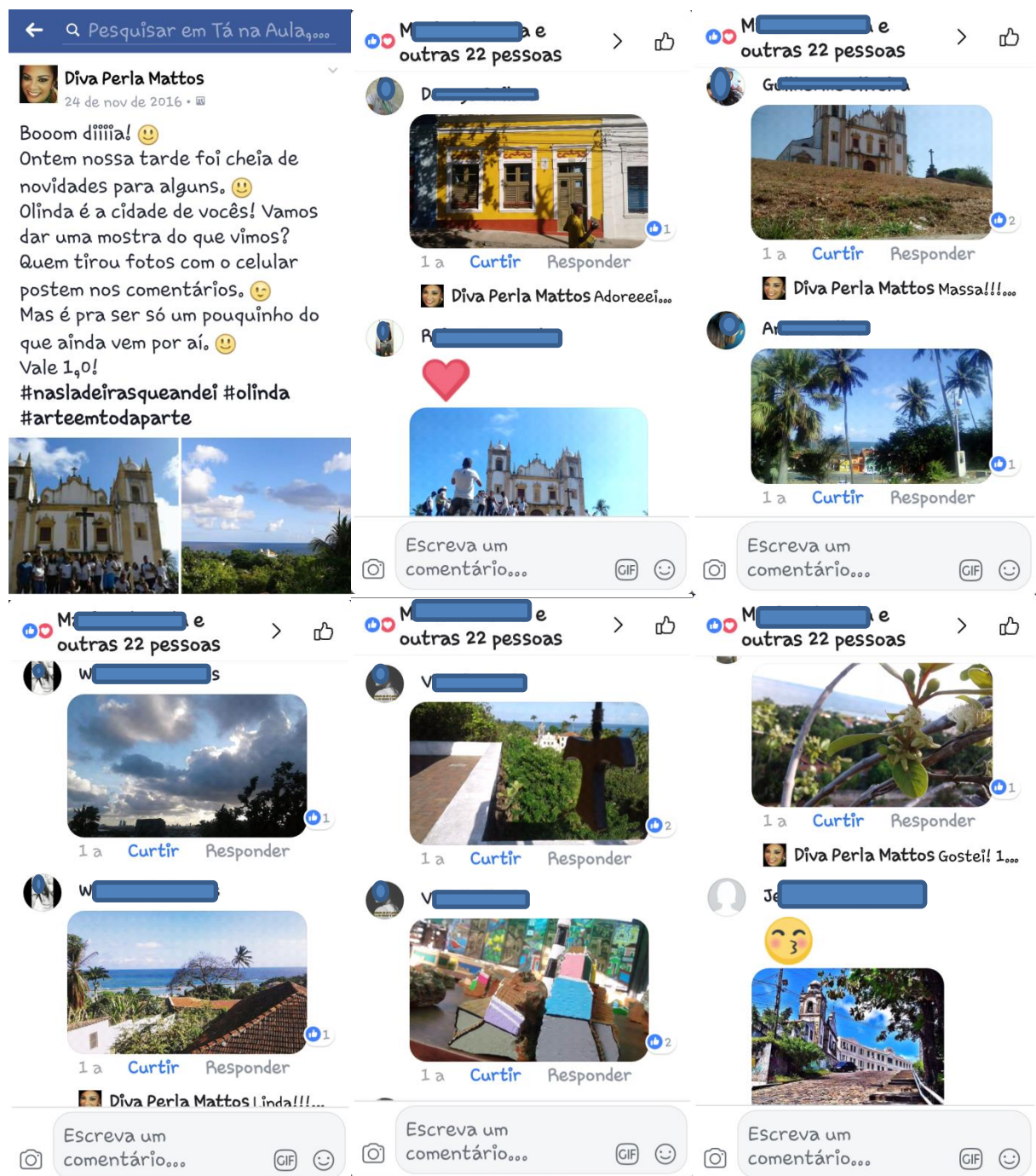
A proposta foi a de publicarem 3 tipos de imagens: um retrato, uma paisagem e uma *selfie*, tipo de fotografia muito popular nas redes sociais digitais dos jovens. Como vimos com Recuero (2009), as conexões com os nós da rede realizam-se através do processo de ver e ser visto. Para Castells (2016, p. 22), o *Facebook* é um dos responsáveis pela expansão da sociabilidade em redes de relacionamentos, pois “para centenas de milhões de usuários de internet com menos de 30 anos de idade, as comunidades *online* se tornaram uma dimensão fundamental da vida cotidiana”.

Os estudantes que utilizaram seus *smartphones* para publicação das imagens deveriam passar um filtro de edição próprio desses aparelhos antes de postá-las no *Facebook*, em sua página pessoal ou no “*Tá na Aula, Tá no Face!*”. Também foram orientados a utilizarem a *hashtag* (#) **#nasladeirasqueandei**, o que facilitaria a visualização já que, dessa forma, cria-se um álbum virtual promovendo um novo tipo de leitura do que foi registrado.

Uma nova atividade, apresentada na *Figura 14*, não planejada anteriormente, foi publicada no grupo no dia seguinte à visita. Foi uma “intervenção do acaso”, como observada por Salles (2006, p. 22-23), presente no processo criativo de alguns

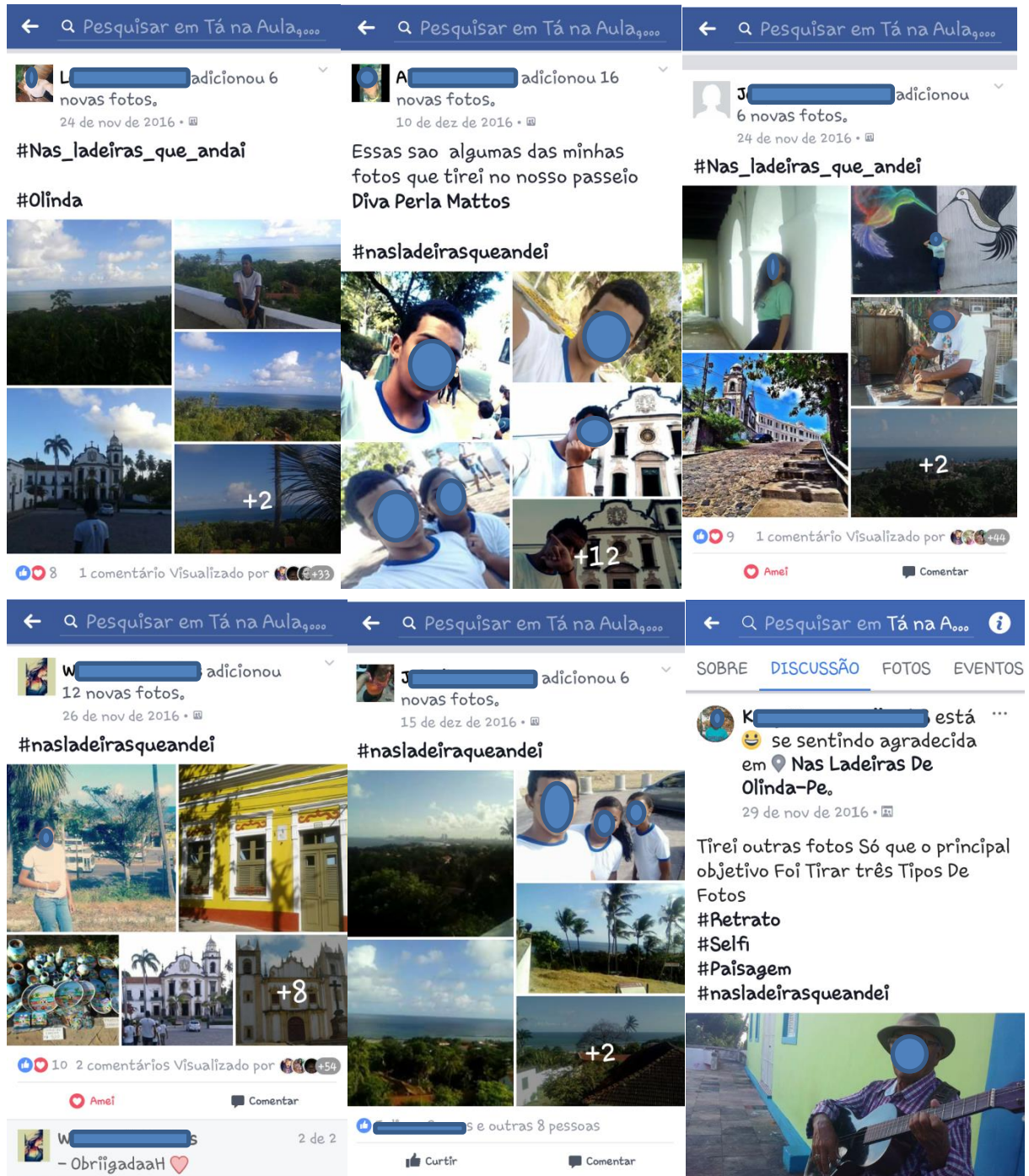
artistas, que pode não levar a uma melhoria, mas apresenta novas possibilidades, reaproveitamento do que já existe, adequações e novas avaliações. Os alunos foram orientados a postarem algumas fotografias da visita nos comentários como mostra do que veríamos posteriormente em suas publicações individuais. Na *Figura 15*, vemos a publicação das fotografias realizada individualmente pelos alunos no grupo.

Figura 14 – Atividade realizada após a visita ao centro histórico de Olinda.



Fonte: Da autora (2017 – 2018).

Figura 15 – Publicações individuais utilizando a #nasladeirasqueandei



Fonte: Da autora (2017 – 2018).

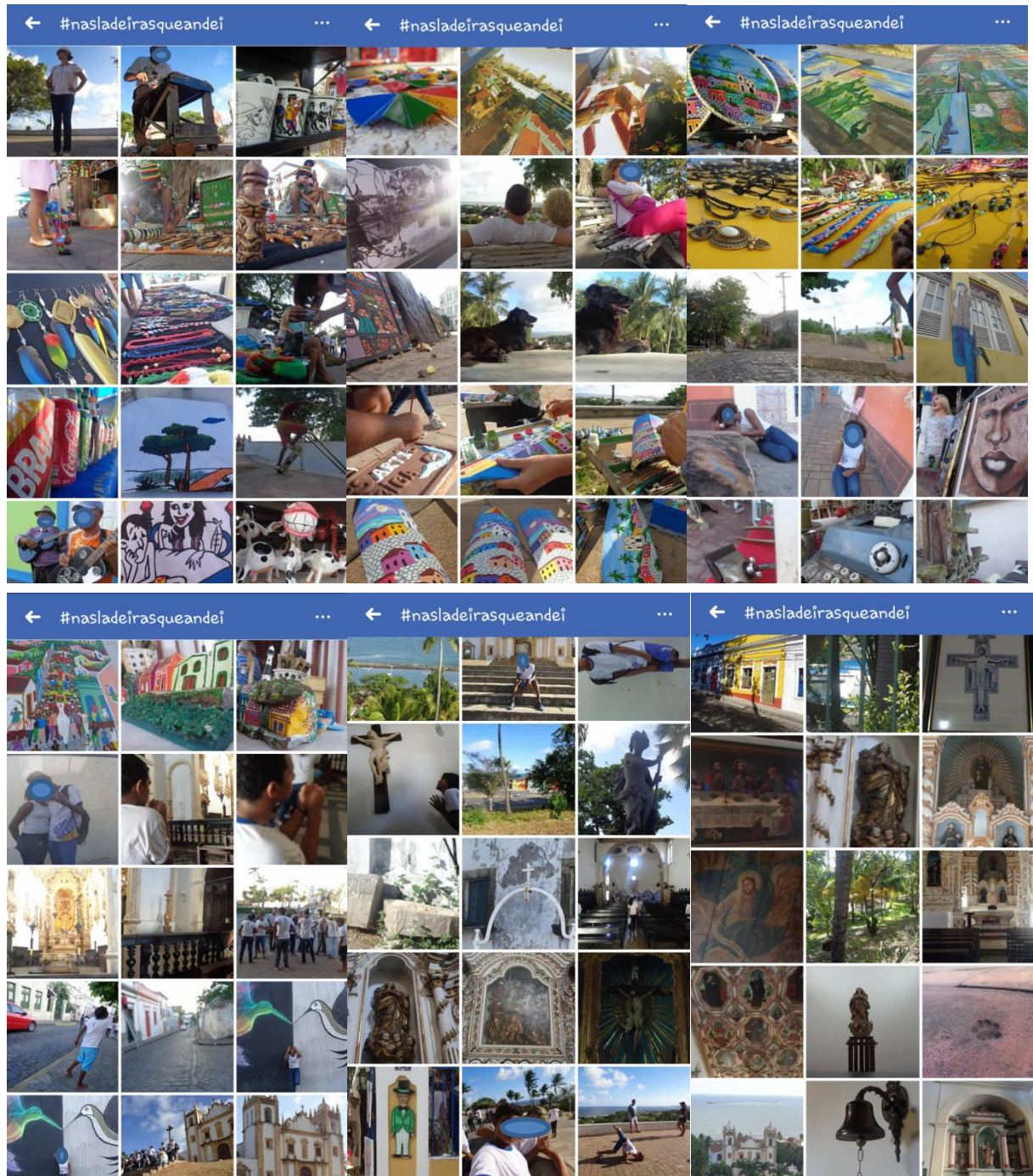
Das 303 fotografias registradas, 133 foram registradas por alunos do 8º ano e 170 por alunos do 9º ano. Essas imagens foram separadas pelos alunos em sala de aula com a ajuda de um *datashow* disponibilizado pela ONG Coletivo Mulher Vida, o que facilitou a visualização das imagens por eles. Dentro do projeto, estava programada uma exposição de algumas fotos escolhidas pelos estudantes, porém não foi possível realizá-la. Uma análise das imagens registradas será apresentada em capítulo posterior.

Figura 16 – Separação das fotografias em sala.



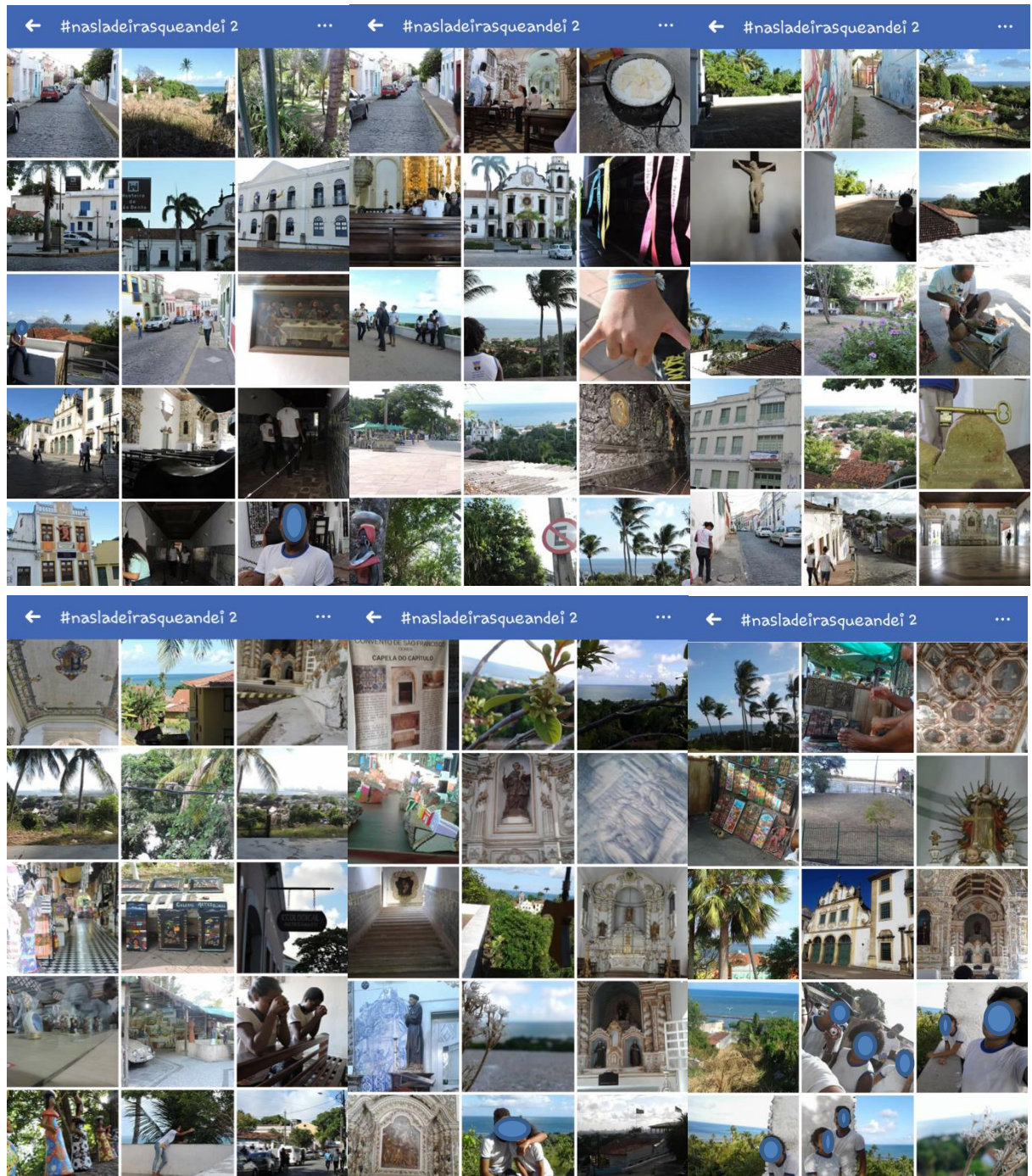
Fonte: Da autora (2016).

Figura 17 – Imagens registradas pelos alunos do 8º ano.



Fonte: Da autora (2018).

Figura 18 – Imagens registradas pelos alunos do 9º ano.



Fonte: Da autora (2018).

Durante o retorno para a escola, outros vídeos foram gravados com a reação dos estudantes após a visita. Alguns não esperavam que o centro histórico da cidade mundialmente conhecida pudesse ser tão perto de onde eles estudam e moram. Surpreenderam-se com a facilidade em chegar e com o fato de não precisarem gastar muito para conhecerem lugares tão bonitos e importantes para a história do país.

Diante do que foi apresentado, percebemos que alcançamos o objetivo da valorização da identidade cultural dos estudantes, do reconhecimento pelos mesmos do valor dos títulos recebidos pela cidade, de Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade e de Capital Brasileira da Cultura, com o registro de imagens feito de forma poética.

2.4. Tecendo a rede com as obras de Vincent Van Gogh

A atividade relatada a seguir teve por objetivo ser realizada apenas no “*Tá na Aula, Tá no Face!*”, ou seja, ser realizada totalmente *online*. Sabemos que a comunicação organizada em torno da internet provocou uma transformação na estrutura cultural e social atual e foi conceituada por Castells (2016) de sociedade em rede, isto é, uma sociedade que se utiliza das inovações tecnológicas para interagir globalmente. As novas tecnologias da informação aumentaram o número de comunidades virtuais e o mundo digital já faz parte de nosso dia a dia.

Sendo a rede “uma estrutura composta de elementos em interação; estes elementos são os picos ou os nós da rede, ligados entre si por caminhos ou ligações” (MUSSO, 2010, p. 31), como veremos no decorrer deste relato, outros caminhos foram traçados alterando o objetivo de ser uma atividade realizada apenas *online*, interferindo de forma positiva no processo de construção do conhecimento em arte dos alunos.

Conhecendo o processo de criação de alguns artistas, que mostram a “necessidade de pensar a criação como rede de conexões, cuja densidade está estreitamente ligada à multiplicidade das relações que a mantém” (SALLES, 2010), estruturamos a realização da proposta pedagógica no *Facebook* para que a construção do conhecimento ocorra em conjunto, com alunos e professor colaborando de forma dinâmica e participativa.

O pintor holandês Vincent Van Gogh (1853-1890), artista que possui uma obra extensa e deixou sua marca na história da arte, foi utilizado nessa experiência. Seu processo criativo foi compartilhado através das mais de mil cartas escritas para seu irmão Theo, que o incentivou e o sustentou durante sua carreira artística. Van Gogh nos deixou cerca de 1.600 trabalhos, entre desenhos e pinturas, muitos sob a influência dos impressionistas e das gravuras japonesas. Teve uma vida conturbada e uma morte trágica no auge de sua criatividade (BARBOSA, 2014).

Muitas informações sobre sua vida e obra estão disponíveis na internet, em vídeos, textos e imagens diversas. O *site* do museu Van Gogh disponibiliza o *download* gratuito de toda obra do artista, o *YouTube* possui, em seu acervo, diversos vídeos relacionados a ele, além de *sites* de buscas que podem ser utilizados como forma de consulta pública. A tecnologia digital conectada à internet facilita a troca de informações de maneira rápida e acessível, a qualquer hora e em qualquer lugar.

A história da arte está repleta de obras que chamam atenção de quem as observa. Seja pelo material utilizado, pelas cores, pelas formas ou pelo tamanho. Cada obra atinge o espectador de uma maneira diferente, agradando ou desagradando. Alguns artistas possuem uma história de vida intensa que deixa marcas na história da arte, assim como suas obras. Durante as contextualizações e leitura de imagens, dois pontos importantes da Abordagem Triangular (BARBOSA, 2014) utilizada durante as aulas, as curiosidades sobre a vida e obra dos artistas retêm a atenção dos alunos. Considerando o processo de construção da obra de arte uma rede de conexões em que imprevistos externos e internos observados nos relatos dos artistas podem alterar o resultado do seu trabalho (SALLES, 2006), o estudo sobre a obra produzida por eles não deve ser afastado de sua vida pessoal, nem do momento histórico no qual ela foi criada.

Estruturada para envolver os participantes do grupo sem a escolha de uma turma específica para sua realização através do *Facebook*, juntamente com o *YouTube*, e a utilização dos aplicativos para edição de imagens *PicsArt* e *Photo Editor*, os alunos conheceram um pouco mais sobre vida e obra de Vincent Van Gogh. Essa interação abre espaço para um dos alunos *atuar* como proponente de uma atividade dentro do grupo.

2.4.1. Os antigos e os novos laços que estabelecemos entre Van Gogh e o Facebook

Uma imagem do pintor Vincent Van Gogh transformado em *action figures*, um boneco de brinquedo feito em plástico, com a reprodução de sua obra *Girassóis*, chama atenção em uma das publicações do projeto *Today Is Art Day*²⁴ em sua página no Facebook. Ela vira foto de capa do grupo “*Tá na Aula, Tá no Face!*” por mostrar o artista de forma lúdica. É a partir dessa publicação que surge a possibilidade de desenvolver atividades relacionadas à obra de Van Gogh utilizando os recursos disponíveis nessa rede social digital.

A sociedade em rede de Castells (2016) tem a informação como sua matéria-prima. As tecnologias de informação integraram o mundo em redes e fizeram com que as comunidades virtuais crescessem aumentando as conexões entre pessoas. As atividades realizadas no “*Tá na Aula, Tá no Face!*” demonstram a integração entre as tecnologias de informação e o processo criativo dos alunos.

Utilizamos a Abordagem Triangular (BARBOSA, 2014) na construção e desenvolvimento das atividades. A *contextualização* aconteceu em todas as publicações relativas ao artista: a importância do desenho em seu processo criativo, os estilos de pintura e a sua forma de utilizar as cores e as tintas em suas telas. A *leitura de imagens* aconteceu enquanto os alunos expressavam suas opiniões acerca dos vídeos e imagens publicadas em seus comentários. A *produção artística* ocorreria em dois momentos: no primeiro, a produção visual realizada através do desenho em papel, lápis grafite e lápis colorido e seu registro fotográfico pelo *smartphone* para posterior publicação; no segundo, o registro de suas *selfies* editadas pelo aplicativo do *smartphone* com o efeito *pintura*.

O hábito de fazer uma foto da tela do aparelho, que apresenta o texto ou imagem que se deseja publicar, o conhecido *print*, ou o ato corriqueiro de registrar imagens através da câmera do *smartphone* e publicar nos comentários das postagens, facilita a realização de muitas atividades desenvolvidas no “*Tá na Aula, Tá no Face!*”. As novas funções e recursos desses aparelhos apresentam

²⁴

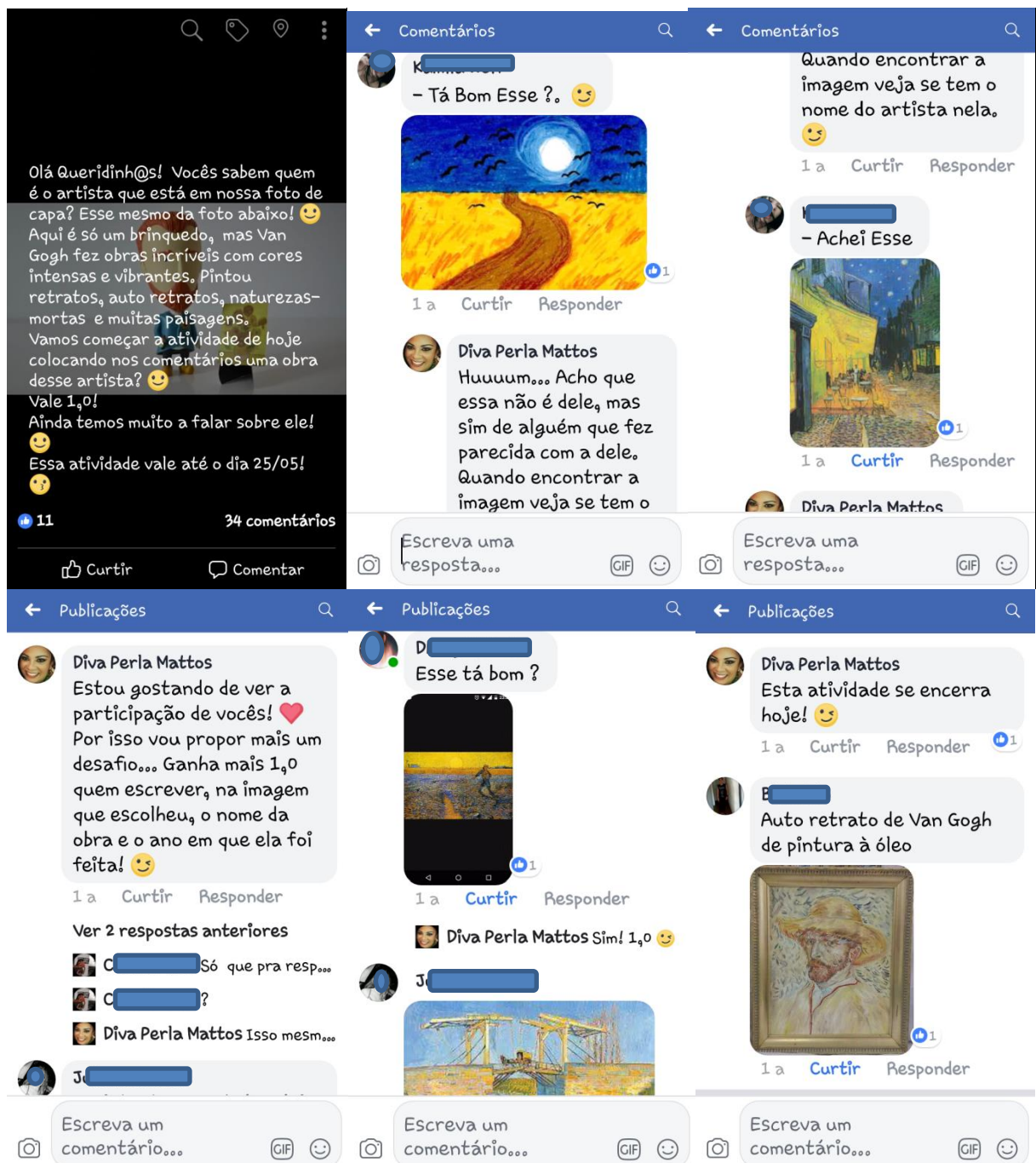
Disponível em: <https://www.Facebook.com/todayisartday/>. Acesso em 05/06/2017.

potencialidades que aguçam a curiosidade do aluno. É como a caixa preta de Flusser (2011), em que o aparelho exerce um fascínio maior que a própria imagem.

Diferente de atividades anteriores, em que cada turma realizou uma atividade específica no grupo, dessa vez, elas estavam abertas a todos os participantes. A cada publicação eles conheceriam um pouco sobre a vida e a obra de Van Gogh, recebendo sua pontuação por postagens realizadas nos comentários até as datas-limite determinadas.

A primeira atividade, *Figura 19*, fez referência à foto de capa do grupo. Houve a apresentação do artista, feita de forma simples, com um texto leve, falando sobre o seu estilo de pintura e solicitando dos alunos a imagem de uma de suas obras nos comentários. Teve a duração de sete dias, tempo adequado para visualização e busca de imagens. À medida que os comentários foram realizados, solicitamos, valendo uma nova pontuação, a colocação do título da obra e o ano em que foi feita. Na pesquisa por obras de artista, principalmente quando se usa um *site* de busca, muitas imagens são relacionadas a Van Gogh, mas nem sempre são dele. Dessa forma, também há orientação quanto à seleção das imagens.

Figura 19 – Primeira atividade: imagens de obras do artista Vincent Van Gogh.



Fonte: Da autora (2018).

Para realizar a segunda atividade, apresentada na *Figura 20*, os alunos deveriam assistir ao *trailer* do longa-metragem em animação²⁵ *Loving Vincent* feito com pinturas a óleo sobre a vida de Van Gogh.

Figura 20 – Segunda atividade: comentários sobre o *trailer* do filme *Loving Vincent*.



Fonte: Da autora (2018).

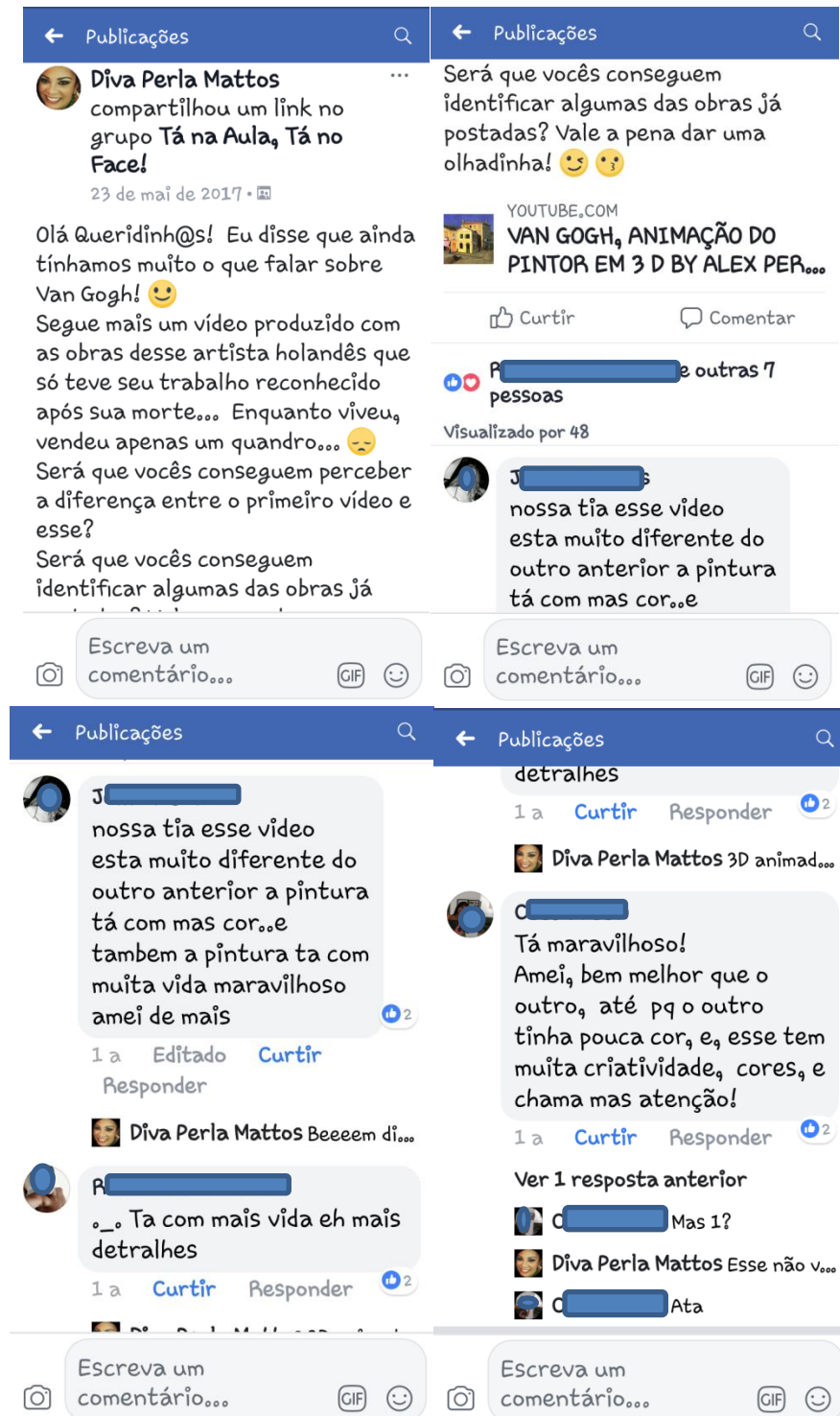
²⁵ A animação *Loving Vincent*, dirigida por Dorota Kobiela e Hugh Welchman, foi lançada no Brasil em 30 de novembro de 2017 e recebeu o nome de *Com amor, Vincent*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cNSkyBQN1HU&feature=share>. Acesso em 22/05/2017.

Disponível no *YouTube*, o vídeo apresenta algumas das obras mais conhecidas do pintor. Na publicação, os alunos foram solicitados a escrever nos comentários se algumas das imagens postadas anteriormente apareciam no vídeo, com qual se identificavam e a dizer de que maneira a animação foi feita. Os alunos tiveram quatro dias para realizá-la. Outro vídeo²⁶, também disponível no *YouTube*, foi publicado. Dessa vez, as pinturas ganham um movimento de forma diferente da primeira animação.

Nessa postagem, apresentada na *Figura 21*, os alunos recebem informações sobre o reconhecimento do trabalho realizado por Van Gogh pelo público enquanto viveu. São solicitados a reconhecer a diferença entre os dois vídeos e, mais uma vez, a identificarem as obras postadas anteriormente por eles. Nessa publicação, a leitura visual feita pelos estudantes nos comentários foi em forma de texto e não de imagens. Essa atividade não valeu pontuação.

²⁶ Animação em 3D disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ow9GisQ9hKs&feature=share>. acesso em 23/05/2017.

Figura 21 – Segundo vídeo com obras de Van Gogh em animação.



Fonte: Da autora (2018).

A terceira atividade, como se vê na *Figura 22*, apresentou um grau de dificuldade um pouco maior. As imagens apresentadas foram captadas no *site* do Museu Van Gogh²⁷. Nelas vemos o processo de criação do artista através de seus desenhos. Foram disponibilizadas 11 imagens entre esboços e obras finalizadas para facilitar a compreensão da atividade. Funcionou como um desafio, pois eles deveriam trabalhar com o desenho. A proposta foi fazer um desenho de observação de pessoas, objetos ou lugares, fotografar sem colorir e depois fotografar colorido, apresentando, assim, o *antes* e o *depois*. Os alunos tiveram quatro dias para a realizarem a atividade que possuiu uma pontuação maior que as outras.

Figura 22 – Terceira atividade: Antes e Depois – Desenhos (proposta).

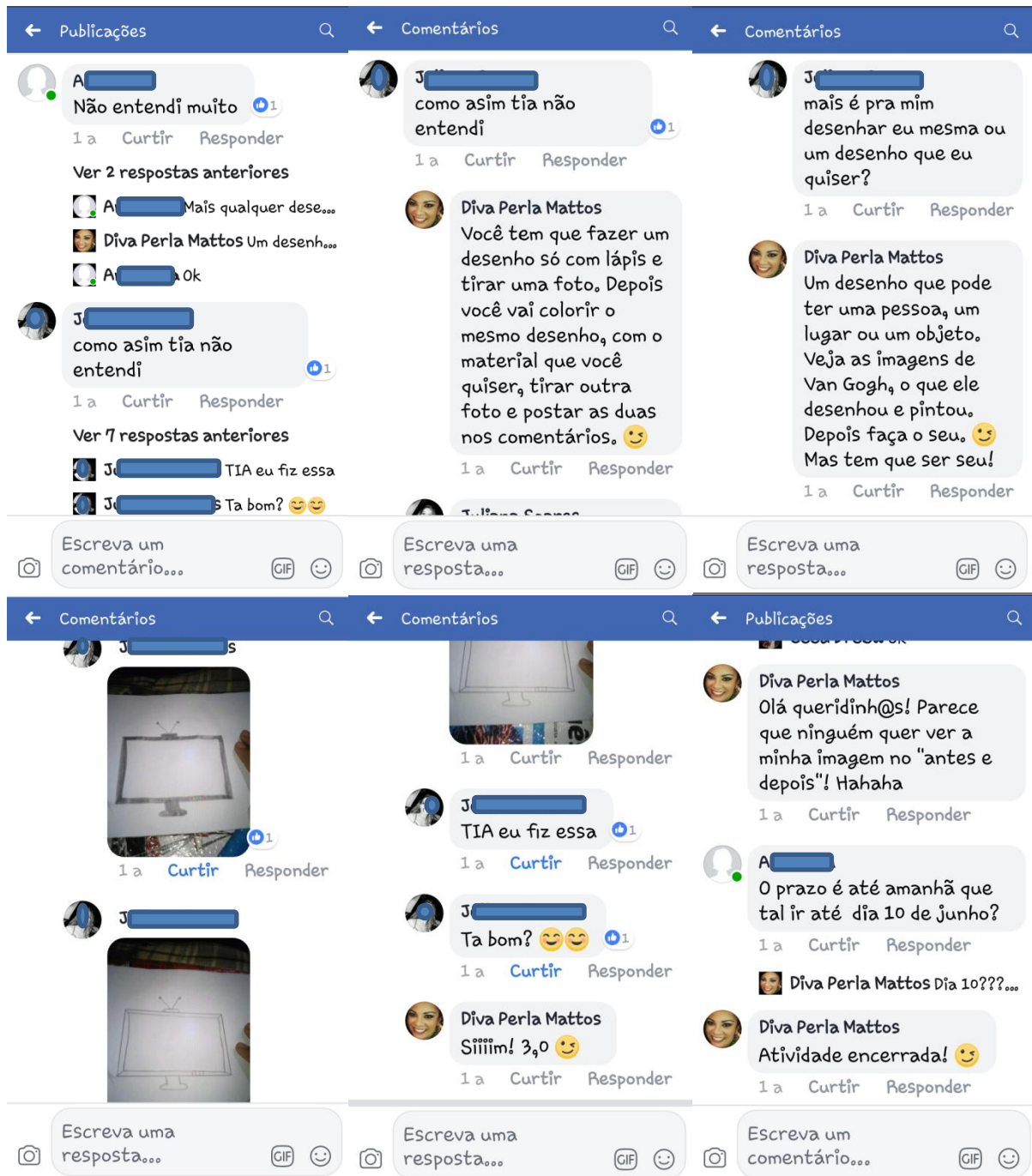


Fonte: Da autora (2018).

²⁷ Todas as obras utilizadas nas atividades realizadas no “Tá na Aula, Tá no Face!” sobre o artista Vincent Van Gogh foram retiradas do site do Museu Van Gogh disponível em: www.vangoghmuseum.nl. Acesso em: 26/06/2017.

Como podemos ver na Figura 23, apenas uma aluna conseguiu completar a atividade após uma nova explicação sobre o que precisaria ser feito. Outra aluna solicitou um prazo maior para a realização e ainda assim não conseguiu realizar.

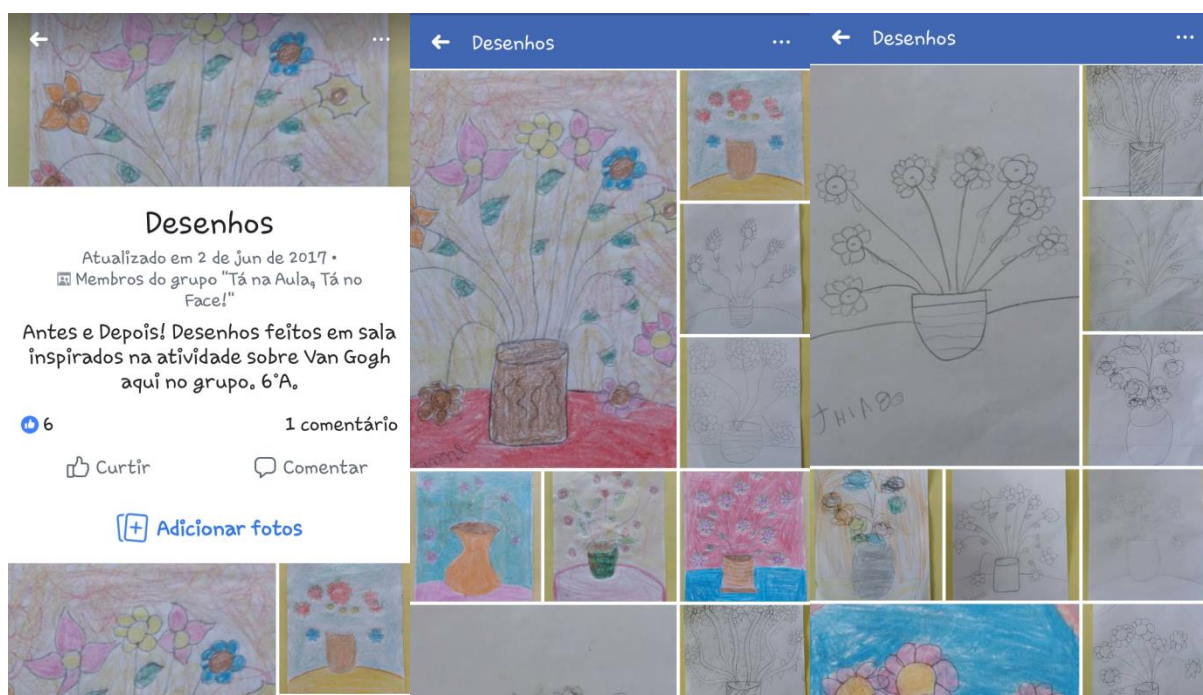
Figura 23 – Comentários sobre a terceira atividade.



Fonte: Da autora (2018).

Em sala de aula, com uma turma de 6º ano, o assunto da unidade fazia referência ao Desenho – observação, memória e imaginação –, por isso apresentamos o livro do artista com imagens de várias de suas obras, incluindo suas naturezas-mortas. A atividade, que tinha por objetivo ser toda *online*, passa para sala de aula física, provocando um *desvio* no caminho ou o imprevisto do processo criativo enfatizado por Salles (2006). Dessa forma, contemplamos os alunos que não fazem parte do grupo “Tá na Aula, Tá no Face!” e realizamos a atividade que foi postada no álbum *Desenhos*, apresentado na *Figura 24*, publicado após o encerramento da atividade no *Facebook*.

Figura 24 – Álbum de atividades do 6º ano.



Fonte: Da autora (2018).

Uma nova publicação faz uma comparação entre os autorretratos de Van Gogh e as *selfies* tantas vezes publicadas pelos alunos. Nessa postagem, apresentamos vinte imagens captadas do *site* do Museu Van Gogh dos autorretratos produzidos durante os anos de 1887 e 1889. Mais uma publicação informativa, sem pontuação, porém solicitando a participação do aluno como vemos na *Figura 25*.

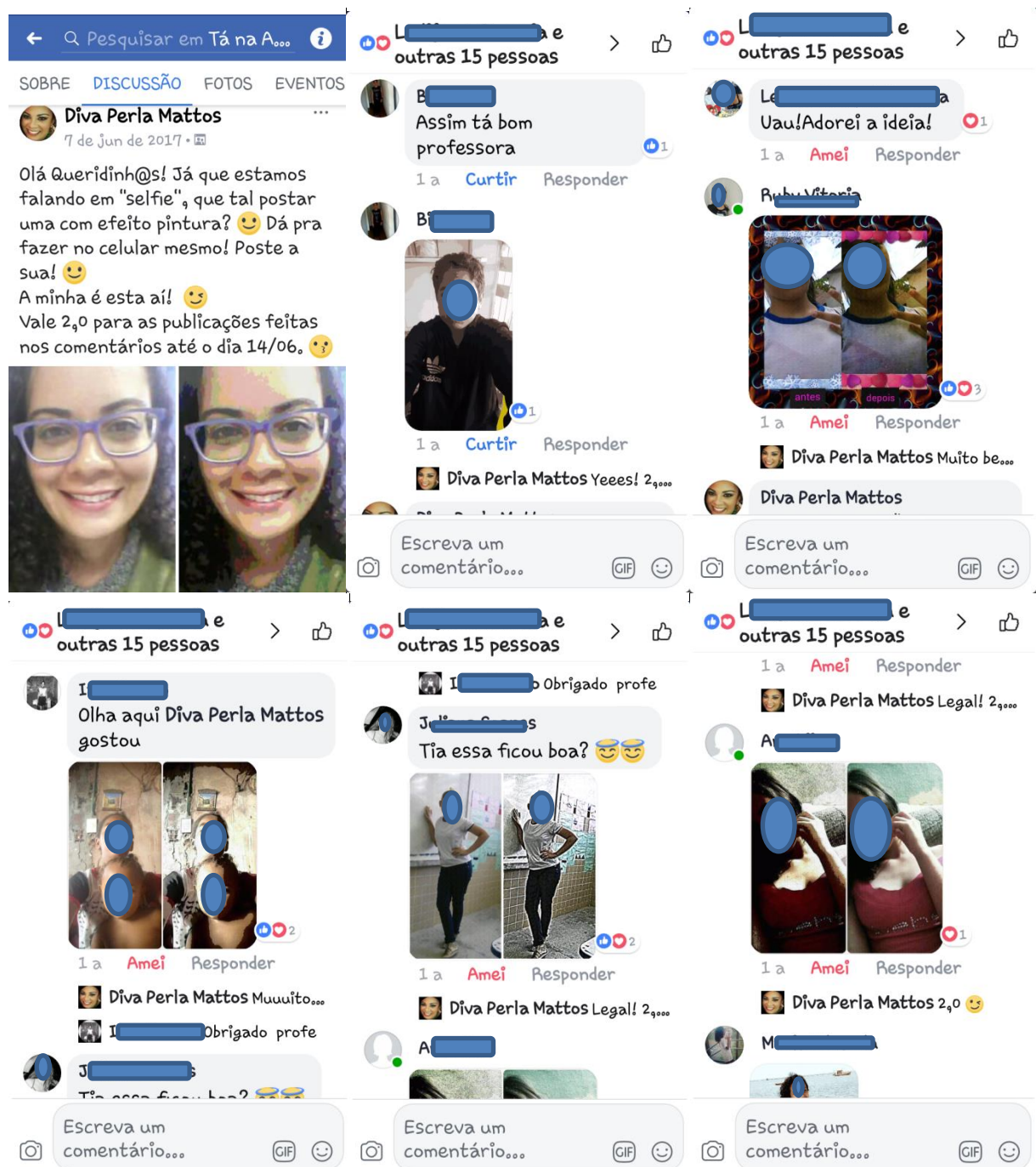
Figura 25 – Autorretratos de Van Gogh.



Fonte: Da autora (2018).

A última atividade, apresentada na *Figura 26*, seria a publicação de uma *selfie* com um filtro de edição de imagem, podendo ser próprio da câmera do *smartphone* ou um aplicativo, que deixasse a foto parecendo uma pintura. Ou seja, fazer o processo inverso, a *selfie* viraria pintura com os recursos disponíveis no aparelho, o fascínio da caixa preta de Flusser (2011) tão presente nos dias de hoje. A atividade teve a duração de sete dias para as postagens nos comentários.

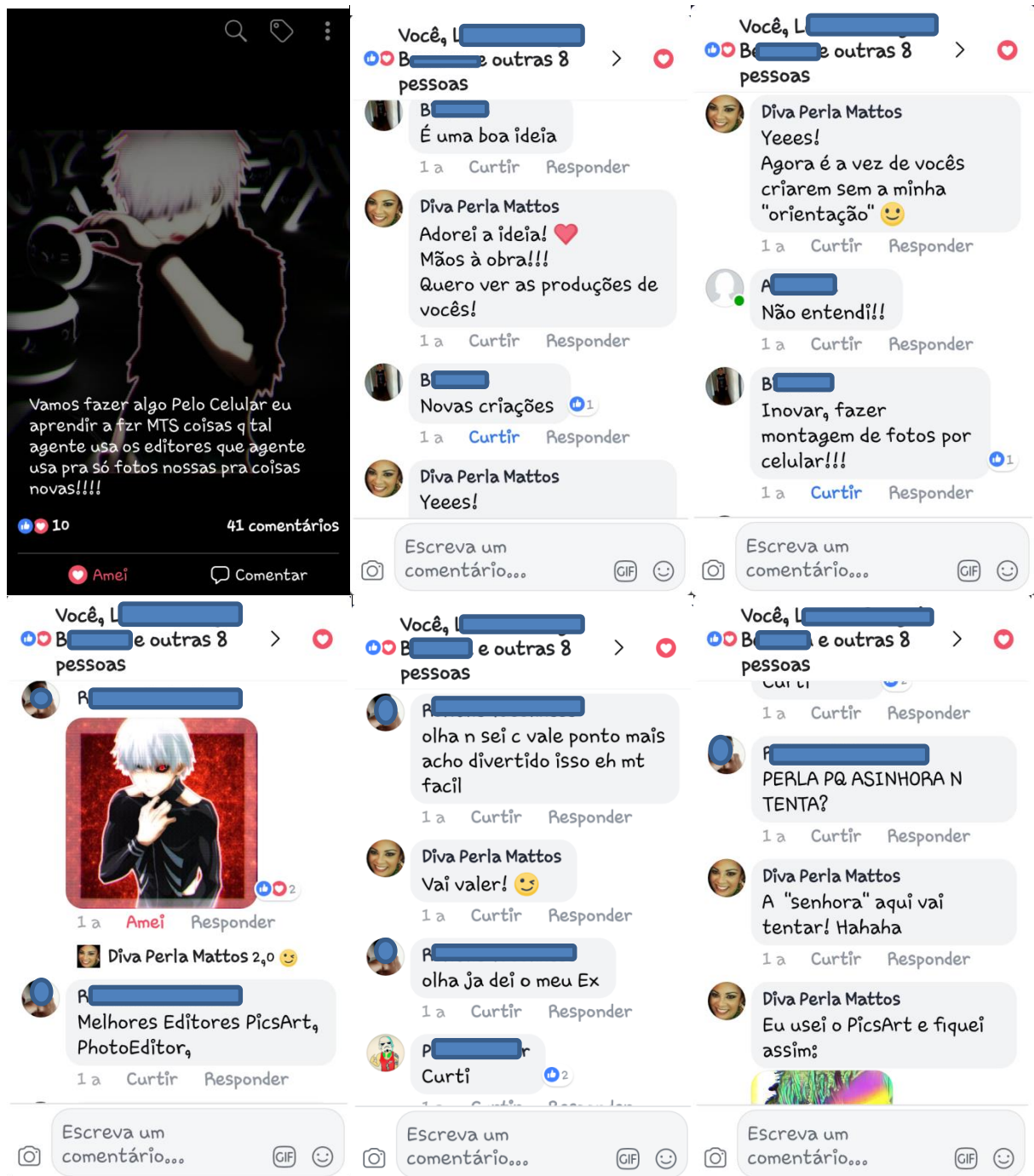
Figura 26 – *Selfie* com efeito pintura.



Fonte: Da autora (2018).

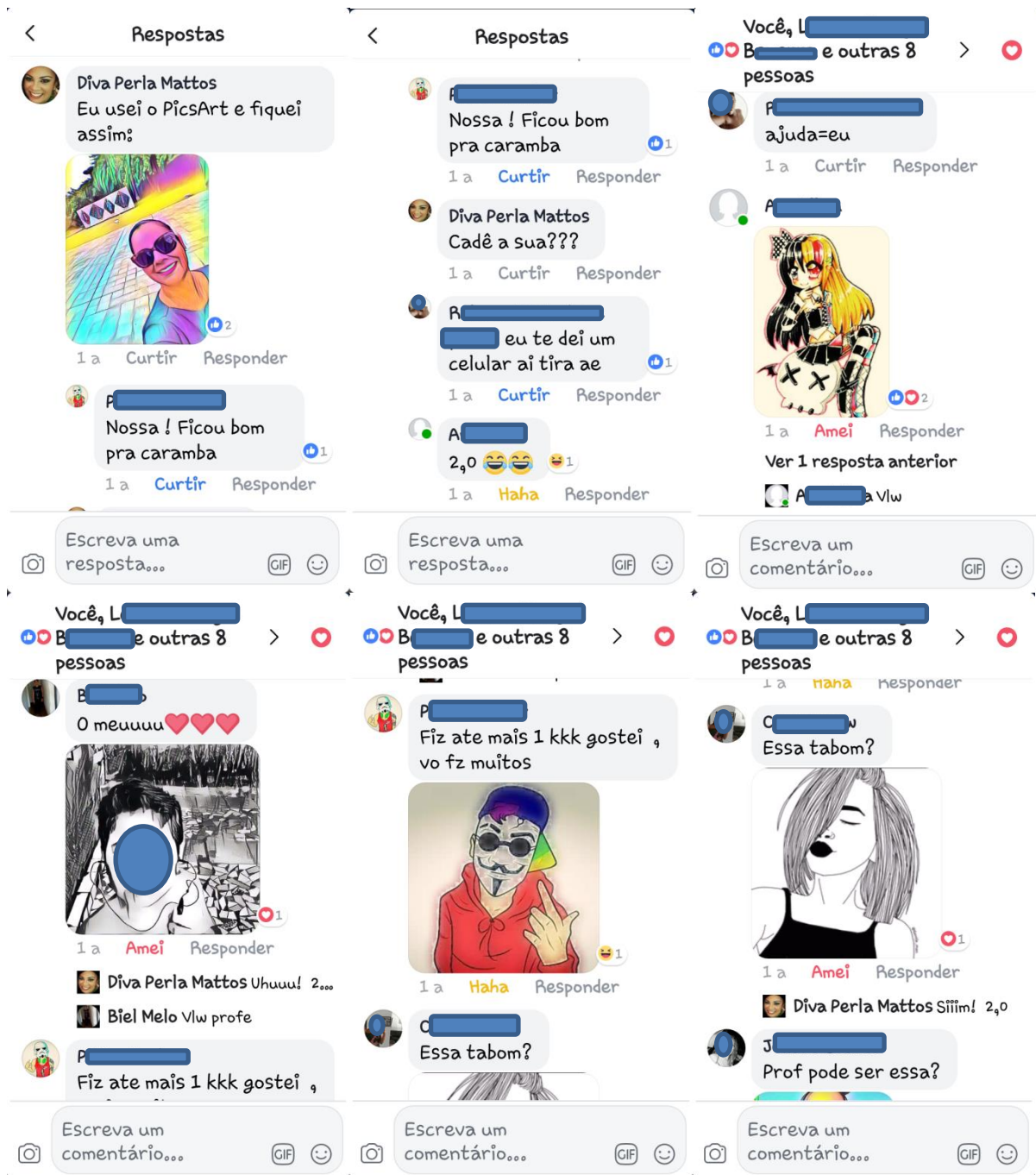
Durante a realização dessa atividade, surge a proposta de um dos alunos. Ele publica a imagem de uma *selfie* sua alterada por um aplicativo. Nesse momento, ele assume o papel do orientador da atividade, chegando a publicar em um dos comentários: “ajuda = eu”. Sua iniciativa provoca outro desvio no caminho, fugindo do habitual, em que as propostas das atividades são sempre da professora.

Figura 27 – Atividade proposta pelo aluno (parte 1).



Fonte: Da autora (2018).

Figura 28 – Atividade proposta pelo aluno (parte 2).



Fonte: Da autora (2018).

Nesse momento, a colaboração acontece de forma espontânea, pois algo que ele já utilizava parecia com a atividade realizada. A partir da proposta e apresentação, ilustradas nas Figuras 27 e 28, ele fornece a informação sobre os melhores aplicativos, em sua opinião, para edição de fotos, dá sugestões e está sempre provocando os colegas e a professora a realizarem a atividade. Os aplicativos utilizados para edição das fotos foram o *PhotoEditor* e o *PicsArt*.

Com um novo recurso disponível para os *Grupos no Facebook*, criamos uma *enquete* para saber dos alunos a sua opinião sobre as obras de Van Gogh. Uma enquete sobre a frequência da utilização do *Facebook* pelos estudantes havia sido feita anteriormente no “*Tá na Aula, Tá no Face!*” quando esse recurso não estava disponível. Isso gerou confusão na hora de dar algumas respostas, como vemos na *Figura 29*, pois as da primeira enquete foram respondidas nos comentários.

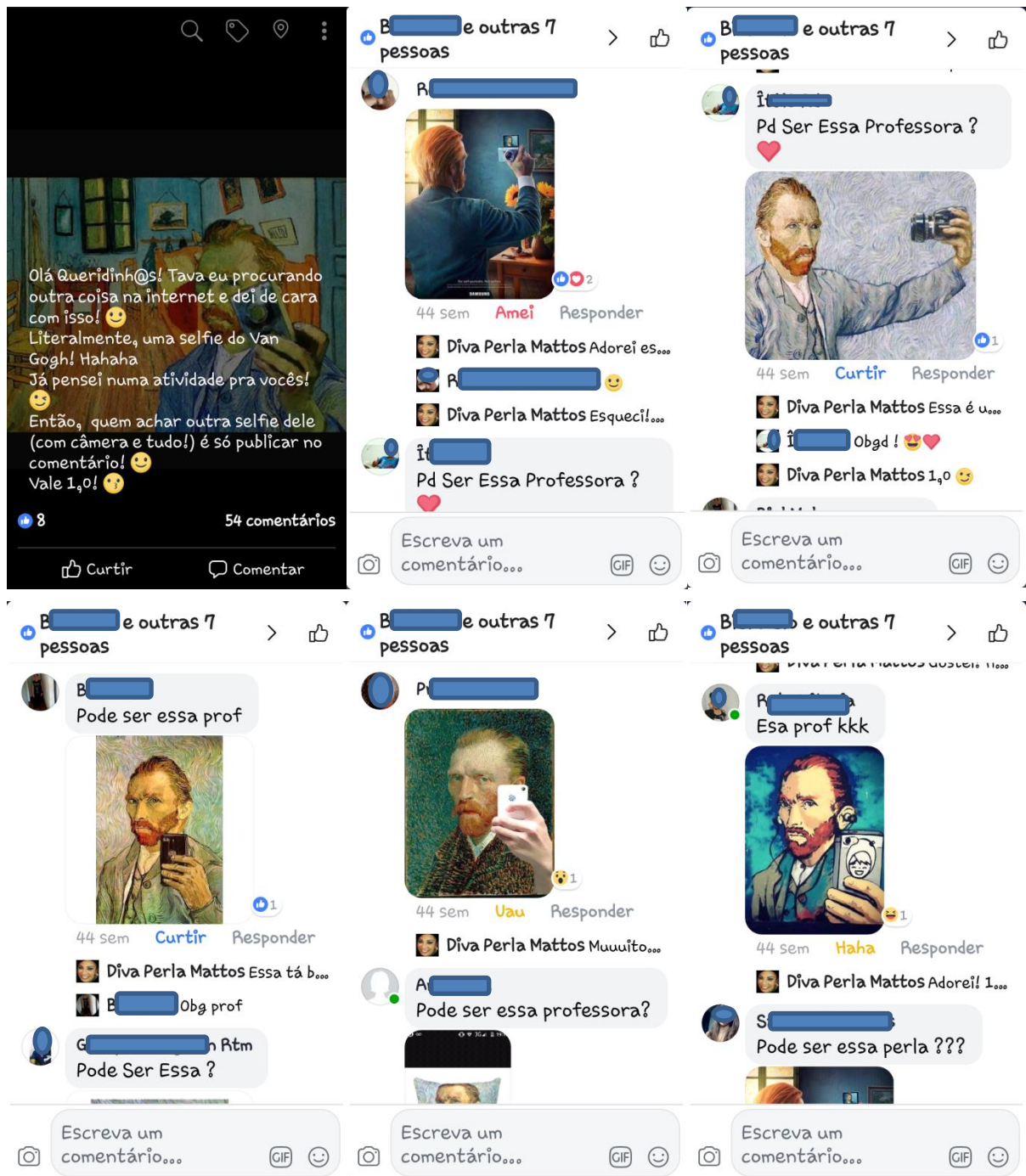
Figura 29 – Enquete sobre as obras de Van Gogh.



Fonte: Da autora (2018).

Mais uma mudança no caminho traçado ocorre quando, coletando material para realizar uma nova atividade, dessa vez sobre outro artista, encontramos a imagem em que Van Gogh está fazendo uma *selfie* dentro de uma obra de sua autoria. Essa atividade também desperta o interesse dos alunos, representado pela escolha das imagens publicadas, como podemos ver na *Figura 30*.

Figura 30 – *Selfies* do artista.



Fonte: Da autora (2018).

Durante a realização das atividades sobre Vincent Van Gogh, a participação dos alunos ocorreu de forma significativa. Mesmo não atingindo o objetivo de ser realizada totalmente *online*, já que o conteúdo sobre o pintor Van Gogh seria apresentado apenas para os alunos participantes do grupo no *Facebook*. Os desvios do caminho, que possibilitaram as mudanças na realização coletiva das atividades no “*Tá na Aula, Tá no Face!*”, foram os mesmos que possibilitam as alterações nos processos de criação de artistas; os acasos e as intervenções refletem-se nos rumos dos seus trabalhos, assim como podem ocorrer durante as aulas, sejam elas em salas de aulas físicas ou virtuais.

3. AS TRAMAS DA CONSTRUÇÃO DE UMA REDE EDUCATIVA NAS AULAS DE ARTE A PARTIR DE UMA REDE SOCIAL DIGITAL.

Como observamos, no decorrer deste trabalho, o *Facebook* é uma rede social digital onde textos e imagens fazem parte da interação entre os participantes. Escolhê-la como objeto de pesquisa apresentou alguns questionamentos sobre qual seria o método mais adequado para coleta e análise dos dados. As interações sociais que ocorrem atualmente por conta da internet possibilitam novas formas de observação. Para Halavais (*apud* FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 16), “a sociedade em rede nos força a trabalhar de novas maneiras e a estudar a sociedade de modos igualmente novos”, portanto, é preciso repensar os instrumentos de análise e coleta e verificar se são apropriados às tarefas que se aplicam.

Buscando responder ao problema da pesquisa ao apresentar os potenciais pedagógicos da referida rede, a Teoria Fundamentada mostrou-se a mais adequada, pois tem uma perspectiva diferenciada, valorizando o envolvimento do pesquisador a partir de sua “percepção subjetiva” na coleta dos dados, o que lhe dá a chance de “experimentar o campo empírico, observando os novos elementos e construindo suas percepções através da análise e reflexão sistemáticas dos dados encontrados em campo” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 84). Dessa forma, a TF traz elementos interessantes para a pesquisa em mídias digitais. Os procedimentos de coleta e análise serão apresentados no decorrer deste capítulo.

Sendo a presente pesquisa voltada à área das Artes Visuais, salientamos importância da análise das imagens registradas pelos alunos durante a visita ao centro histórico de Olinda como documento de pesquisa, pois, para Loizos (2002, p. 137), a imagem “oferece um registro restrito, mas poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais – concretos, materiais”.

3.1. Aproximação do campo e a escolha do período estudado

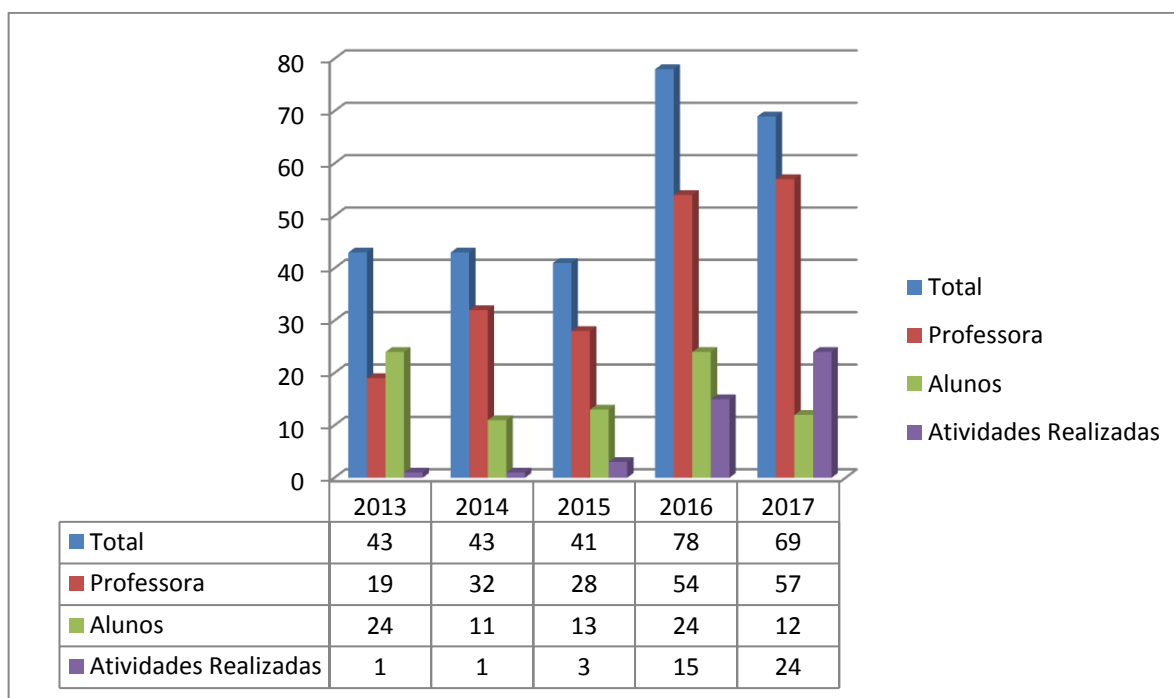
Para Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p. 89), a aproximação do campo é a primeira e mais importante etapa da construção da TF. É a partir dessa aproximação que se inicia a coleta dos dados. As autoras afirmam que é fundamental que o

pesquisador esteja familiarizado com as teorias de outros autores de forma que o processo de interpretação dos dados seja significativo.

Dessa forma, buscamos compreender como ocorreram as publicações no “*Tá na Aula, Tá no Face!*” desde o ano de sua criação, em 2013, para justificar a escolha dos anos de 2016 e 2017 como fontes de estudo. A primeira parte foi verificação das publicações que ocorreram nesse período, quantas foram feitas pela professora, quantas pelos alunos e, destas, quantas foram para a realização de atividades.

Criado em outubro de 2013, o volume de publicações nos anos de 2014 e 2015 apresentam-se praticamente os mesmos. Porém, verificamos que a realização de atividades apresenta um crescimento nos anos seguintes. Fruto do conhecimento da pesquisadora sobre a utilização dos recursos oferecidos pelo *Facebook* e das atividades no ambiente virtual *Moodle*. O ano de 2016 apresenta um número maior no total de publicações e nas realizadas pelos alunos individualmente. Já o ano de 2017 apresenta menor número no total de publicações, maior número de publicações da professora e de atividades realizadas, como podemos verificar no *Gráfico 1*.

Gráfico 1 – Publicações realizadas entre os anos de 2013 e 2017.



Fonte: Dados da autora (2018).

3.2. Coleta de dados e codificação

Para Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p. 92), os dados coletados podem ser obtidos tanto quantitativa quanto qualitativamente e sua análise deve acontecer ao mesmo tempo durante todo o período. Dessa forma, o pesquisador, durante esse processo, é provocado sobre as questões de pesquisa: sua relevância, os confrontos que ocorrem e a construção de novas questões. A flexibilidade na coleta de dados, ressaltada pelas autoras, exige uma análise sistemática e sequencial, o que leva a um dos elementos mais importantes do processo chamado de “codificação” que “é em si, uma forma de análise e consiste numa sistematização dos dados coletados, de forma a reconhecer padrões e elementos relevantes para a análise e para o problema”.

Dessa forma, a codificação se iniciou após a identificação das publicações realizadas. O passo seguinte foi classificá-las de acordo com a recorrência. Identificamos os tipos de publicação nas categorias: Álbum; Foto; *Link*; Texto; e Vídeo. Exemplificando as atividades presentes nas publicações, a *Figura 31* apresenta-as na sequência de sua classificação quanto ao *Tipo*.

Figura 31 – Tipificação das Atividades publicadas.



Fonte: Da autora (2018).

Para cada tipo, elencamos as categorias quanto aos assuntos publicados em: Arte; Atividade; Escola; Comemoração; Informativo e Motivação. Apresentamos a classificação e descrição das categorias no *Quadro 2*.

Quadro 2: Classificação das publicações.

CLASSIFICAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES		
Tipo	Assunto	Descrição
Álbum	Atividade	Publicação com mais de uma imagem de atividades realizadas em sala de aula
	Escola	Publicação com mais de uma imagem de atividades realizadas pela escola
Foto	Arte	Imagem sobre artistas, obras ou movimentos artísticos
	Atividade	Imagem para realização de atividade
	Escola	Imagem de atividades realizadas pela escola
	Comemoração	Imagem de festividades na escola
	Informativo	Imagem de informações sobre a escola ou eventos
	Motivação	Motivações para o dia a dia
Link	Arte	Sobre artistas, obras ou movimentos artísticos
	Atividade	Para realização de atividade
	Comemoração	Sobre festividades na escola
	Informativo	Informações sobre a escola ou eventos
Texto	Arte	Sobre artistas, obras ou movimentos artísticos
	Atividade	Para realização de atividade
	Comemoração	Sobre festividades na escola
	Informativo	Informações sobre a escola ou eventos
Vídeo	Arte	Sobre artistas, obras ou movimentos artísticos
	Atividade	Para realização de atividade
	Comemoração	Sobre festividades na escola

	Informativo	Informações sobre a escola ou eventos
	Motivação	Motivações para o dia a dia

Fonte: Da autora (2018).

Estas publicações ocorreram de forma variada de acordo com os anos. O que podemos perceber é que o tópico *Atividade* está presente em todos os tipos de publicação: Álbum; Foto; *Link*; Texto; e Vídeo. Para Januário e Moreira (2014, p. 68), apesar de ser uma tecnologia ainda incompreendida por alguns profissionais de educação, as redes sociais na internet recebem muitos dos nossos estudantes, sendo inevitável a incorporação dessas à escola.

Inevitavelmente, a nova cultura em rede estende-se ao sistema de ensino, e, em paralelo ao que foi dito quanto à estrutura (aprendizagem responsável, ao longo da vida para garantir a adaptabilidade e flexibilidade exigidas), a extensão das redes como processo e meio educativos equivalerá a integrar no cotidiano dos indivíduos os próprios processos de aprendizagem (*Ibid.*, p. 72).

Tomando como base o pensamento de Januário e Moreira (2014), sobre a exploração das potencialidades educativas do *Facebook*, compreendemos que é necessário estar familiarizado com os recursos e aplicativos disponíveis para utilizá-los adequadamente. A cada atualização de sistema, o *Facebook* desafia o educador a aproveitar a tecnologia disponível para criar atividades estimulantes a partir de “objetivos bem delineados, metodologias e avaliações bem claras e coerentes com os princípios de uma aprendizagem que se deseja colaborativa e construtivista” (*Ibid.*, p. 75).

No *Quadro 3*, apresentamos como ocorreram as publicações de acordo com sua classificação entre os anos de 2013 e 2017, destacando-se os anos de 2016 e 2017.

Quadro 3: Recorrência das publicações.

TIPO DE PUBLICAÇÃO	2013	2014	2015	2016	2017
Álbum	4	6	6	16	8
Foto	11	13	12	24	23
Link	4	6	2	4	7
Texto	24	13	6	7	10
Vídeo	1	7	14	24	18

ASSUNTO PUBLICADO	2013	2014	2015	2016	2017
Atividade	1	1	3	15	24
Arte	7	11	17	37	40
Comemoração	0	4	12	10	12
Escola	7	5	10	1	10
Informativos	24	19	2	10	12
Motivação	1	5	3	2	0

Fonte: Da autora (2018).

A partir dessa classificação, selecionamos as atividades realizadas em 2016 e em 2017. Listamos as atividades e, para cada uma delas, criamos as categorias que apresentam em números: Visualizações; Curtidas; Comentários; Comentários da Professora; Comentários dos Alunos; e Quantidade de alunos que realizaram a atividade. Fez-se necessário separar a categoria *Comentários* em outras duas, pois apenas dessa forma reflete-se a realidade das publicações. Em alguns comentários, os alunos expressam suas dúvidas, outras vezes precisam corrigir o que erraram ou comentam nas respostas dos colegas, o que eleva o número de comentários em uma publicação. A categoria *Quantidade de alunos que realizaram a atividade* foi criada por conta da categoria *Visualizações*, uma vez que a mesma só representa o número de pessoas que viram o que foi publicado.

As atividades publicadas foram realizadas na sequência em que estão listadas. Das 15 atividades propostas em 2016 (*Quadro 4*), duas delas não foram realizadas pelos alunos: Vídeo *flash mob*²⁸ Beethoven e Tipografia.

²⁸ *Flash mob* é uma concentração repentina de pessoas em determinado local para realizar uma performance previamente combinada. Para que o *flash mob* funcione é essencial que os transeuntes não envolvidos na ação não tenham conhecimento do que está prestes a acontecer e que o grupo que se juntou para realizar a ação, assim que esta termine, disperse novamente com a mesma rapidez e naturalidade com que se reuniu. Disponível em: <http://gigarte.pt/flash-mob/>. Acesso em: 20/06/2018.

Quadro 4: Atividades realizadas em 2016.

ATIVIDADES REALIZADAS EM 2016	Vizualizações	Curtidas	Comentários	Comentários da Professora	Comentários dos Alunos	Quantidade de alunos que realizaram a atividade
Vídeo The Piano Guys	35	4	16	4	11	4
Vídeo <i>flash mob</i> Beethoven	41	5	1	0	0	0
Fotos mandalas estudantes	229*	70*	14*	11*	3*	9
Enquete sobre o <i>Facebook</i>	64	13	13	1	12	12
Tipografia	46	9	9	4	5	0
Foto pontos turísticos de Olinda	56	13	25	8	17	6
Frase com o nome de Olinda	55	13	28	10	18	12
Pinturas de Bajado	54	13	19	10	9	9
Vídeo xilgoravrura	53	13	11	6	5	5
Artesanato <i>tetrapack</i>	49	10	11	6	5	5
Mestre Vitalino	41	9	8	4	4	1
Vídeo museu virtual	46	11	50	24	26	19
Visita ao centro histórico de Olinda I	81	23	50	20	30	9
Visita ao centro histórico de Olinda II	340*	68*	8*	4*	3*	7
Vídeo esculturas	73	14	41	14	27	18
*Somatório das informações das atividades publicadas individualmente pelos estudantes.						

Fonte: Da autora (2018).

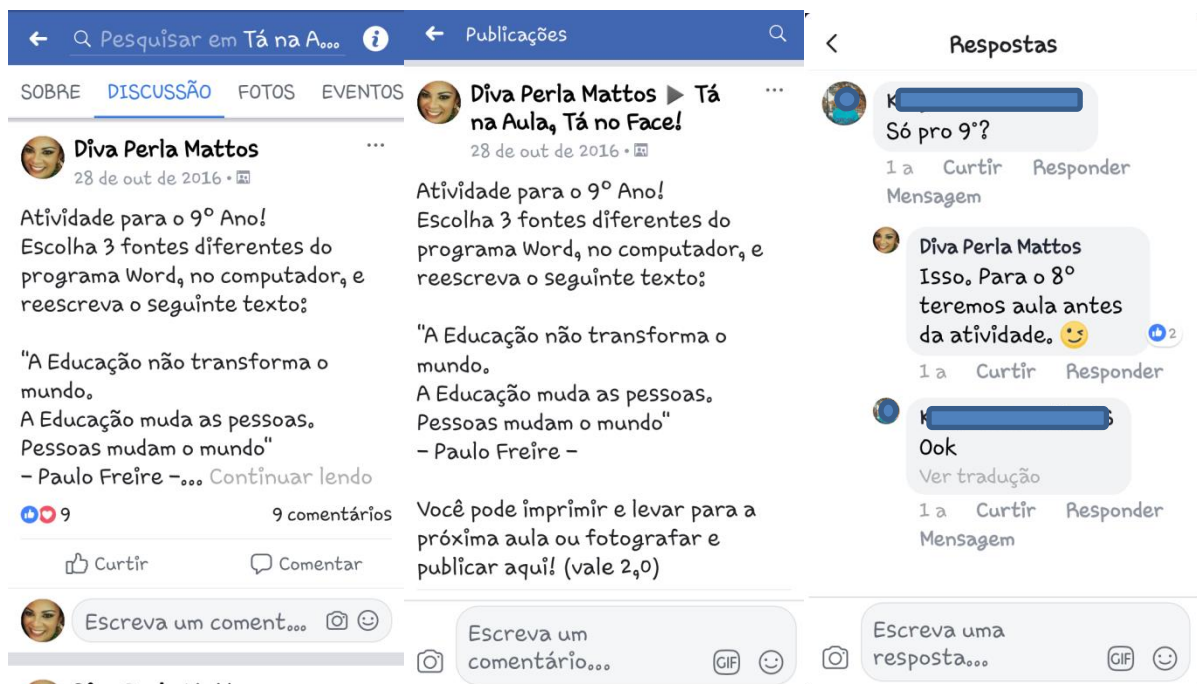
A proposta para a atividade com o vídeo de um *flash mob* com músicos em uma praça foi a de identificar a música apresentada. Durante as aulas em sala, os estudantes ouviram algumas músicas de compositores clássicos, incluindo a apresentada nessa versão. Para realizarem a atividade, foram solicitados a escreverem o nome da composição do artista Beethoven nos comentários após assistirem ao vídeo, como constatamos na *Figura 32*.

Já na atividade sobre a tipografia, apresentada na *Figura 33*, os estudantes foram solicitados a escreverem uma frase com três tipos diferentes de letras usando o computador. Eles poderiam levar a atividade para a sala de aula ou publicá-la, porém a publicação nos comentários não ocorreu. A atividade foi realizada apenas na sala de aula da escola e não chegou a ser publicada em álbum no grupo, como aconteceu com a atividade *Antes e Depois – Desenhos de Van Gogh*, apresentada no *Capítulo 2* do presente trabalho. Alguns comentários são realizados nas duas publicações, porém, como podemos observar, fogem da proposta da atividade.

Figura 32 – Atividade sobre o vídeo *flash mob* Beethoven.

Fonte: Da autora (2018).

Figura 33 – Atividade sobre tipografia.



Fonte: Da autora (2018).

Em 2017, o número de atividades realizadas passa para 24. Destas, mais uma vez, apenas duas não são realizadas pelos estudantes: Vídeo Pablo Picasso e Vídeo Origami, como observamos na *Quadro 5*.

Quadro 5: Atividades realizadas em 2017.

ATIVIDADES REALIZADAS EM 2017	Vizualizações	Curtidas	Comentários	Comentários da Professora	Comentários dos Alunos	Quantidade de alunos que realizaram a atividade
Vídeo "O que é arte?"	71	13	29	11	18	12
Foto inspiração Mondrian	69	17	32	12	20	7
Vídeo Pablo Picasso	41	6	1	0	1	0
Vídeo esculturas	71	9	23	10	13	5
Foto "Criando com linhas"	70	13	31	15	16	11
Fotos Van Gogh	74	11	34	15	19	9
Vídeo Van Gogh	47	5	15	7	8	4
Desenho Van Gogh	59	12	24	10	14	1
Autorretrato Van Gogh	55	6	5	3	2	2
Autorretrato inspiração Van Gogh	77	16	19	11	9	6
Edição de fotos com <i>PicsArt</i> e <i>PhotoEditor</i>	50	10	41	13	28	8
Bandeirinhas Alfredo Volpi	71	9	32	13	19	11
Foto "Complete o desenho" I	75	9	29	12	17	9
Foto "Complete o desenho" II	85	11	43	16	27	10
Foto "Complete o desenho" III	62	9	15	7	8	6
Van Gogh <i>selfies</i>	66	8	54	25	29	16
Enquete Van Gogh	52	9	19	9	10	25
Foto Frida Khalo	70	10	41	18	23	14
Natureza morta Frida Khalo	66	11	37	17	20	15
México e Frida Khalo	77	11	64	28	36	17
Vídeo Origami	41	4	4	2	2	0
Vídeo autorretrato Frida Khalo	59	6	33	13	20	10
Fotos quebra-cabeças Olinda	61	7	15	5	10	3
Edição de fotos Frida Khalo	68	13	6	2	4	1

Fonte: Da autora (2018).

No primeiro vídeo, o artista Pablo Picasso modela uma escultura em argila. Os alunos conheceram um pouco sobre o mesmo em sala de aula e são orientados a pesquisarem outras esculturas produzidas pelo artista e publicarem nos comentários (*Figura 34*). Uma aluna publica uma obra, porém é uma pintura.

No segundo vídeo, os alunos acompanham o trabalho da artista Mademoiselle Maurice que faz grafites com origamis. São solicitados a produzirem os seus origamis, fotografarem e publicarem nos comentários (*Figura 35*). Essa atividade é solicitada a partir do repertório do aluno sobre a técnica apresentada e não por ter sido realizada em sala de aula. Apesar dos questionamentos quanto à realização, eles não conseguem finalizá-la.

Figura 34 – Atividade sobre o vídeo Pablo Picasso.

Facebook post by Diva Perla Mattos, dated 28 de mar de 2017. The post text reads: "Alunos do 6º ano!!! Vejam Pablo Picasso, o autor da obra 'Guernica', trabalhando na construção de uma escultura de pássaro! ❤️ Nossa atividade hoje é encontrar e postar a imagem de outras esculturas produzidas por esse artista. Vale 1,0 para as postagens feitas até o dia 30/03. 😊". The video thumbnail shows hands working on a clay bird sculpture. The post has 1,035,620 visualizações, 6 likes, and 1 comentário. A sponsored post from 'Pots In Action' is also visible, dated 7 de mar de 2017, with the text: "It's movie night! Picasso! Watch this speedy clip of Pablo Picasso a Vallauris di Luciano".

Fonte: Da autora (2018).

Figura 35 – Atividade sobre o vídeo Origami.

Facebook post by Diva Perla Mattos, dated 28 de set de 2017. The post text reads: "Olhem que legal! ❤️ 2,0 pontinhos pra quem fizer um origami e postar a foto aqui! 😊". The video thumbnail shows a colorful origami structure. The post has 160,696 visualizações, 4 comentários, and was visualized by several users. A sponsored post from 'PlayGround BR' is also visible, dated 4 de mai de 2017, with the text: "Grafites de origami: a arte urbana abandona os muros. Com Mademoiselle Maurice". The comments section shows interactions with the post.

Fonte: Da autora (2018).

Uma vez que, no *Capítulo 2* do presente trabalho, apresentamos um conjunto de atividades relativas aos anos de 2016 e 2017 realizadas com participação efetiva dos estudantes, optamos por apresentar, neste capítulo, as atividades não realizadas pelos alunos buscando refletir, dessa forma, sobre os motivos que

levaram a isso. Cada atividade apresentou diferentes graus de dificuldade, desde a identificação de uma música clássica instrumental, a utilização do computador com impressora, ao conhecimento sobre esculturas e origamis e à utilização das câmeras dos *smartphones*.

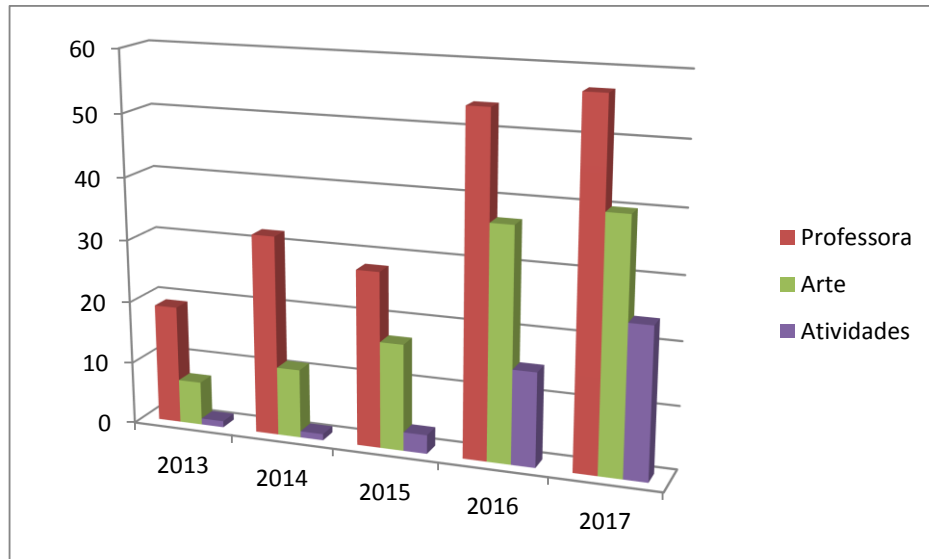
Teriam os próprios recursos tecnológicos dificultado a realização das atividades? Ou teriam as atividades não apresentado objetivos bem delineados em sua realização como apontam os autores Januário e Moreira (2014) quanto à utilização do *Facebook* pelo educador? Ou ainda, teriam as atividades não atraído a atenção dos alunos apesar das *Curtidas* que cada uma recebeu? O fato é que os estudantes optaram por não realizar essas 4 atividades e, mesmo não finalizadas, essas possibilitaram aos participantes que as visualizaram e aos estudantes que comentaram as publicações, uma apreciação artística diversificada.

Para Pimentel (2011, p. 119), a interação em espaços virtuais e a troca de experiências nestes, colaboram para a melhoria e a democratização do ensino de Arte. Dessa forma, seja trabalhando com meios tradicionais ou com recursos tecnológicos contemporâneos, “a preocupação com a aprendizagem de conhecimentos em Arte, portanto, deve estar presente todo o tempo” (*Ibid.*, 116).

A última codificação proposta pela TF é, segundo Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p. 103), a “codificação seletiva” que “trata da integração das categorias em uma categoria central, que corresponde ao fenômeno central em estudo”. Nesse caso, como objetivo geral do presente trabalho é identificar o potencial pedagógico do *Facebook*, registramos que, dentre as publicações realizadas pela professora no “*Tá na Aula, Tá no Face!*” entre os anos de 2013 e 2017, as publicações nas categorias *Arte* e *Atividades* ocorreram de forma crescente, como apresentamos no *Gráfico 2*.

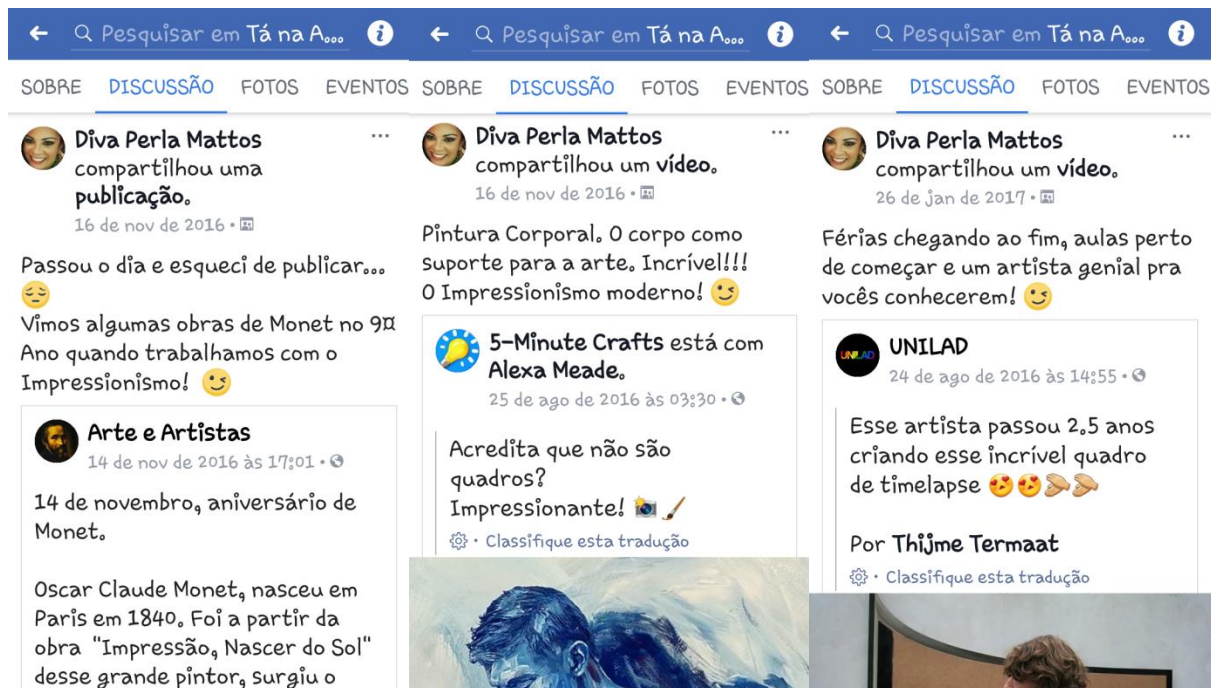
Dessa forma, os conteúdos abordados nas publicações, seja para a realização de atividades ou não, procuram contribuir para o desenvolvimento do pensamento artístico dos participantes do grupo. Na *Figura 36* vemos as publicações da professora, classificadas na categoria *Arte*, que apresentam conteúdos já conhecidos dos estudantes e que dão continuidade ao processo de ensino e aprendizagem mesmo quando os estudantes estão fora do período letivo.

Gráfico 2 – Publicações realizadas pela professora.



Fonte: Da autora (2018).

Figura 36 – Publicações sobre Arte.



Fonte: Da autora (2018).

Antes de partirmos para a última etapa da TF, apresentaremos uma análise das fotografias registradas pelos estudantes do 8º e 9º anos durante a visita ao centro histórico de Olinda. Os estudantes estavam no mesmo lugar ao mesmo tempo, porém sua percepção do que viram foi diferenciada. Os dados foram coletados a partir da observação do que se vê em cada imagem registrada pelos alunos.

Nomeadas as categorias, a análise apresenta a frequência com que aparecem nas fotografias (*Quadro 6*). Para Flusser (2011, p. 51), “o fotógrafo ‘escolhe’, dentre as categorias disponíveis, as que lhe parecem mais convenientes. Neste sentido, o aparelho funciona em função da intenção do fotógrafo”. Loizos (2002, p. 141) afirma que os contextos sociais influenciam o modo de entender o conteúdo de uma fotografia. Pessoas diferentes, ao observarem a mesma imagem, terão percepções, sensações e as descreverão de maneiras diferentes devido às suas biografias individuais. Das 303 fotografias analisadas, 133 são de alunos do 8º ano e 170 são de alunos do 9º ano.

Quadro 6: Frequência de registro nas imagens do 8º e 9º anos.

8º Ano	Registros	Frequência	9º Ano	Registros	Frequência
	Árvores	49		Árvores	88
	Céu	43		Céu	88
	Casas	39		Pedras	58
	Artesanato	37		Pessoas	52
	Pessoas	37		Mar	50
	Madeira	31		Casas	41
	Parede	27		Telhados	41
	Pedras	27		Madeira	40
	Paisagem	26		Coqueiros	35
	Igreja	24		Igreja	33

Fonte: Da autora (2018).

Observamos que, das 10 categorias listadas, 7 categorias estão presentes nos registros das duas turmas: Árvores; Casas; Céu; Igreja; Madeira; Pedras; e Pessoas, apesar da frequência ser diferente para cada turma. As 3 categorias que completam a lista são diferentes para as duas turmas. No 8º ano, elencamos: Artesanato; Paisagem; e Parede. Já para o 9º ano, as categorias são: Coqueiros; Mar; e Telhados. Essas categorias são presentes em ambas as turmas, porém não apareceram com a frequência necessária para fazerem parte das duas listas. Utilizamos a *Figura 36* e a *Figura 37* para as respectivas turmas, representando todas as categorias listadas durante o processo de coleta de dados.

Figura 37 – Análise das imagens do 8º ano.



Fonte: Da autora (2018).

3.3. Discussão dos resultados

Segundo Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p. 106), é neste momento da TF, sobre a discussão dos resultados, que o pesquisador cria a sua “sensibilidade teórica” em relação às informações coletadas. Porém, em alguns estudos, essa sensibilização se desenvolve durante todo o processo. No presente trabalho, a abordagem teórica realizada durante todo o processo de codificação e análise dos dados auxiliaram a pesquisadora em relação ao objeto de estudo.

Observamos que a interação entre os participantes do grupo ocorreu durante publicações realizadas no “*Tá na Aula, Tá no Face!*”. Os *laços* estabelecidos entre a professora e os estudantes na escola constituíram-se nos *nós* que criaram a *rede* de aprendizagem no *Facebook*. Em alguns momentos, a rede se expandiu alcançando a participação de muitos alunos durante as atividades. Em outros, esteve menor quando as atividades propostas não foram finalizadas. Porém, as conexões foram mantidas durante as publicações.

Na era das conexões as pessoas aprendem trabalhando em conjunto, colaborando umas com as outras, com os professores e também entre si. A colaboração está se tornando o foco de uma outra pedagogia focada na participação, na interação, complexa, dinâmica, multidirecional e muito mais criativa. (COUTO, 2014, p. 62).

Segundo Castells (2016, p. 482), dentro das universidades de qualidade está surgindo a combinação do ensino *online* com o ensino *in loco*. O autor afirma que “isso significa que o futuro da educação superior não será *online*, mas em redes entre nós de informática, salas de aula e o local onde esteja cada aluno”. Estando as universidades se adequando a essa modalidade de ensino, como estão as escolas? Estarão os estudantes da educação básica preparados para o modelo de ensino que encontrarão nas universidades?

Como vimos anteriormente no presente trabalho, a disponibilidade do uso de computadores e o acesso à internet nas escolas vem aumentando. Quando as mesmas não estão preparadas, há a possibilidade de os estudantes utilizarem seus aparelhos de *smartphones* com acesso a internet e, conseqüentemente, às redes sociais digitais. Dessa forma, faz-se necessário refletir se a utilização destas pelos educadores nas escolas contribuiria para o uso adequado dos ambientes virtuais de aprendizagem pelos estudantes quando ingressarem nas universidades.

Para Januário e Moreira (2014), as redes sociais *online* oportunizam a integração de diferentes aprendizagens (formal, informal e não formal). Afirmam ainda que, um processo dinâmico de ensino e aprendizagem é um desafio para os educadores uma vez que coloca o aluno como parte integrante desse processo tornando-os mais autônomos em suas ações e “responsáveis pela construção do seu próprio conhecimento” (*Ibid.* p. 80).

No final do ano de 2017, outro recurso começa a ser utilizado pela professora. Ela cria uma personagem com suas características físicas em forma de desenho, através do aplicativo *Bitmoji*, para interagir com os alunos. É com essa personagem que a mesma questiona os estudantes sobre as atividades realizadas no grupo. Ao acompanhar as respostas, nas *Figuras 39 e 40*, observamos o resultado positivo do ensino e aprendizagem em rede.

Os estudantes afirmam que gostavam de realizar as atividades, pois eram “divertidas”, “legais”, “incríveis”, “bacana”, que algumas foram “fáceis de fazer”, que outras, porém, foram “difíceis” e que ainda assim, conseguiram aprender “algo”. Uma aluna diz que a iniciativa de propor atividades no *Facebook* “foi uma boa ideia”, outra que “ajuda muito em relação as notas” e afirma o seu desejo “por mais aulas assim, por mais professores assim!”.

Alguns comentários apresentam um tom saudosista, pois parte dos estudantes não estuda mais na escola e, após as primeiras publicações realizadas em 2018, a professora passa a integrar a equipe disciplinar de outra unidade de ensino, encerrando suas atividades na escola Gregório Bezerra.

Figura 39 – Publicação sobre as atividades realizadas no “Tá na Aula, Tá no Face!” (parte 1).

Publicações ← Publicações Publicações Publicações

Divia Perla Mattos ▶ **Tá na Aula, Tá no Face!**
22 de mai às 08:45 •

Olá Queridinh@s! Estou passando por aqui para pedir uma ajudinha de vocês. Gostaria de saber se vocês podem me responder umas perguntinhas em relação as nossa aulas aqui no grupo para colocar no meu trabalho do Mestrado? 😊 Vocês só precisam responder se gostaram ou não gostaram, se foi difícil fazer alguma atividade ou foi fácil, e se conseguiram ou não conseguiram aprender algo por aqui. Ficarei muito feliz em receber as respostas! ❤️ Beijos! 🥰

👍 Curtir 💬 Comentar

👍👍 J [redacted] e outras 14 pessoas
Visualizado por 80

👍 J [redacted]
sim, eu gostava de atividades neste grupo. ❤️ 1
4 sem Amei Responder

👤 A [redacted]
Eu gostei muito, todas as atividades foram fáceis de fazer, consegui fazer a maioria das atividades, aprendi muito com você ❤️ 🥰 1
4 sem Amei Responder

📷 Escreva um comentário... GIF 😊 📷 Escreva um comentário... GIF 😊 📷 Escreva um comentário... GIF 😊

Publicações ← Publicações Publicações Publicações

👤 K [redacted]
Eu acho que é uma maneira extremamente melhorada de dá uma aula, além de antecipar, ajuda muito em relação as notas.. Por mais aulas assim, por mais professores assim! ❤️ #SaudadesProfessora ❤️ 1
4 sem Amei Responder

👤 L [redacted]
Era maravilhoso também poder ter atividades por aqui, foi uma boa idéia que a senhora teve! Amava as atividades por aqui, algo bem bacana mesmo.. ❤️ 🥰 e sdds de tudo isso ❤️ 1
4 sem Amei Responder

👤 S [redacted]
Sim, as suas atividades eram muito legais e fora que eram divertida e eu e outras pessoas aprenderam muito com elas ❤️ 1
4 sem Amei Responder

👤 I [redacted]
Foi Sim! 🥰 ❤️ 1
4 sem Amei Responder

👤 V [redacted]
Ótima maneira de dar aula ❤️, gostava muito é tenho sdds disso ❤️ 1
4 sem Amei Responder

👤 E [redacted]
Amo é ótimo o modo de aprendizado aqui com a senhora A senhora é muito boa professora ❤️ 1
4 sem Editado Amei

👤 D [redacted]
Eu gostava muuuito! Algumas atividades eram faceis outras eram um pouco difíceis... 1
4 sem Amei Responder

📷 Escreva um comentário... GIF 😊 📷 Escreva um comentário... GIF 😊 📷 Escreva um comentário... GIF 😊

Fonte: Da autora (2018).

Figura 40 – Publicação sobre as atividades realizadas no “Tá na Aula, Tá no Face!” (parte 2).



Fonte: Da autora (2018).

Observamos que o grau de dificuldade não prejudicou a proposição e a realização de atividades pela professora e pelos alunos. Essas são respostas que estimulam a professora a dar continuidade ao seu trabalho através do *Facebook*, criando um novo “Tá na Aula, Tá no Face!” com os alunos da atual unidade de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças ocorridas na maneira das pessoas se comunicarem, principalmente a partir da criação da internet, levaram ao surgimento de uma sociedade denominada *sociedade em rede*. As conexões entre os participantes dessa sociedade, através dos nós que constituem a rede, transformaram as relações sociais. É a partir dessas conexões que as redes sociais na internet vão ganhando espaço nas relações humanas passando a fazer parte do dia a dia de muitas pessoas conectando-as através de laços pessoais, profissionais e educacionais.

A presente pesquisa buscou apresentar os potenciais pedagógicos da rede social digital *Facebook* utilizada como recurso metodológico nas aulas de Arte com alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Apresentando um modelo de comunicação síncrona e assíncrona e intenso volume de informações de conteúdo digital, o *Facebook* permite que os estudantes, ao receberem e repassarem essas informações, atuem como transmissores de conhecimento.

A partir desse modelo de comunicação, que parcialmente constitui um AVA, identificamos os potenciais pedagógicos do *Facebook* através da análise das publicações realizadas no grupo fechado “*Tá na Aula, Tá no Face!*”. Essas publicações apresentaram um ensino e aprendizagem interativos, colaborativos e participativos que possibilitaram a construção de conhecimentos em Arte a partir de conteúdos organizados e compartilhados com os estudantes através da utilização dos recursos disponíveis nessa rede social digital.

O conjunto de atividades apresentadas foi elaborado a partir de conteúdos disponíveis *online* encontrados nos *sites* sobre arte e artistas, *sites* de museus virtuais, em vídeos publicados no *YouTube*; do uso de aplicativos para edição de imagens; e, muitas vezes, de publicações presentes no *feed* de notícias do *Facebook* da professora. A análise dessas atividades apresentou suas contribuições para o desenvolvimento do pensamento artístico dos estudantes, estimulando a continuidade das mesmas, aliando o ensino tradicional ao não tradicional.

Observamos que o ensino e a aprendizagem através da rede social digital *Facebook* realizado com os estudantes sujeitos da pesquisa apresentou resultados positivos, pois a interação entre os participantes possibilitou uma aprendizagem formal, informal e não formal. Os recursos utilizados para a elaboração das atividades pela professora foram os mesmos utilizados pelos alunos para realizá-las.

A insuficiência de recursos tecnológicos e a falta de acesso à internet na escola Gregório Bezerra abriu espaço para a utilização de um recurso que se encontrava na palma da mão dos estudantes. Utilizados de forma adequada pela professora e pelos alunos os celulares, *smartphones* e as redes sociais digitais transformam-se em aliados durante as aulas de Arte.

Para chegar ao resultado apresentado no presente trabalho, os dados utilizados na análise das atividades foram coletados diretamente das publicações realizadas no “*Tá na Aula, Tá no Face!*”. A análise sistemática destes resultou na codificação dessas informações através de gráficos e tabelas que contribuíram para a criação da sensibilidade teórica que acompanhou a pesquisadora durante todo o processo. O diálogo com os autores foi de fundamental importância para responder o problema da pesquisa e alcançar seus objetivos.

Vimos que as reflexões e o debate sobre o uso de tecnologias na escola estão presentes em muitos documentos e que sempre se utilizaram inovações tecnológicas para os propósitos da Arte. Dessa forma, procuramos refletir acerca do uso das redes sociais digitais no ensino de Arte.

Não há uma fórmula, uma receita ou um modelo a ser seguido. Assim como o *Facebook* atualiza frequentemente seu sistema, é preciso estar atualizado para manter ativas as conexões entre professora e alunos. Dessa forma, pretendemos dar continuidade ao ensino e aprendizagem em rede, criando nós com outras redes sociais digitais, fortalecendo os laços existentes e estabelecendo novos. Esperamos que o presente trabalho contribua positivamente para estimular a elaboração de propostas de ensino e aprendizagem utilizando as redes sociais digitais não só em Arte, mas em todas as disciplinas do currículo.

Ao final desta pesquisa, passo a fazer parte da equipe de professores da escola Sagrado Coração de Jesus, que, em março de 2018, torna-se a primeira escola de tempo integral do município de Olinda. A escola está localizada no bairro do Amaro Branco, uma antiga vila de pescadores, de onde avistamos o mar em frente à escola e o farol da cidade na parte de trás. Apresenta-se um novo desafio como professora e como pesquisadora, pois, a partir da proposta de uma educação integral, surge a possibilidade de agregar outras disciplinas e professores ao recém-criado “*Tá na Aula, Tá no Face! – EMTI Sagrado Coração de Jesus*”. E assim, continuaremos a navegar no mar azul do *Facebook*.

Figura 41 – “Tá na Aula, Tá no Face! – EMTI Sagrado Coração de Jesus”.



Fonte: Da autora (2018).

REFERÊNCIAS

AMANTE, Lúcia. Facebook e novas sociabilidades: contributos da investigação. (p. 27-46). In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edmea, (Orgs). **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014. Disponível em SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

ARRIAGA, Liliana Pimentel. **Porque vinieron para quedarse: Redes Sociales, sus ventajas y desventajas**. 2009. Disponível em <http://www.infosol.com.mx/espacio/Articulos/Desde_el_Aula/porque_vinieron_para_quedarse_redes_sociales_susventajas_y%20desventajas.html#.Vb2hfpN_Ok> acesso em 01/08/2017.

BAÑOS, Juan Cascón. **Infografía com la evolución del Social Media**. Creada e Actualizada: 22/07/2015. <<http://www.frikipandi.com/public/post/infografia-con-la-evolucion-del-social-media/>> acesso em 01/08/2017.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

_____. (org.). **Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BARTHES, Roland; tradução de GUIMARÃES, Júlio Castañon. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUMAN, Zygmunt. **Diálogos com Zygmunt Bauman**. Entrevista para o Fronteiras do Pensamento. Vídeo publicado em 10/08/2011. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=POZcBNo-D4A>>, acesso em 30/08/2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Cultura. **Olinda eleita capital da cultura 2006**. 08/07/2005 <http://www.cultura.gov.br/o-dia-a-dia-da-cultura/-/asset_publisher/waaE236Oves2/content/olinda-eleita-capital-brasileira-da-cultura-2006-45146/10883> acesso em 04/07/16.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 17 ed. rev. e ampl. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

CAVADIA, Carmem. **Nuevos Modelos de Comunicacion, Perfiles y Tendencias em las Redes Sociales**. Disponível em <<http://www.sociedadtecnologia.org/file/view/172207/nuevos-modelos-de-comunicacion-perfiles-y-tendencias-en-las-redes-sociales>> acesso em 05/08/2017.

CAYRE, Regiane. **Web.Conferência – Profa. Regiane Cayre**. Transmissão ao vivo em 03/05/2016. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=oBD5vg0eMCY>>, acesso em 17/10/2017.

CETIR.BR. **Marco Referencial Metodológico para a Medição do Acesso e Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) na Educação**. 2016. Disponível em <<http://www.cetic.br/publicacoes/indice/>>. Acesso em 03/10/2017.

_____. **TIC Educação 2016**. 2017. Disponível em <<http://www.cetic.br/pesquisa/educacao/>>, acesso em 15/08/2017.

CÔRTEZ, Gustavo Pereira. **Tecnologias digitais no ensino de teatro e dança II – Prof. Gustavo Côrtes**. Transmissão ao vivo em 31/05/2016. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ihm7fy3b3ao>>, acesso em 17/10/2017.

COURSERA. **Como se genera una red social?** Disponível em <<https://www.coursera.org/learn/intro-redes-sociales/lecture/FOF3i/como-se-genera-una-red-social>>, acesso em 01/08/2017.

_____. 2017a. **História de las redes sociales**. 2017. Disponível em <<https://www.coursera.org/learn/intro-redes-sociales/lecture/RyZZ4/historia-de-las-redes-sociales>> acesso em 01/08/2017.

COUTO, Edvaldo de Souza. Pedagogias das Conexões: compartilhar conhecimentos e construir subjetividades nas redes sociais digitais. (p. 47-65). In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edmea, (Orgs). **Facebook e educação**: publicar, curtir, compartilhar [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014. Disponível em SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

_____. Educação e redes sociais digitais: privacidade, intimidade inventada e incitação à visibilidade. **Em Aberto**. Brasília, v. 28, n. 94, p. 51-61, jul/dez 2015.

DIGITAL IN 2017. **Digital in 2017 Global Overview**. Disponível em <<https://www.slideshare.net/wearesocialsg/digital-in-2017-global-overview>> acesso em 20/08/2017.

_____. 2017a. **Digital in 2017 South America**. Disponível em <<https://www.slideshare.net/wearesocialsg/digital-in-2017-south-america>> acesso em 20/08/2017.

EDUCAUSE. **7 things you should know about... Facebook II**. Disponível em <<http://net.educause.edu/ir/library/pdf/ELI7025.pdf>>, acesso em 10/07/2017.

FACEBOOK. **Central de Ajuda**. 2017. Disponível em <https://www.Facebook.com/help/?helpref=hc_global_nav> acesso em 22/07/2017.

_____. 2017a. **Facebook Newsroom**. 2017. Disponível em <<https://br.newsroom.fb.com/>> acesso em 22/07/2017.

FARIAS, Livia Cardoso; DIAS, Rosanne Evangelista. Discursos sobre o uso das TIC na educação em documentos Ibero-Americanos. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 14, n. 27, jul./dez. 2013. p. 83–104.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Metodologia do ensino de arte**: fundamentos e proposições. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2009.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Annablume, 2011.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GARCIA, Fernanda Wolf. A importância do uso das tecnologias no processo de ensino-aprendizagem. **Educação a Distância**. Batatais, v. 3, n. 1, p. 25-48, jan/dez 2013.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo, (Orgs). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GIL, Gilberto. Pela Internet. In: GIL, Gilberto. **Quanta**. Rio de Janeiro: Warner Music, 1997. Faixa 7. CD.

KASTRUP, Virgínia. A rede: uma figura empírica da ontologia do presente. (p. 80-90) **Tramas da Rede**: Novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Org. PARENTE, André. Porto Alegre: Sulina, 2010.

LENINE. A Rede. In: LENINE. **Na Pressão**. Rio de Janeiro: Sony BMG, 1999. Faixa 5. CD.

_____. **Lenine: sobre a música “A Rede”**. Entrevista para o canal Lenine Oficial. Vídeo publicado em 17/12/2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sRCxB2nI2PQ>>. Acesso em 25/07/2017.

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa (p. 137-155). In: BAUER, Martin W.; GASKEL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOYOLA, Geraldo Freire. **Me adiciona.com**: Ensino de Arte+Tecnologias Contemporâneas+Escola Pública. Dissertação de Mestrado. Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

MACHADO, Regina Stela. Sobre mapas e bússolas: apontamentos a respeito da Abordagem Triangular. (p. 64-79). **Abordagem Triangular no ensino das artes e**

culturas visuais. BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da. (Orgs). São Paulo: Cortez, 2010.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa da pesquisa. **Educação e Pesquisa.** São Paulo, v.30, n.2, p.289-300, maio/ago. 2004.

MOREIRA, José Antônio; JANUÁRIO, Susana. Redes sociais e educação: reflexões acerca do Facebook como espaço de aprendizagem. (p. 67-84). In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edmea, (Orgs). **Facebook e educação:** publicar, curtir, compartilhar [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014. Disponível em SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

MUSSO, Pierre. A filosofia da rede (p. 17-38). In: PARENTE, André (Org.). **Tramas da Rede:** Novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PARSONS, Michael; tradução de GUIMARÃES, Leda. Currículo, arte e cognição integrados (p. 295-317). In: BARBOSA, Ana Mae. (Org.). **Arte/educação contemporânea:** consonâncias internacionais. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PEREZ, Luana Castro Alves. Cinquenta anos de Mafalda. **Brasil Escola.** Publicado em 2014. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/redacao/cinquenta-anos-mafalda.htm>>. Acesso em 18/06/2018.

PERNAMBUCO, 2018. Disponível em: <http://www.educacao.pe.gov.br/portal/?pag=1&men=70>. Acesso em: 10/06/2018

PHILLIPS, Linda Fogg; BAIRD, Derek E.; FOGG, B. J. **Facebook para educadores.** 2011. Disponível em <<https://www.Facebook.com/safety/groups/teachers>> acesso em 22/07/2017.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Tecnologias contemporâneas e o ensino da Arte (p. 113-121). In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte..** 6 ed. São Paulo: Cortez, 2011,

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

SALLES, Cecília Almeida. **Redes da criação:** construção da obra de arte. São Paulo: Horizonte, 2006.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano:** da cultura das mídias a cibercultura. 4 ed. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTI, Alexandre; GARATTONI, Bruno. O lado negro do Facebook. **Super Interessante.** Publicado em 10 dez 2015, 12h45. Disponível em <<https://super.abril.com.br/tecnologia/o-lado-negro-do-Facebook/>> acesso em 27/07/2017.

SANTOS, Félix Requena. El concepto de red social. **Reis**: Revista española de investigaciones sociológicas. Nº 48, 1989 (p. 137-152).
<<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=249260>> acesso em 05/08/2017

THIOLLENT, Michel Jean Marie; COLETTE, Maria Madalena. Pesquisa-ação, formação de professores e diversidade. **Acta Scientiarum**. Humanand Social Sciences. Maringá v. 36, p. 207-216, jul/dez 2014. Disponível em
<<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/23626/0>> acesso em 20/01/2018.

UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Padrões de Competências em TIC para Professores**. 2009.
<<http://www.unesco.org/en/competency-standards-teachers>>, acesso em 18/04/2016.

VIANA JÚNIOR, Gerardo Silveira. **Videoconferência – Tecnologias e mídias em educação – Prof. Gerardo Viana**. Transmissão ao vivo em 17/05/2016. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=uGiA1KEsJoM&t=1327s>>, acesso em 17/10/2017.

APÊNDICE

Pela Internet – Gilberto Gil

Criar meu web site

Fazer minha home-page

Com quantos gigabytes

Se faz uma jangada

Um barco que veleje

Que veleje nesse infomar

Que aproveite a vazante da infomará

Que leve um oriki do meu velho orixá

Ao porto de um disquete de um micro em Taipé

Um barco que veleje nesse infomar

Que aproveite a vazante da infomará

Que leve meu e-mail até Calcutá

Depois de um hot-link

Num site de Helsinque

Para abastecer

Eu quero entrar na rede

Promover um debate

Juntar via Internet

Um grupo de tietes de Connecticut

De Connecticut acessar

O chefe da Macmilícia de Milão

Um hacker mafioso acaba de soltar

Um vírus pra atacar programas no Japão

Eu quero entrar na rede pra contactar

Os lares do Nepal, os bares do Gabão
Que o chefe da polícia carioca avisa pelo celular
Que lá na praça Onze tem um vídeopôquer para se jogar

A Rede – Lenine

Nenhum aquário é maior do que o mar
Mas o mar espelhado em seus olhos
Maior, me causa um efeito
De concha no ouvido, barulho de mar
Pipoco de onda, ribombo de espuma e sal

Nenhuma taça me mata a sede
Mas o sarrabulho me embriaga
Mergulho na onda vaga
Eu caio na rede
Não tem quem não caia
Eu caio na rede
Não tem quem não caia
Eu caio na rede

Às vezes eu penso que sai dos teus olhos o feixe
De raio que controla a onda cerebral do peixe
Às vezes eu penso que sai dos teus olhos o feixe
De raio que controla a onda cerebral do peixe

Nenhuma rede é maior do que o mar
Nem quando ultrapassa o tamanho da Terra
Nem quando ela acerta, nem quando ela erra
Nem quando ela envolve todo o planeta

Explode, devolve pro seu olhar
O tanto de tudo que eu tô pra te dar
Se a rede é maior do que o meu amor
Não tem quem me prove
Se a rede é maior do que o meu amor
Não tem quem me prove
Se a rede é maior do que o meu amor

Não tem quem me prove
Se a rede é maior do que o meu amor
Não tem quem me prove

Às vezes eu penso que sai dos teus olhos o feixe
De raio que controla a onda cerebral do peixe
Às vezes eu penso que sai dos teus olhos o feixe
De raio que controla a onda cerebral do peixe

(Eu caio na rede, não tem quem não caia)
Se a rede é maior do que o meu amor, não tem quem me prove
Eu caio na rede, não tem quem não caia